

AperTO - Archivio Istituzionale Open Access dell'Università di Torino

Castiçal (Candelaio)

This is the author's manuscript

Original Citation:

Availability:

This version is available <http://hdl.handle.net/2318/1929570> since 2023-09-04T18:33:47Z

Publisher:

Perspectiva

Terms of use:

Open Access

Anyone can freely access the full text of works made available as "Open Access". Works made available under a Creative Commons license can be used according to the terms and conditions of said license. Use of all other works requires consent of the right holder (author or publisher) if not exempted from copyright protection by the applicable law.

(Article begins on next page)

Castiçal

Comédia de Giordano Bruno de Nola,
Acadêmico de Academia nenhuma, dito o enjoador

In tristitia hilaris, in hilaritate tristis

O LIVRO AOS QUE BEBEM NA FONTE DO CAVALO ALADO¹

Vós que das Musas no peito mamais
E com o beijo nadais em suas farturas²,
Vossas excelências, dai-me audiência
Se de fé e paciência o coração se inflama.

Eu choro, suplico, peço um epigrama,
encômio, soneto, hino, ode
pra pôr na popa ou proa da comédia³
e me deixar contente ver a *mamma*.

Eu, que em vão desejo andar paramentado
e continuo pelado como um Bia⁴,
pior ainda: me convém, coitado
mostrar aberto à vossa Senhoria

o zero e o pau, tal qual o pai Adão

¹ A fonte de Hipocrene, que o mítico cavalo Pégaso fez brotar com um coice aos pés do Hélicon, monte sagrado das Musas. Das águas desta fonte, acreditava-se, vinha a inspiração poética, de modo que os que bebem nela são os poetas. A tradução do soneto é de Márvio dos Anjos.

² A invocação cita a abertura do Baldus, de Teófilo Folengo (I,2).

³ No começo ou no final da comédia.

⁴ Biante, um dos sete sábios da Grécia Antiga, passeava nu, dizendo levar consigo todos os bens (*omnia mea mecum porto*). No século XVII, a palavra era usada para parafrasear a condição de mendigo.

sem pecado na cama em que dormia⁵.

Uma ninharia

de calças eu peço, enquanto ouço

armar de baixo grande fúria de cavalaria⁶.

⁵ Alusão à bíblica nudez de Adão no Paraíso terrestre.

⁶ Castigo comum nas escolas, a “cavalaria” consistia em chicotear o punido, que deveria ficar nu e de quatro, feito cavalo de um colega. O soneto convoca os poetas para que apresentem dignamente a obra e não a deixem circular desprotegida, **perigando** alguma punição injusta ou acerba.

DEDICATÓRIA

À Dona Morgana B., a quem sempre grande honra é devida⁷

E eu, a quem dedicarei este meu *Castiçal*?⁸ Para quem, oh, minha sorte, te agrada enviar este meu paraninfo, este bom corifeu?⁹ A quem destinarei a obra que, por celeste influxo de Sírio¹⁰, nestes dias ardentes e horas inflamadas que chamam de caniculares, as estrelas fixas mandaram chover em meu cérebro, os vaga-lumes¹¹ do céu peneiraram, os decanos dos doze signos¹² me arremessaram na cabeça, os sete lumes errantes¹³ me sopraram ao ouvido? Para quem vou apontar esta comédia, digo, a quem vou dirigi-la? À Sua Santidade? Não. À Sua Majestade? Nada. À Sua Superioridade? Não, não. À Sua Alteza ilustríssima e reverendíssima? Não e não! Juro que não há príncipe nem cardeal, rei, imperador ou papa que mereça que esta vela saia da minha mão nesta soleníssima oferenda¹⁴. Só a você cabe, a você a dou. Pendure-a em seu quartinho, finque-a em seu castiçal¹⁵: você, superlativa, sábia, bela e generosa, minha dona Morgana, que cultiva o campo da minh'alma, que após lavrar o solo da sua dureza e afinar o estilo, para que a poeira levantada pelo vento leviano não aborreça os olhos de um ou outro, com divina

⁷ Uma mulher conhecida de Bruno e provavelmente amada por ele em sua juventude, em Nola.

⁸ “Castiçal” (*candelaio*, em it.) é uma palavra ambígua: é a peça que carrega a vela (*candela*, em it.) em alusão à tarefa de iluminar, mas, também, **ao homossexualismo**, já que *candela*, por sua vez, é o membro viril.

⁹ O que conduzia o coro na tragédia clássica, aqui representando a obra.

¹⁰ Sírio é a estrela principal da constelação do Cão Maior, em que o Sol permanece de 24 de julho a 26 de agosto, no hemisfério norte. Isso aponta para a data da escrita da dedicatória, entre julho e agosto de 1582.

¹¹ Conforme o sistema ptolemaico, as estrelas são fixas no céu, enquanto outros corpos, como os cometas, vagam.

¹² Na astrologia, decanos são as três partes em que se divide cada signo do zodíaco.

¹³ Na astronomia ptolemaica, os planetas gravitam em volta da terra.

¹⁴ A oblação da *candela* pode ser alusão blasfema, embora mantenha elevado o estilo do texto e seu intento.

¹⁵ Todas as referências a dona Morgana são ambíguas, valendo seja como alusão à luz da sapiência, seja como alusões eróticas.

água, que brota da sua fonte, dessedente o meu intelecto. Por isso, quando ainda eu podia tocar na sua mão, lhe dediquei *Gli pensier gai* e *Il tronco d'acqua viva*¹⁶. Agora, entre você que goza sua vida no seio de Abrão e eu que, sem mais esperança daquele seu socorro que costumava refrigerar minha língua, na desventura ardo e faísco¹⁷, há o caos, invejoso da minha passada felicidade. Mas, para mostrar que nem mesmo o caos pode impedir que meu amor chegue até você; com este presente e penhor, eis a vela que este meu *Castiçal* lhe leva. Espero que, nesta terra onde me encontro¹⁸, possa pôr em luz certas ideias sombrias¹⁹ que apavoram as bestas e fazem recuar os asnos, como diabos dantescos²⁰. E espero que, naquela nossa terra onde você está, possa manifestar meu engenho aos que o julgam esquisito.

Mande minhas lembranças àquele outro castiçal de carne e ossos, **dos quais** foi bem dito que: *Regnum Dei non possidebunt*²¹. Diga-lhe que não festeje tanto por falar-se por ali que minha reputação foi vilipendiada a força de pés de porcos e coices de burros, porque vem a hora em que aos burros são arrancadas as orelhas, e os porcos, num Natal desses, vão me pagar. E que não ache graça demais em repetir *Abiit in regionem longinquam*²² porque, caso um dia os céus me deem licença de dizer *Surgam et ibo*²³, um bezerro

¹⁶ Composições poéticas juvenis de Bruno, que estão perdidas.

¹⁷ Alusão à parábola de Lázaro (**Lucas** 16, 19-31) que, do “seio de Abrão”, isto é, do paraíso, vê o rico torcer-se em chamas e suplicar uma gota d’água.

¹⁸ Na França.

¹⁹ *De umbris idearum* é título da obra sobre arte mnemônica em latim publicada por Bruno em Paris em 1582, ano em que também escreve a comédia.

²⁰ Na *Divina Comedia (Inferno, XXI)*, agiotas atolados no pez inflamado tentam escapar dos diabos, assim como os pedantes recuam das ideias ilustradas por Bruno em sua obra.

²¹ Um desafeto de Bruno, talvez um confrade no convento de San Domenico Maggiore, em Nápoles, que inspirou a personagem protagonista da comédia. A citação paulina (I Cor. 6, 9: “Então não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus?”) não deixa dúvida quanto aos seus hábitos.

²² “partiu para uma região longínqua [...]”, **Lucas** 15, 13 (diz-se do jovem, na parábola do filho pródigo).

²³ “Levantarei e irei lá”, **Lucas** 15, 18 (são as palavras do jovem, quando resolve regressar à casa paterna, na mesma parábola).

cevado tomará parte do festim²⁴. Enquanto isso, que viva e se cuide para ficar ainda mais gordo do que já é; porque eu, de minha parte, espero recobrar com lucro toda a grama que perdi, sob uma veste ou outra, se não nesta, em outra vida²⁵.

Lembre-se, minha Senhora, daquilo que creio não poder-lhe ensinar: o tempo tudo tira e tudo dá, cada coisa se transforma, nenhuma se aniquila. Um só princípio persevera, sendo eternamente causa, meio e fim de tudo. Esta filosofia engrandece meu espírito e magnifica o meu intelecto. Pois, qualquer que seja o ponto atual do anoitecer que virá, se a mutação for verdadeira, eu, que estou na noite, aguardo o dia; e os que estão no dia, aguardam a noite. Tudo que é, é; aqui ou lá, perto ou distante, agora ou depois, cedo ou tarde. Goze a sua vida; se puder, fique sã, e ame a quem vos ama.

²⁴ Na mesma parábola, um bezerro é sacrificado no banquete em que se festeja o regresso do filho pródigo.

²⁵ Espera recobrar com lucro (lardo) toda a semente (grama) que perdeu, mesmo que de outra forma (veste) ou em outra vida. Alude à consciência do fluir das vicissitudes na permanência do espírito, que faz o filósofo livre e virtuoso; também alude à metempsicose, doutrina da qual Bruno era adepto.

ARGUMENTO DA COMÉDIA

Três enredos são tecidos nesta comédia: o amor de Bonifácio, a alquimia de Bartolomeu e o pedantismo de Manfúrio. Para explicar distintamente os sujeitos, em razão da ordem e da evidência da trama, relatamos em primeiro lugar o insosso amante, em segundo lugar o sórdido avarento e em terceiro lugar o descabido pedante: dos quais, ao insosso também não falta sordidez e descabimento, o sórdido é por sua vez insosso e descabido, e o descabido não é menos sórdido e insosso que descabido.

BONIFÁCIO, portanto

Aparece no ato I, cena 1, apaixonado por dona Vitória e suspeitando que não será correspondido no amor (já que ela é amiga, digamos, de barbas em flor e de bolsos cheios²⁶, e ele não é nem jovem nem generoso); resolve confiar em vãs superstições para conquistar o seu prêmio amoroso. Manda seu servo procurar Scaramuré, que lhe fora descrito como mago poderoso. Cena 2: Após despachar o servo, discursa sozinho sobre os poderes daquela arte. Cena 3: Encontra Bartolomeu que, com astúcia, lhe faz cuspir o segredo e lhe mostra as peculiaridades do objeto do seu amor. Cena 4: O pai e chefe de malandros, Sanguino, e um aluno de Manfúrio, que ouviram tudo num canto, comentam o fato; Sanguino começa a arquitetar um plano contra Bonifácio. Cena 6: Aparece a alcoviteira Lúcia com um presentinho que Bonifácio lhe deu para entregar e o examina para ficar com o dízimo, mas por pouco não é descoberta. Cena 7: Bonifácio entra triunfante com um poema novinho em folha que escreveu em homenagem à sua dama; nesse estado de euforia (cena 8) encontra o pintor Gioan Bernardo e quer mostrar-lhe seu novo furor poético, mas é distraído pela ideia de um retrato e por outra, que G. Bernardo lhe mete na cabeça. Cena 9: Fica perplexo diante do enigma, pois, mesmo

²⁶ Juventude e dinheiro.

intuindo o que é um castiçal, não entende o que tem a ver com um ourives. Enquanto demora nisso, eis (cena 10) que retorna o servo Ascânio com o mago que, após ter-lhe insinuado umas tolices, o deixa na expectativa de lograr tudo.

No ato II, cena 2, entram dona Vitória e Lúcia, conjeturando como tirar vinho desta pedra-pomes e óleo desta cortiça²⁷; semeando esperanças na horta de Bonifácio, esperam colher moedas para o seu celeiro; mas se enganam, tadinhas, ao achar que o amor possa privar o velho de intelecto ao ponto de não mais ter à mente o ditado que vocês o ouvirão declamar no início da cena 6 do ato IV. Cena 4: Sozinha, dona Vitória faz castelos no ar, supondo que a chama do amor possa mesmo fundir metais e que o martelo de Cupido possa malhar tanta moeda na bigorna do coração de Bonifácio que ela, falhando com o tempo sua arte, jamais teria que se meter na de Lúcia, como diz o poeta: *Et iam facta vetud, fiat rofiana Venus*²⁸. Enquanto ela almoça brisas, que enchem a pança sem alimentar, entra Sanguino (cena 5) –que, por ter ouvido coisas da boca do próprio Bonifácio, se põe a tramar uma malandragem e retira-se com ela para acertar os detalhes.

No ato III, cena 2, entra Bonifácio com Lúcia que o aborrece, tentando pacientemente furar seu bolso; mas, enquanto ele resmunga como se estivesse mastigando biscoitos, cai-lhe o queijo na macarronada²⁹, isto é, lhe ocorre um pretexto perfeito para mandá-la sair da frente naquele momento e deixá-lo tratar de negócios com dois recém-chegados. Cena 3: Os recém-chegados são Scaramuré e Ascânio, que lhe explicam como deve se comportar durante o ritual mágico; [Bonifácio] paga uma parte do preço ao mago e sai. Cena 4: Scaramuré fica, zombando da pressa do outro e (cena 5) entra Lúcia, pensando que **Bonifácio esteja aguardando ela**; o mago a avisa que está perdendo tempo em

²⁷ Como tirar dinheiro do avarento Bonifácio, comparado à árida púmice e à seca cortiça.

²⁸ Lat. “Já velha, Vênus se tornou alcoviteira”, verso de Teófilo Folengo, *Moscheidos*, livro III, 8.

²⁹ Literalmente, *gli cascò il lasagno dentr'al formaggio* (caiu-lhe a lasanha no queijo), ditado napolitano da época, enquanto hoje se diz: *il cacio sui maccheroni* (o queijo na massa).

esforços inúteis. Seguem juntos para a casa da dona Vitória para esclarecer a trama; o mago arma isso para, ela fingindo que está apaixonada, poder raspar mais alguma grana de Bonifácio. Cena 9: Entra Sanguino e arma com Scaramurê, conforme planejado com dona Vitória e G. Bernardo; em seguida estes dois, com mais dois malandros da turma de Sanguino, resolvem se disfarçar de guardas e (cena 10) ficam animadíssimos com tal ideia.

No ato IV, cena 1, dona Vitória sai de casa aborrecida por ter de esperar demais; se queixa do amor avaro de Bonifácio e lamenta sua própria credulidade, mostrando-se disposta a zombar dele junto com os falsos guardas e com G. Bernardo. No meio, entra Lúcia, que revela não ter sido sem proveito o tempo nem vã a esperança: informa ter instruído Querubina, esposa de Bonifácio. Entra Bartolomeu (cena 3), ao que as duas mulheres se afastam chateadas; fica em cena (cena 4) Bartolomeu, tratando dos negócios dele, quando (cena 5) depara com Bonifácio e os dois disputam, um querendo zombar do outro. Lúcia, que não dorme no ponto, acha (cena 6) Bonifácio, o qual, despachado Bartolomeu, se deixa convencer pela notícia que ela traz, ou seja, que dona Vitória está disposta a dar-lhe tudo por nada, com a condição de que ele vá transar com ela naquela noite; se não, ela morreria. Não é difícil fazê-lo acreditar que seja este o resultado do ritual, de modo que obedece ao que manda [Lúcia] e se disfarça de G. Bernardo. Lúcia sai com a roupa de dona Vitória para fantasiar Querubina; Bonifácio (cena 7) comemora sozinho o efeito do encantamento; depois (cena 8) brinca com Marta, esposa de Bartolomeu, e finalmente sai, com toda probabilidade rumo à loja de máscaras para se fantasiar de São Cresconio³⁰. Eis (cena 12) que entra Querubina, toda vestida e treinada por Lúcia nas carícias que, fingindo ser a sofisticada dona Vitória, deveria conceder ao seu amante alquímico; e segue para o quarto de Vitória. Fica (cena 13) Lúcia tentando visitar G. Bernardo quando este entra, a tempo, não menos vigiando seu próprio interesse do que Lúcia vigiando o dos outros. Os dois definem o modo que seria

³⁰ Flávio Corippo Cresconio, poeta latino do século VI e bispo africano, santo venerado em Nápoles; sua estátua era paramentada em cores berrantes.

oportuno e os papéis de cada um no lugar e tempo certo; Lúcia sai para achar Bonifácio e G. Bernardo sai para organizar o resto.

No ato V, cena 1, entra Bonifácio com a roupa de G. Bernardo, soprando amor pelo cu³¹ e por todos os demais orifícios e vai com Lúcia, após uma breve conversa, até o desejado quarto [de Vitória]. G. Bernardo fica de pau duro pensando em Querubina e segura um bocado ao permanecer de sentinela, enquanto Sanguino fica aprontando alguma e Bonifácio encara as suas recriminações; enquanto (cena 9) Bonifácio sai do quarto sem graça com Querubina furiosa, para a surpresa de ambos, acham outro osso para roer e nó para desatar, ou seja, deparam com G. Bernardo. Batem boca e quase chegam a meter a mão um no outro quando (cena 10) entra Sanguino disfarçado de Capitão Palma com seus colegas travestidos de guardas; por ordem superior e pedido de G. Bernardo, prendem Bonifácio em um canto ali perto, ameaçando levá-lo direto para a delegacia após resolver outros assuntos. De modo que (cena 11) Querubina cai nas garras de G. Bernardo, o qual, como costumam fazer os que amam ardentemente, faz uso de todos os mais refinados recursos da filosofia epicurista (Amor tira o medo dos homens e dos deuses) para que ela, não acostumada a comer em dois pratos, rompa eventuais vínculos da consciência. Dela pode se pensar que desejasse ser vencida mais do que vencer; já que prefere tratar disso em lugar mais discreto. Enquanto eles resolvem, Scaramurè, com um relógio no estômago e outro no cérebro, (cena 14), inventa um pretexto para lembrar a Bonifácio (que tá na hora do saldo). Encontra (cena 15) Sanguino com sua galera e pede licença para falar com Bonifácio; após conseguir isso com certas artimanhas (cena 16), ainda convence Bonifácio que o ritual havia dado errado por erro do próprio Bonifácio (cena 17); e promete negociar sua liberdade para o mesmo instante. Mas, ao tentar subornar o Capitão, recebe deste, que também não é novato na arte, uma severíssima repreensão. Não tendo escolha, Bonifácio e Scaramurè suplicam de joelhos graça e mercê e conseguem a promessa de perdão com uma condição, que é que Scaramurè faça com que venham Querubina com G. Bernardo para reemitir a ofensa

³¹ Em *it. che spirava amor dal culo*, citação de Francesco Berni, *Sonetto al divizio*, v. 14.

[sofrida por parte de Bonifácio]. O acordo é firmado com muitas aparentes dificuldades (cenas 19, 20, 21 e 22) até que finalmente Bonifácio, após ter suplicado de joelhos o perdão de sua esposa e de G. Bernardo (cena 23), agradecido Sanguino e Scaramurè e molhado a mão do Capitão e dos guardas, é solto pela graça do Senhor e da Maria Virgem. Após sua saída, (cena 24), Sanguino e Ascânio consideram sua desventura. Reparem como apaixonar-se pela dona Vitória o fez disposto a ser chifrado: bem na hora em que ele imaginava gozar da outra, ficou corno. Ele seria bem ilustrado por Acteão que, na caça, buscava seus chifres e, quando pensou que ia gozar de Diana, se tornou veado³². Por isso, ninguém se assombre se este é despedaçado e rasgado por estes cães safados.

BARTOLOMEU

Aparece no ato I, cena 3, onde zomba do amor de Bonifácio, concluindo que seria melhor apaixonar-se pelo ouro e pela prata, damas mais honradas [do que a amada por Bonifácio]. Sai, verossimilmente, para praticar a alquimia, doutrina que estuda com o mestre Cencio³³. Este (cena 11) é chamado de trapaceiro por G. Bernardo e, de fato, mostra que é (cena 12). Entra Marta, esposa de Bartolomeu, e (cena 13) fala a respeito do ofício do marido; é interrompida por Sanguino, que debocha dos dois (cena 14).

No ato II, cena 5, Barra calcula com Lúcia o que Bartolomeu ganha com seu ofício: ou seja, o fato de que, enquanto ele se aplica em suas alquimias, sua mulher Marta esfrega os panos dos outros³⁴.

³² O mito de Acteão aparece com frequência nas obras de Bruno, especialmente nos *Eroici Furori*. O caçador, ao surpreender Artemis (Diana) nua, é por ela transformado em veado e devorado por seus cachorros.

³³ Em italiano, *cencio* também significa pano de chão, farrapo.

³⁴ *Far la bucata*, em italiano, “lavar os panos” também pode significar ser sexualmente disponível.

No ato III, cena 1, Bartolomeu exalta a nobreza de sua nova profissão e argumenta não ter melhor matéria de estudo do que a doutrina dos minerais; com isso, lembrando-se de suas tarefas, sai.

No ato IV, cenas 3 e 4, Bartolomeu entra em busca do criado que havia mandado procurar o *pulvis christi*³⁵, e (cena 4) discorre sobre o ditado *Onus leve*³⁶, e compara o ouro às plumas. Pelo modo como fala com Bonifácio (cena 8), Marta, a esposa de Bartolomeu, prova ser mulher honesta e muito mais esperta na arte de cavalgar³⁷ do que o marido na arte alquímica; explica (cena 9) não ser nada estranha sua perícia, já que foi iniciada na disciplina aos doze anos; enfim, dando sinais vigorosos de sua competência na montaria, lamenta com sacrossantas razões a nova atividade do marido, que o distrai de melhores ocupações. Mostra zelo ao solicitar os deuses para que devolvam o marido à ocupação anterior. Logo depois (cena 10), assiste a um primeiro efeito de suas orações, pois a alquimia toda está a ponto de falir por causa do tal do *pulvis christi* que não se encontra de jeito nenhum, a não ser que o próprio Bartolomeu o faça, a risco de ficar zerado. Para conferir, o homem, com seu criado Mochione³⁸, vai até a farmácia de Consalvo.

No ato V, cena 2, entram Consalvo e Bartolomeu, que se queixa dele acusando-o de estar sabendo do embuste que Cencio lhe aprontou; passam das palavras aos socos (cena 3) e são flagrados por Sanguino e seus companheiros disfarçados de Capitão e guardas; sob o pretexto de levá-los à prisão, amarram-nos com as mãos nas costas e depois mãos com mãos, costas com costas; puxam-nos, assim atados, para um canto escuro e roubam-lhes bolsas e roupas, como se vê nas cenas 4, 5, 6, 7 e 8. Após isso, os dois (cena 12) se arrastam para encontrar alguém que os solte e avistam G. Bernardo e Querubina, que

³⁵ Preparado alquímico com poder de transformar o vil metal em ouro.

³⁶ Em latim (“fardo leve”), ver (*Mateus* 11, 30).

³⁷ O uso de verbos como cavalgar, montar etc. aponta para a esfera erótica.

³⁸ Em italiano, *Mochione* quer dizer mutilado, cotó.

passeiam adiante. Querendo alcançá-los, Consalvo apressa o passo e derruba Bartolomeu, que cai em cima dele. Ficam presos (cena 13) até chegar Scaramurè, que os desata e os despacha por caminhos opostos, rumo cada um à sua casa.

MANFÚRIO

No ato I, cena 5, entra polemizando e se faz notar por Sanguino, que o apelida de cabra marcada para morrer; daí os malandros ficam de olho nele.

No ato II, cena 1, Manfúrio é vítima das burlas de Otaviano, que antes admira sua retórica e depois despreza seu poema, só para ver como Manfúrio se comporta quando é louvado e quando é criticado. Saído Otaviano (cena 2), Manfúrio confia uma carta de amor a Pollula para que a entregue a Bonifácio, a pedido de quem ele a havia escrito; mas a carta (cena 7) é lida por Pollula e Barra.

No ato III, cena 4, Manfúrio brande um poema contra Otaviano, vingando seus versos do desprezo com que o outro os tratou. Enquanto os ilustra para Pollula, entra G. Bernardo (cena 7), com o qual polemiza até perder a paciência. Retorna (cena 11) seguido por Corcovizzo, que tanto faz que lhe saca as moedas do bolso. Já que grita ladrão (cena 12), acorrem Barra, Marca e (cena 13) Sanguino, que alimentam sua esperança de agarrar o malandro e resgatar o que lhe foi roubado; assim o fazem trocar de roupa e o levam.

No ato IV, cena 11, Manfúrio entra esfarrapado, lamentando-se de que os malandros lhe roubaram a toga³⁹ e seu precioso chapéu doutoral, deixando-o sozinho num quarto, trajado de um jeito que tinha vergonha até de voltar para casa. Resolve aguardar que anoiteça, retirando-se num cantinho, até que (cena 15) atravessa novamente a cena, comentando tudo que ouviu e viu. Naquele instante (cena 16) entram Sanguino, Marca e

³⁹ A toga (it. *vestimenta talari*), descendo até os pés, era usada por quem exercia profissão liberal.

os outros, vestidos de guardas, e apanham Manfúrio, que tenta se escafeder, e, com este e outros pretextos, o prendem e o enfiam em outro quarto.

No ato V, cena penúltima, lhe propõem que escolha entre três castigos para não ir preso: ou paga uma boa propina ao Capitão e aos guardas, ou recebe dez palmadas ou baixa as calças e recebe cinquenta chicotadas. Ele, que estaria disposto a qualquer coisa para evitar a prisão, das três prefere a palmatória, mas, quando recebe a terceira palmada, diz: “prefiro as cinquenta chicotadas nas nádegas”. Quando já recebeu muitas destas, se atrapalha na conta por alguma razão e acaba, assim, recebendo palmadas, chicotadas, pagando todas as moedas que guardava na algibeira, e ainda tem que deixar a capa, que nem é dele. Por fim, quebrado e desenganado, na última cena pede o *plaudite*⁴⁰.

⁴⁰ Lat.: “aplaudam”, com que o último ator em cena convidava os espectadores a bater palmas.

PERSONAGENS

BONIFÁCIO	o castiçal
QUERUBINA	sua mulher
ASCÂNIO	seu criado
BARTOLOMEU	um pretense alquimista
MARTA	sua mulher
MOCHIONE	seu criado
MANFÚRIO	um pedante
POLLULA	seu aluno
SCARAMURÉ	um mago
GIOAN BERNARDO	um pintor
VITÓRIA	uma cortesã
LÚCIA	sua criada
CENCIO	um trapaceiro
CONSALVO	um herborista
SANGUINO	um malandro
CORCOVIZZO	outro malandro
BARRA	outro malandro
MARCA	outro malandro
OTAVIANO	um senhor
CAPITÃO PALMA	o chefe da polícia
GUARDAS	

DONO da birosca

EMPREGADOS da birosca

MOLEQUES

POVO da cidade de Nápoles

Antiprólogo

Sim, patrão, tudo bem. Está claro. Entendi. Eu não falei que esta comédia hoje não se faz? Aquela catraia que contratamos pra fazer a Vitória e a Querubina está menstruada⁴¹. O cara que devia fazer Bonifácio está num porre tamanho que não vê céu nem terra. Desde hoje de manhã está arriado na cama e, quando mando que se levante, responde “Deixem-me, deixem-me que em três dias e metade de sete noites, com meus quatro remadores, chegaremos ao fim do mundo!”⁴² Rema! Pra frente! Pra trás! Rema! Rema!”

Eu devia dizer o prólogo, mas juro que é um negócio tão complicado, endiabrado e confuso, que há quatro dias e quatro noites suo para decorá-lo e nada. Nem com todos os trompetes e tamborins das Musas, aquelas putas do Helicon⁴³, consigo enfiar uma ideiazinha na cabeça. Com um prólogo assim, imaginem a comédia: parece um galeão velho, fora de uso, cheio de furos, tirado do abismo à força de ganchos, âncoras e arpões; faz água por todos os lados e nem calafetagem fizeram nele para mandá-lo sair ao alto mar. Se deixar este porto seguro, se for zarpar do cais do silêncio⁴⁴, vai direto a pique.

Quanto ao autor, se vocês o conhecessem diriam que ele tem uma cara tão desanimada que parece estar sempre contemplando as penas do inferno. Parece que botou a cabeça na prensa, em vez do chapéu⁴⁵. Ri somente para fazer o que todos fazem, no mais, um sujeito enjoado, indisposto e mal-humorado, ranzinza como um velho de oitenta anos, lunático e raivoso como um cachorro esfolado⁴⁶. Parece que come cebola, esse cara⁴⁷.

⁴¹ Em italiano, *ave non so che mal di madre* (está com alguma dor de mãe) alude a uma moléstia ginecológica.

⁴² Em it. lit., *tra farfalle e pipistrelli* (entre borboletas e morcegos), ou seja, o bêbado não diz coisa com coisa.

⁴³ Montanha da Beócia sede mítica das Musas.

⁴⁴ Em italiano, *lasciar questo sicuro porto del Mandracchio, far partita dal Molo del Silenzio*, faz referência aos dois portos de Nápoles, o menor (Mandracchio) e o maior (Silenzio).

⁴⁵ O feltro com que se confecciona os chapéus é prensado, após ter sido fervido em água.

⁴⁶ O filósofo em que Bruno identifica o autor é um melancólico, enjoado com a banalidade da história e a vulgaridade dos homens e, por isso, capaz da mais alta contemplação da verdade. A figura do filósofo enjoado, que Bruno aplica a si mesmo na capa da comédia, alude ainda ao *Encomium morae*, de Erasmo da Roterdã.

Que vão para o diabo ele e todos os filósofos, poetas e pedantes que fazem da riqueza sua maior inimiga. Dissecam os bens dos outros, para que ninguém devore e dilapide o que têm à vontade, e fogem deles como de cem mil diabos, mas, enquanto isso, rendem homenagem àqueles que as conservam intactas e sem proveito. Eu, para servi-lo, passo tanta fome que mesmo que eu quisesse, com licença, vomitar, teria que vomitar o espírito; e se eu tivesse de defecar, teria de defecar minha alma, igual um enforcado. Quer saber? Eu vou procurar outro emprego⁴⁸, e quem quiser fazer o prólogo que o faça.

⁴⁷ A cebola, alimento típico dos camponeses, provoca as lágrimas.

⁴⁸ Em it. lit. *io voglio andare a farmi frate* (vou me enfiar num convento).

PRÓ-PRÓLOGO

Cadê o vagabundo que devia dizer o prólogo? Então, meus senhores, vai a comédia sem prólogo. De qualquer maneira, não precisa. Matéria, argumento, trama e circunstâncias se apresentarão aos senhores por ordem de entrada em cena. Muito melhor assim do que contar a história certinha. A comédia é um arranjo, uma teia, uma textura; quem quiser entender, que entenda o que quiser. Somente peço que os senhores imaginem que esta noite estaremos na regalíssima cidade de Nápoles, bem no centro, no assento do Nilo⁴⁹. Este canto aqui, de noite, é ponto para malandros de toda espécie. Cá pra nós: cuidado para que esses ladrões não deem o fora com suas coisas; são mestres em esticar a rede e ai de quem cai nela! Por aqui a casa do castiçal, aliás, do senhor Bonifácio e de Querubina, sua mulher. Também por aqui, a casa de Bartolomeu. Por ali, a casa da Dona Vitória, de G. Bernardo, o pintor, e do mago Scaramuré. Passeia bastante por estes cantos, não se sabe bem pra quê, um soleníssimo pedante chamado Manfúrio. Os outros, que vocês verão com certeza, são: Lúcia, a alcoviteira **que transita o tempo todo atrás de suas diversas intrigas**, Pollula **que corre atrás do *magister***; é um aluno bom para todo serviço⁵⁰, assim como Ascânio é um criado útil de dia e de noite⁵¹. Mochione, doméstico de Bartolomeu, é um garoto, nem quente nem frio, que não cheira nem fede. Em Sanguino, Barra, Marca e Corcovizzo, vocês verão o que é destreza na arte da malandragem; com Cencio saberão o quanto pode ser trapaceiro um alquimista; e pra matar o tempo de vocês, vamos apresentar também o herborista Consalvo, Marta, mulher de Bartolomeu, e o simpático senhor Otaviano. Prestem muita atenção no vaivém. Não percam o que se faz e se diz, pois garanto que se vocês observarem estas

⁴⁹ Piazza Nilo, cortada por Spaccanapoli, fica ao centro de um dos cinco bairros da cidade antiga (Nilo ou Nido, Capuano, Porto, Portanova e Montagna). O nome era devido à estátua do rio Nilo sentado. Ali, pouco distante do Convento de San Domenico Maggiore, em que Bruno foi confrade, acontece a ação principal da comédia. Outras ações secundárias acontecem em San Pietro in Maiella, Cerriglio, Porto e Carmine.

⁵⁰ Em italiano, *da inchiostro nero e bianco* (preto no branco), alusão à pederastia ~~normalmente associada aos *magisteres* em relação aos seus discípulos.~~

⁵¹ Em italiano, *da sole e da candela* (no sol e na vela). Ascânio é criado de Bonifácio, o castiçal.

ações e humanas palavras com o bom senso de Heráclito ou de Demócrito⁵², terão suas razões para chorar muito ou rir muito.

Diante de seus olhos vocês terão: um argumento sem fundamento, palavras frívolas, uma trama fraca, ambições idiotas, vãos pensamentos, efusões, revelações e falsos pressupostos. E ainda: mentes desvairadas, furores poéticos, sentidos ofuscados e perturbações fantásticas, intelectos perdidos e fé desenfreada, saberes inúteis, remédios intempestivos, audácias, suspiros e gloriosos frutos da loucura. Vocês verão o desejo de um amante produzir suspiros, lágrimas, bocejos, tremores, sonhos, ereções; verão o coração dele ardendo no fogo do amor; verão seus pensamentos fúteis e melancólicas invejas; ouvirão queixas muito mais do que esperanças. Aqui acharão almas em cativeiro, presas em correntes, grades e grilhões; penas perpétuas, martírios e morte; e no refúgio do coração acharão setas, flechas e raios, chamas, chagas e paixões, ciúmes e suspeitas, despeito, raiva e esquecimento, lamentos, foles, tenazes, bigornas e martelos; e naturalmente o arqueiro cego e nu com sua fâretra⁵³. Enfim, terão o amado do coração, coração meu, meu bem, minha vida, doce chaga e ferida, deus, céu, descanso, repouso, esperança e nascente, espírito, estrela trasmontana e sol que jamais n'alma se põe. Querendo mais, terão árduo peito, sólida coluna, pedra dura, amor de diamante, mão cruel que guarda as chaves do meu coração e minha inimiga, suave guerreira, alvo de todos os meus pensamentos, lindo é o amor meu e não o teu⁵⁴.

Vocês vão assistir a uma das ditas mulheres dar vistas celestiais, gemidos ardentes, pensamentos molhados, apetites carnis e fodas aéreas: é uma das que (me deem licença os ouvidos honestos) gostam de tomá-lo pela frente e por trás⁵⁵. E bem merece o assalto

⁵² Conforme distinção tradicional na filosofia grega, Heráclito é indicado como um pessimista radical, Demócrito como um convicto otimista. O primeiro acha nas vivências humanas razões para chorar, o outro, para rir.

⁵³ Cupido, o deus do amor.

⁵⁴ O descabido catálogo é alusão irônica ao *Canzoniere* de Petrarca e ao abuso que dele faziam os poetas renascentistas (petrarchismo).

⁵⁵ Em italiano, *sel prende com pezza bianca e netta di bucata* (agarrada, fica com a veste toda branca), aludindo ao fato de não ser virgem.

de um amante armado de um tesão que arde, um desejo que ferve, uma chama que acende, um amor que inflama, uma paixão que abrasa, uma coisa ávida que sobe e acena para o céu. Não se apavorem que não é o dilúvio universal; mas o arco do amor semelhante ao arco do sol que só é visto por quem está distante: da mesma forma que, entre os amantes, cada um vê a loucura do outro e não a própria. Há outra mulher, madre superiora das Arrepentidas⁵⁶, pela omissão dos pecados que não fez quando era jovem, que agora anda por aí lastimosa como o burro que carrega vinho⁵⁷; mas o que é que estou dizendo? Ela é um anjinho de embaixadora, secretária, conselheira, contadora, fofoqueira e boa administradora de negócios; um guia. Capaz de traficar e usurar corações vendendo sentimentos ao varejo, com um bom desconto. Ela é a que enrola e solta, faz o outro ficar alegre ou triste, amola e cura, engana e desengana, traz boas ou más, galinha gorda ou ossuda: advogada, mediadora, véu e remédio, ela que dirige a flecha de Cupido e faz o nó que traz, o visco que pega, o prego que acopla, o horizonte que junta hemisférios⁵⁸. Isso tudo ela consegue *mediantibus*⁵⁹ cartas falsas, mentiras descaradas, suspiros interesseiros, lágrimas de aluguel e soluções à toa⁶⁰, sacanagens dignas de um homem, burlas bem cozinhadas, elogios famélicos e juras que definham, na cara amarrada ou na cara de pau⁶¹; sua regra é louvar os presentes, criticar os ausentes, servir a todos e amar a ninguém. Tudo isso para aguçar o apetite de quem vai jejuar.

Há também em cena a prosopopeia de um homem que é um macho mesmo: com um mau hálito de torcer o estômago de um porco, até de uma galinha. Restaurador do latim antigo e plagiário de Demóstenes, cita Cícero das mais profundas cavidades de sua

⁵⁶ Alusão às prostitutas arrependidas que eram acolhidas nos mosteiros.

⁵⁷ Faz alusão ao ditado do burro que carrega vinho, mas bebe água, como aqueles que pagam pelo prazer alheio.

⁵⁸ O círculo de metal que, nos mapas-múndi da época, figurando o horizonte, conforme a astronomia ptolemaica, juntava os dois hemisférios.

⁵⁹ Em latim macarrônico: “*com a ajuda de*”.

⁶⁰ Em italiano, *singulti che si muoiono di freddo* (soluços que morrem de frio), vale dizer, fingidos.

⁶¹ Em italiano, *scuse volpine, accuse lupine* (desculpas de raposa e acusações de lobo).

pessoa e canta as façanhas dos heróis. Eis, senhores e senhoras, uma sapiência que faz lacrimejar os olhos, arrepiar os cabelos, trincar os dentes, gargalhar, tossir, espirrar e peidar. Eis um dos que confeccionam livros beneméritos, apostilam, glosam e censuram como ninguém, metódicos arrematadores, comentadores, tradutores, explicadores, compendiadores, fabuladores e pregoeiros armados de uma nova gramática, um novo dicionário, um novo léxico com variantes; eis um aprovador de autores que o aprovam com autênticos epigramas em grego, hebraico, latim, italiano, espanhol e francês ostentados no frontispício. É assim que ambos se consagram imortais como benfeitores do século presente e dos vindouros e nos obrigam a tributar-lhes estátuas e colossos nas águas mediterrâneas e do oceano até aquela outra margem inabitável do mundo. A *lux perpetua* os reverencia, prosternando-se até o chão *in saecula saeculorum*⁶²; a fama repercute seu nome de um ao outro polo com berros, estrépito e alvoroço, ensurdecendo os ventos e os mares⁶³. Como brilham (imaginem pérolas e margaridas em fundo ouro) as falas em latim no meio do italiano, uma palavra grega entre as latinas; nem sequer uma página onde não figure ao menos uma menção, um versinho, um conceito em caráter ou idioma estrangeiro! Como gozo quando, por obrigação ou por gosto, na fala ou na redação, enfiam à força um Homero, um Hesíodo, um trapinho de Platão ou de Demóstenes! Certamente só na cabeça deles Saturno mijou juízo e somente a eles as nove damas de Palas⁶⁴ descarregaram uma cornucópia de vocábulos entre a pia e a duramáter!⁶⁵ Cai-lhes bem andar por aí com tamanha prosopopeia, grave passo, peito altivo, cabeça firme e espiando tudo em volta com falsa modéstia. Vocês conhecerão um destes, que mastiga doutrina, cheira a opiniões, cospe sentenças, mija arcanos, sua tinta e arrota citações. De tão melado o néctar de sua sabedoria, seria melhor testar com Ganimedes

⁶² Citadas do ofício fúnebre, a *lux perpetua* e os *saecula saeculorum* inscrevem o pedante entre os mortos, não entre os viventes.

⁶³ Lit., *Borea e l'Austro, il mar Indo e Mauro*.

⁶⁴ As Musas.

⁶⁵ Entre as meninges, as duas membranas que envolvem a massa encefálica.

antes de passar o brinde ao tonitruante Júpiter. Oh! Seu pedagogo sinonímico, epitético, apositivo e supositório, contínuo de Minerva, burocrata de Palas, trompete de Mercúrio, patriarca das Musas e golfinho do reino apolíneo (por pouco eu não disse “asinino”⁶⁶)!

Enfim, aqui irão presenciar uma barafunda de malandragens, tramoias e empreitadas delinquentes; muito desgosto, amargos prazeres, resoluções desvairadas, fés falidas, ambições mancas e nenhuma complacência; muito juízo nos casos alheios e nenhum nos próprios; vão ver fêmeas viris e machos efeminados; vozes saindo da cabeça e não do peito⁶⁷, e como mais se desengana aquele que mais botou fé; e [vão testemunhar] o amor universal pelo dinheiro. A coisa segue com febres quartãs e cânceres espirituais, ideias vácuas e tolices transbordantes, despropósitos de bacharel, furadas magistrais e deslizos de quebrar o pescoço; e, mais adiante, a vontade empurrando, o saber apressando, o fazer lucrando e a diligência ficando de mãe dos efeitos. Em resumo, vocês vão ver que nisso aqui não há nada de certo, **muito** de negociável, defeitos em abundância, pouco de belo e nada de bom. Ah! Já ouço os atores, com licença.

PORTEIRO⁶⁸: - Vou até pedir desculpa antes de abrir a boca. Receio que grande parte de vocês, se não todos, vão gritar “Que a peste estrague essa sua cara! Onde já se viu uma comédia começar com o porteiro?” Escutem aqui: “Um péssimo ano novo pra vocês!”⁶⁹ Onde já se viram comédias antes que existisse a comédia? Onde já se viram espectadores, antes que vocês existissem? E vem cá, um argumento desse, **que** vocês resolveram assistir esta noite, não há de começar de uma forma extravagante? Quem aí acha que um tal excêntrico babuíno, babaca inato, pateta moralista, alegórico burro

⁶⁶ Em italiano, *polledresco*, um jogo de palavra com o precedente *apollinesco* que alitera com derivados da palavra *pollo* (frango).

⁶⁷ Vozes insinceras, soando falsas.

⁶⁸ Em italiano, *bidello* (contínuo).

⁶⁹ Em italiano, *malanno* (desgraça) sintetiza *mal anno* (ano ruim).

abestalhado⁷⁰, seja digno de um intendente e não de um simples porteiro, como eu? De quem estou falando? Querem que eu diga? Querem saber mesmo? Este cara, entre nós, é um castiçal. A prova? Vão ficar para a peça, não é? Então abram a roda, deem espaço, saiam das laterais do palco se não quiserem se machucar com os chifres deste sujeito, que afugenta o povo por trás dos montes⁷¹.

⁷⁰ Em italiano, *una bestia tropologica, un asino anagogico*, sendo que “tropologia” e “anagogia” são dois dos quatro gêneros de alegoria moral.

⁷¹ Referência às tribulações do povo de Israel (*Mateus* 24, 16).

ATO I

Cena 1

(*Bonifácio, Ascânio*)

BONIFÁCIO: Vá buscá-lo já. Faça com que chegue aqui o mais rápido possível. Vá, faça e volte logo.

ASCÂNIO: Faço o que posso. Melhor tarde do que mal feito – *Sat cito, si sat bene*⁷².

BONIFÁCIO: Deus me livre! Eu que pensava ter um criado! Mas não! Tenho um doutor dentro de casa, um mestre, um conselheiro, um filósofo! Ainda há quem diga que sou pobre. Olhe aqui a minha filosofia, em nome do rabo de burro que os genoveses veneram no Castelo⁷³ – faça com má vontade, mas faça depressa. Não precisa entrar em casa, viu? Chame-o da rua e diga logo a que veio, compreendeu?

ASCÂNIO: Sim senhor, estou indo.

Cena 2

BONIFÁCIO (*sozinho*): A arte supre os defeitos da natureza, meu caro Bonifácio. Já que não posso fazer com que aquela traidora me ame espontaneamente, ou ao menos que olhe para mim fingindo que me ama, quem sabe ela, que não se deixou abalar pelas palavras de Bonifácio, pelo amor de Bonifácio, pela dor de Bonifácio, possa ser forçada pelo oculto. Dizem que contra a natureza a arte mágica seja tão poderosa que faz

⁷² Cit. latina, de Catão: “depressa, mas bem feito”.

⁷³ Trata-se de relíquia conservada ao menos até 1797, em Gênova, na Igreja de Santa Maria em Castelo: um rabo que se acreditava pertencido ao burro sobre o qual Jesus ingressou em Jerusalém.

retornar os rios para trás, parar os mares, cantar os abismos, mugir as montanhas, vedar o Sol, despencar a Lua, travar o dia e estancar a noite. Assim escreveu o Acadêmico de Academia Nenhuma⁷⁴ naquele poema execrável do livro que se perdeu:

Dos rios velozes o curso inverte,
colhe do alto céu os astros dourados,
Faz do dia noite e da noite, dia
e arranca a Lua de sua órbita,
muda em esquerdo seu direito chifre
e enche as ondas do mar até o horizonte.
Água, fogo, terra e ar retinge e muda
as plumas de qualquer humana vontade.

Do resto dá para duvidar, mas, em relação ao amor, imaginem o que deve fazer a arte mágica! Qualquer dia desses vocês vão ter que experimentar. Fica a sugestão. Desse mestre Scaramuré ouço dizer maravilhas. Olhae lá, vejo um que roubou a vaca e presenteou o dono com um belo par de chifres⁷⁵. Quero saber das novas.

Cena 3

(Bonifácio e Bartolomeu conversam; Pollula e Sanguino escutam às escondidas)

BARTOLOMEU: Ah, paixão cruel. Por que perdura em mim este reinado injusto e brutal? Por que adoro o que não pode ser meu? Por que foge de mim aquela à qual me amarra

⁷⁴ Trata-se do próprio autor, como se apresenta no subtítulo da comédia.

⁷⁵ Um que tem fama de seduzir mulheres casadas.

um nó cego? Tem cabimento isso? Pois é o que mais acontece! De dois, um é escravo do outro que é mais livre e solto do que o vento...

BONIFÁCIO: Será que não estou sozinho em meu sofrimento? Ai, que agonia...

BARTOLOMEU: Que que há, Bonifácio? Choras por mim?

BONIFÁCIO: Pelo mesmo suplício! Bem vejo como o senhor está deprimido... até mudou de cor! Ouvi suas queixas. Eu sei de tudo! Padeço da mesma paixão, a mais cruel; sinto muito que o senhor também... Coitado, faz muitos dias que o vejo andando assim, ofegante, atônito, distraído, infeliz, com os olhos inchados; não para de soluçar. Igual a mim! Não é? Pois veja: não lhe morreu nenhum parente; não tem briga no fórum, tem tudo **que** precisa; não lhe falta saúde; e quanto à outra saúde, eu sei que não liga muito pra esses negócios de pecados, mesmo assim chora e suplica como se estivesse arrependido. Parece louco! *In cimbaliis male sonantibus!*⁷⁶ É isso: está apaixonado! Subiu-lhe à cabeça certo humor melancólico-fleumático-colérico-sanguíneo ou sei lá, qualquer que seja o humor de Cupido. A prova eu tive agora, ouvindo as suas palavras: tenho certeza **que** o senhor está intoxicado!

BARTOLOMEU: Ai, ai, estou apaixonado sim e sem esperança. Por mim tudo bem, sou jovem ainda e minha mulher é uma velha corcunda (oito anos fazem a diferença); mas o senhor, seu Bonifácio, me maravilha: com uma esposa do jeito que o senhor tem, corpinho de vinte e cinco e um rosto que mais bonito é difícil de se achar em Nápoles; e ainda assim está apaixonado? Por outra?

BONIFÁCIO: Deixe-me explicar: você também conhece o domínio do amor, como é confuso, intempestivo e despropositado! Se quiser saber a ordem, ou melhor, a desordem das minhas paixões, escute.

BARTOLOMEU: Pode falar, seu Bonifácio. Nós homens não somos bichos, que praticam o coito somente para gerar, só no tempo e lugar correto, como os jumentos, por exemplo,

⁷⁶ **Lat.:** “tocando mal os címbalos”, paródia do *Salmo* 150, 5: *Laudate cum in cymbaliis benesonatibus.*

que sentem tesão quando o Sol lhes esquentava o rabo, normalmente em maio, e transam no melhor clima e jamais no sétimo polar⁷⁷, quando faz frio. Nós homens não! Faça frio ou faça calor, a qualquer hora e em qualquer lugar!

BONIFÁCIO: Eu vivi 42 anos neste mundo de tal forma que jamais me corrompi com mulheres⁷⁸. Com esta idade, quando já começava a ter cabelos brancos e quando a coisa já deveria começar a esfriar e, como dizer, declinar...

BARTOLOMEU: Sei, sei... tem gente que trava, tem gente que troca...

BONIFÁCIO: Bem, eu, nesta idade, como num verão fora de época, fui tomado de amor por Querubina. Ela me parecia mais linda que qualquer outra mulher; me esquentava, me acendia de tal forma que logo puxou a brasa à sua sardinha. Bem. Depois de um tempo de casados, sabe, o hábito, o uso contínuo fez com que o fogo se extinguisse, só que o meu coração ficou disponível para um novo incêndio...

BARTOLOMEU: Tivesse a sua mulher temperado melhor o ferro, não ficaria esta minhoca que você é hoje, mas um resto de cinzas. Seria melhor para ela...

BONIFÁCIO: Como? Ora, deixe que eu termine!

BARTOLOMEU: Pode ir adiante, adorei a metáfora.

BONIFÁCIO: Então, uma vez que broxou aquela chama, facilmente outra chama, neste mês de abril...

BARTOLOMEU: Não disse! Bem na época em que os jumentos levantam o rabo. E foi em abril que se apaixonou Petrarca!⁷⁹

BONIFÁCIO: O que foi que o senhor disse?

⁷⁷ No sistema ptolemaico, o hemisfério norte era dividido em sete regiões, ditas climas, das quais a sétima era a mais próxima do Polo Norte.

⁷⁸ Em latim, *con mulieribus non sum coinquinato*, citação do *Apocalipse* 15, 4.

⁷⁹ No dia de Páscoa, o poeta, segundo confessa, se apaixonou por Laura, a quem dedicou o *Canzoniere*. A aproximação do sublime amor de Petrarca com as ereções asininas tem sentido paródico.

BARTOLOMEU: Disse que, neste mês, o poeta caiu de amores e os espíritos se erguem, porque é assim que funciona: no frio do inverno os espíritos se encolhem, no verão se dissipam e na primavera, quando gozam da temperatura ideal, ficam mais à vontade para praticar os seus exercícios espirituais...

BONIFÁCIO: Ora, deixemos dessas asneiras. Vamos ao que interessa! Um dia, enquanto eu passeava em Posílip⁸⁰, Cupido me flechou pelos olhos da Madame Vitória. A coisa esquentou tanto, mas tanto, que desde então não tenho sossego... Ai de mim...

BARTOLOMEU: Amor é mesmo um bicho que pega em quem não tem nada pra fazer. Você não foi lá passear?

BONIFÁCIO: Enfim, me fale do seu, agora que me deu a chance de declarar o meu. Desabafe; vai lhe dar alívio conversar com um amigo que padece do mesmo mal, sempre que se possa dizer isso do amor.

BARTOLOMEU: Declinar, você disse? Nominativo: perturba-me dona Prata; Pepita me atormenta.

BONIFÁCIO: Como? Duas? Deus te livre!

BARTOLOMEU: Genitivo: de dona Prata tenho cuidado; ocupo-me de dona Pepita.

BONIFÁCIO: Ahn? Não estou entendendo.

BARTOLOMEU: Dativo: à dona Prata me entrego com amor e a dona Pepita sou todo suspiros. À dona Prata e à dona Pepita me consagro.

BONIFÁCIO: Que diabo é isso?

BARTOLOMEU: Vocativo: ó, minha bela boceta de dona Prata; ó, minha doce **perequita** da Pepita!

⁸⁰ O morro de Posílip e sua praia, entre os lugares mais amenos de Nápoles, sempre foi considerado propício ao surgimento de novos amores.

BONIFÁCIO: Está me debochando? Vá pro inferno e fique lá com seus demônios.

BARTOLOMEU: E você fique aí com o seu Cupido que te entortou o cérebro, se é que ainda o tens. Eu vou zelar pelas minhas patroas.

BONIFÁCIO: Vejam só com que cara de pau este vigarista me fez contar o que cinquenta outros teriam escutado com o maior respeito. Ai! Esse amor ainda vai me arruinar; estou colhendo os primeiros frutos da minha maluquice. Ora, foda-se, quero ir para casa e falar com Lúcia. ~~Hi!~~ Aqueles malandros estão rindo de quê? Devem ter ouvido tudo. Amor e raiva não têm refúgio.

CENA 4

(*Sanguino, Pollula*)

SANGUINO: Ai ai, que sujeito sem culhões, búfalo indiano, burro da terra dos burros, rei dos patetas, palerma coroadado!⁸¹ Mole, mole confessou tudo, nem precisou bater! E com que lábia aquele outro farsante confessou-lhe que está apaixonado e por quem e como, e quando e onde e o caralho a quatro!

POLLULA: Pode crer que o cara, quando reza à Nossa Senhora, não precisa pedir *Domine, labia mea aperies*⁸².

SANGUINO: O que é isso, *Dominò lampia mem periens?*

POLLULA: “Senhor, abre a minha boca para que eu possa falar.” Digo que a oração não convém àqueles que têm boca furada e contam tudo que não devem a quem quer que seja.

⁸¹ Em italiano, *buffalo d’India, asino in terra d’Otranto, menchione d’Avella, pecora d’Arpaia*. São injúrias populares ligadas a preconceitos regionais, dos napolitanos para com oriundos de cidades menores.

⁸² ~~Lat.~~ “Senhor, abre a minha boca.” Oração com que o sacerdote começa a reza do ofício divino.

SANGUINO: E depois se arrependem, como este. Então não vai pagar por isso, pois está escrito — “Quem errou e se endireita, salvo está.”⁸³

POLLULA: Vixe! Aquele ali parece o meu professor ~~da escola!~~ **Cassete**, hoje vamos ficar aqui o dia inteiro.

Cena 5

(*Manfúrio, Pollula, Sanguino*)

MANFÚRIO: Oi, bom te ver, *bonae, melioris, optimaeque indolis, adolescentule: quomodo tecum agitur? Ut vales?*⁸⁴

POLLULA: Tô legal, professor.

MANFÚRIO: *Gaudeo sane, gratulorque satis; si vales bene est, ego quidem valeo*⁸⁵. Uma elegância de Cícero não é qualquer coisa, não é mesmo, cai bem em toda parte e com qualquer pessoa⁸⁶.

POLLULA: Quer alguma coisa, professor? Diga logo, porque tenho que resolver um negócio com este cavalheiro (*indica Sanguino*) -e não dá pra ficar aqui jogando conversa fora.

MANFÚRIO: Ô garoto! Desperdicei em vão meus ditados, destilados de acutíssima faculdade, desenvolvidos em meu esplêndido pavilhão pensamentório e gravados em tinta negra nas cândidas laudas, citando-me todo neste idioma latim celeberrimo *apud*

⁸³ Em italiano, *Chi pecca et emenda salvo este*, pseudo-ditado bíblico em latim macarrônico.

⁸⁴ Lat.: “Meu bravo jovem, um bom caráter, muito mais que bom, excelente! Como estás? Por onde anda?” As citações em latim de Manfúrio não foram traduzidas, na maioria dos casos, por serem características da personagem.

⁸⁵ Lat.: “eu me alegro e me sinto feliz, se estás bem, é bom, eu também estou bem”.

⁸⁶ Marco Túlio Cícero redigia em estilo impecável também cartas à família (*Epistulae familiares*).

*omnes nationes*⁸⁷, até as bárbaras. *Incassum cum sit!*⁸⁸ Já que você não sabe aproveitá-los no momento oportuno, *eorum servata ratione*⁸⁹, abdica do *teatro literarum* e persiste no comércio *similariis bestiis* do vulgo ignorante, respondendo-me com palavras que a babá te inculcou no berço, *ut melius dicam suscepti, in incunabulis*⁹⁰. Fala, seu asno, quando é que vai *dispuerascere*⁹¹?

SANGUINO: Ô professor, com este seu diabo de falação mofada, catacumbara⁹² e latrinesca⁹³, ninguém **lhe** entende. O povo daqui vai sacanear.

MANFÚRIO: Isto aconteceria somente, seu boçal mal ensinado, se este megalocosmo⁹⁴ e máquina mundial estivesse por seus pares repleta e recheada!

SANGUINO: Opa! Deu para perceber que isso aí de megamundial é comigo! Que que há? Por que não fala de um jeito que alguém entenda?

MANFÚRIO: *Vade ergo in infaustam nefastamque cruce[m], sinistroque Hercule!*⁹⁵ Às favas, que as Musas não merecem a porcaria do seu convívio e menos ainda de sua conversa!⁹⁶ Quem é este sujeito pra você, Pollula? Ô Pollula, reservatório e fruto da minha sapiência⁹⁷, receptáculo do meu sêmen~~um~~ doutrinário, não leve a mal o que eu disse⁹⁸,

⁸⁷ Lat.: “diante de qualquer nação”.

⁸⁸ Lat.: “sendo isso tudo inútil”.

⁸⁹ Lat.: “com seu sentido preciso”.

⁹⁰ Lat.: “ou, para melhor dizer, na matriz”.

⁹¹ Neologismo em latim: “sair da adolescência”.

⁹² Em it. O vocábulo foi mantido, pela imagem de breu dada pelas catacumbas. (Não compreendi esta explicação. A ideia de breu se mantém no neologismo em questão?)

⁹³ Deformação da palavra “latina” em um derivado de “latrina”.

⁹⁴ O universo.

⁹⁵ Lat.: “Vá então te fazer crucificar sobre infausta cruz e seja maldito em nome de Hércules!”

⁹⁶ Traduzindo do lat. *vel haram colloquii vestri*.

⁹⁷ Do lat. *appositorie fructus eruditionum mearum*.

porque, porquanto, enfim, pelo qual (*particulae causae redditivae*)⁹⁹ eu pretendia comungar contigo *lepidissime, eloquentissime*¹⁰⁰ aquela saudação que tu *post hac, deinceps*¹⁰¹, sempre que os deuses te outorguem tudo que a mim concederam, terás licença de imitar.

POLLULA: Tá bom, mas na hora certa. Agora não dá pra ficar com cê.

MANFÚRIO: Pois foste tu, com esta tua frase, a causa da minha *excandescencia*! Não há estilo nem elegância! Deve-se dizer, ou melhor, colocando o infinito antes do subjuntivo, dizer tu deverias: “vossa excelência, dada a erudição, não tenho licença de entreter-me em ócio com sua doce musa”¹⁰². Aquele “com cê”, que em língua castiça seria “convosco”, não é bom nem polido diante de um mestre togado como eu¹⁰³.

SANGUINO: Assim vai o mundo: os dois de acordo e eu trancado do lado de fora que nem cadeado. Faça o favor, professor, de ser meu amigo, pois mesmo que eu não mereça a sua verga, quero dizer, ser aluno seu, quem dera eu possa fazer outro serviço.

MANFÚRIO: *Nil mihi vobiscum*¹⁰⁴.

SANGUINO: *Et con spiritu to*¹⁰⁵.

MANFÚRIO: Ai de mim, Pollula, como é que você frequenta um bruto desses?

⁹⁸ Do lat. *ne te moveant modo a nobis dicta*.

⁹⁹ Lat.: “partículas causais”.

¹⁰⁰ Lat.: “com extrema elegância e eloquência”.

¹⁰¹ Lat.: “depois, em seguida”.

¹⁰² Do lat. *Debuisses dicere, vel elegantius — infinitivo antecedente subiunctivum — dicere debuisses: —“Excellentia tua, eruditione tua, non datur, non conceditur mihi cum tuis dulcissimis musis ocium.”—*

¹⁰³ Do lat. *nec bene dicitur latine respectu unius, nec urbane*.

¹⁰⁴ Lat.: “Nada a ver comigo.”

¹⁰⁵ Sem entender, Sanguino reconhece, na frase de Manfúrio, a fórmula litúrgica *Domine vobiscum* (o Senhor está convosco) e replica com a fórmula usual, deformada.

SANGUINO: Bruto ou belo, ao seu serviço, ilustríssimo senhor.

MANFÚRIO: Agora sim, parece mais disciplinável e não tão devasso como dantes: já aprendeu a me tratar de modo cortês e conveniente.

POLLULA: Quem diria que um minuto atrás julgou-o um néscio?¹⁰⁶

MANFÚRIO: Tire aquele “néscio”: embora conste no Livro, não é *dictio ciceroniana*¹⁰⁷. *Tu vivendo bonos, scribendo sequare peritos*¹⁰⁸, diz o ninivita João Despautério, citado pelo meu mentor Aloísio Antônio Sidecino Sarmento Salano¹⁰⁹, que ocupou a cadeira de Lucio Gio. Scoppa¹¹⁰, *ex voluntate heredis*¹¹¹. Portanto, para *non aequum* deve-se dizer, não néscio, mas sim “néquio”, com a primeira sílaba acentuada, jamais pôr o acento na segunda sílaba, lembre-se, para diferenciar da substância animal equina que a princípio não admite ditongos¹¹².

SANGUINO: Mestre doutíssimo, pedimos licença para não deixar esperar Gioan Bernardo, o pintor. Até.

Manfúrio: Passar bem, com os faustos voláteis¹¹³. Ora, quem é esta que *calato in brachiis*¹¹⁴ vem ao meu encontro? Uma *muliercula*, obviamente, pois procede, segundo

¹⁰⁶ Do latim: *Sed a principio videbatur tibi homo nequam.*

¹⁰⁷ Expressão consolidada no uso por Cícero.

¹⁰⁸ *Lat.*: “Na vida, siga os homens bons, na escrita, siga os peritos.”

¹⁰⁹ Jean Despautères ou Van Pauteren (1460-1520), gramático belga, nascido em Ninove, no Brabante (donde o apelido de Ninivita), autor dos *Commentarii grammatici*. Manfúrio junta os nomes de dois gramáticos napolitanos, Luigi Antonio Sompano (dito Sidecino) e Sergio Sarmento Solano, que assinaram em comum algumas obras.

¹¹⁰ Lucio Giovanni Scoppa, outro gramático napolitano, falecido em 1549.

¹¹¹ *Lat.*: “conforme vontade dos herdeiros”.

¹¹² *Do lat.* *Dicas igitur: “non aequum”, prima dictionis litera diphtongata, ad differentiam quadrupede substantia animata sensitiva, quae diphtongum non admittit in principio.*

¹¹³ Manfúrio traduz ao pé da letra a expressão latina *Ite bonis avibus*, com efeito cômico.

¹¹⁴ *Lat.*: “trazendo um recipiente”. Em italiano, *calatho in brachiis* soa como “com as calças arriadas”.

etimologia, de *mollis Hercules*, sendo os opostos apostos: pessoa de sexo delicado, frágil e volúvel, ao contrário de Hércules¹¹⁵. Que achado! Pelo meu próprio engenho agora, agora! Vou movendo os meus passos para casa, pois quero anotá-lo *maioribus literis*¹¹⁶ no meu volume de ideias geniais. *Nulla die sine linea*¹¹⁷.

CENA 6

(*Lúcia, sozinha*)

LÚCIA: Ufa, estou cansada. Um pouco de sossego! Pra depois não passar a noite toda sem pregar o olho. Fiquei horas de pé, cheirando fumaça de assado e sebo de panelas¹¹⁸; e eu lá de regime, no meio da comilança, igual um rim na banha. Ah! Deixe pra lá, Lúcia. Já que não tem ninguém por perto... Não vejo a hora de dar uma espiada nos presentes que o seu Bonifácio me mandou entregar pra dona Vitória. Aqui temos caramelos, torrões de açúcar, docinhos de mel, tem geleia também; e mais o que aqui no fundo? Uma carta! Uma carta de amor! Essa não! E mais: em versos! Olha só! Virou poeta! Vamos ler.

“Gentil senhora, feriste o meu coração
e me imprimiste na alma uma grande aflição
tanto que mudou até minha coloração.

Eu que **vos** dedico tanta devoção

Que amante nenhum, que seja são,

¹¹⁵ Do lat. *quod est per ethimologiam “mollis Hercules”, opposita iuxta se posita.*

¹¹⁶ Lat.: “em letras grandes”.

¹¹⁷ Lat.: “nenhum dia sem uma linha” é ditado que Plínio atribui ao mítico Apelles.

¹¹⁸ Lúcia cheirou aroma de *pignata*, um prato típico napolitano (assado de lanho de porco com caldo de couve) cozido em uma panela do mesmo nome.

Jamais votou à sua amada não,

Cometeria disparates de doidão

Mas achei melhor ser autor

desta que chega à sua mão.

Sua esplendorosa beleza me deu inspiração:

Saiba por esta, ó musa, que se não

socorrer Bonifácio agora, depois será em vão.

Pois já esqueci mãe, pai, irmã e irmão,

E dormir e beber já não tem sabor,

Sem pensar n'outra coisa, a nada dou valor.”

Ah, belo final mesmo! Eu não entendo de versos, mas se me dão licença, esses são longos demais e parecem um sino tocando ou um burro arfando, com todos esses “ão... ão... ão”. Bom, primeiro vou sair daqui, buscar um canto tranquilo e separar meu dízimo¹¹⁹. Afinal, se ele ficou doido, o que eu ganho com essa doideira toda?

Cena 7

(Bonifácio, sozinho)

BONIFÁCIO: Potência do amor! Ó Musas, de onde me vem tanta inspiração? Sem mestre que me ensine a arte, estou poetando em versos e todos rimados, tudo direitinho... Onde já se viu uma joia dessas? Em toda a obra de Petrarca não se encontra nada igual. Nem de Ariosto. É a magia do amor. Ui, ui, cruel, doce inimiga, quem sabe a estas horas já deve

¹¹⁹ O dízimo (10%) é percentual adequado para pagar qualquer serviço.

até ter lido! Não tivesse você a couraça mais selvagem que um javali, se deixaria penetrar pelo acume do meu poema! E não farias tão pouco caso de mim, o teu Bonifácio! Ah, eis que chega Gioan Bernardo.

Cena 8

(Gioan Bernardo, Bonifácio)

GIOAN BERNARDO: Bom_-dia, senhor Bonifácio. Já fez sua obra de caridade hoje?

BONIFÁCIO: Pode crer! Hoje fiz uma obra que nunca fiz igual em toda minha vida!

G. BERNARDO: Pensamento profundo. Será possível que a obra que alguém fez hoje poderá essa mesma pessoa ou outra fazê-la igual noutro dia? É possível fazer duas vezes a mesma coisa numa vida? O que se fez ontem, está feito e nunca mais se fará da mesma forma, assim como eu nunca antes fiz o retrato que hoje faço, nem jamais o farei novamente, pois é bem possível que amanhã eu pinte outro retrato.

BONIFÁCIO: Xiiii. **Deixae** pra lá. Falando em retrato: você chegou a ver o que fizeram de mim?

G. BERNARDO: Já.

BONIFÁCIO: O que achou?

G. BERNARDO: Nada mal. Parece muito mais com você do que comigo.

BONIFÁCIO: Eu não gostei. Quero que você me faça outro retrato.

G. BERNARDO: Lembrança para uma das suas senhoras?

BONIFÁCIO: Não se meta! Tenho outras coisas em mente.

G. BERNARDO: Bom sinal, quando há alguma coisa andando pela cabeça. Cuidado para que a cabeça não vá atrás das coisas, pois se ficar grudada numa delas, o cérebro à noite

irá esperá-la à toa para o jantar e terá que ir buscá-la com a lanterna na mão, como boa mãe. Sossegue: vou fazer o retrato que pediu, sim.

BONIFÁCIO: Mas, por favor, quero que me faça bonito.

G. BERNARDO: Não peça o que não pode ser servido. Se quiser que eu lhe faça o retrato, é uma história. Agora se quiser que eu o faça bonito, é outra...

BONIFÁCIO: Ora, não brinque e faça um trabalho bem feito. Vou lá pra sua casa posar.

G. BERNARDO: Pode ir, quando quiser. Saiba que da minha parte só vem coisa boa: conheço a minha arte. E se cuide, ainda mais agora...

BONIFÁCIO: Agora o quê?

G. BERNARDO: Agora que resolveu largar a arte antiga...

BONIFÁCIO: Como assim?

G. BERNARDO: ...e de castiçal queres tornar-se vela...

Bonifacio: O quê?

G. BERNARDO: Quero dizer, agora que o senhor inventou de ser ourives e enfiar o dedo num belo anel de mulher¹²⁰.

BONIFÁCIO: O quê? Que castiçal? Que dedo? Que vela? Que anel?

G. BERNARDO: **Deixa** pra lá. Me recomende a dona Querubina.

BONIFÁCIO: Que Deus lhe dê tudo o que deseje.

G. BERNARDO: E ao senhor tudo o que lhe falta.

¹²⁰ Alude ao fato de que Bonifácio de homossexual (castiçal, que recebe a vela) quer tornar-se heterossexual ou ativo (vela). No original, a metáfora para o amor natural é “ourives”, pois este enfia o dedo no anel.

Cena 9

(*Bonifácio, sozinho*)

BONIFÁCIO: O que quer dizer que de castiçal me tornei vela? Até parece que todo mundo, de um lado a outro, está querendo zombar de mim... Se bem que ser ourives não é nada mal. Pior é ter que meter as mãos na urina, onde se deixam repousar os materiais — ouro, prata, pedras preciosas. Mas, fora isso... Bom, outro dia vou pensar melhor. Cadê aquele safadinho do Ascânio... Ah, eis que vem com o mago Scaramuré!

Cena 10

(*Scaramuré, Bonifácio, Ascânio*)

SCARAMURÉ: Sr. Bonifácio, tenha um bom_-dia.

BONIFÁCIO: Seja bem-vindo, Scaramuré! O senhor é a última esperança de minha vida amorosa.

SCARAMURÉ: Parece mesmo: está fora de si¹²¹.

BONIFÁCIO: Se o senhor não encontrar logo um remédio para o meu mal, serei um homem morto.

SCARAMURÉ: Minha intuição sugere que o senhor está apaixonado.

BONIFÁCIO: Exatamente! Não preciso lhe dizer mais nada.

SCARAMURÉ: Deduzi pelo exame de sua fisionomia, pelo cômputo das letras do seu nome, dos seus pais e avós, pelo seu nascimento, que foi regido por Vênus retrógrado em

¹²¹ Do lat. *Signum affecti animi*, lit. “Sinal de alma perturbada.”

signo masculino, aos 27 graus de Gêmeos¹²², o que significa mudanças profundas na casa dos 46 anos. Quantos anos o senhor tem?

BONIFÁCIO: Uns 45, ao que me disseram: por mim, não lembro a data.

SCARAMURÉ: Computar exatamente o mês, o dia e as horas é tarefa minha. Vou ter que medir com o compasso a largura da unha do seu polegar, dividir pelo comprimento da linha da vida, e somar com a distância entre a ponta do anular e o campo de Marte, no centro da mão. Por enquanto, me basta um cálculo aproximado *in communi*. Diga-me, quando viu a sua amada pela primeira vez, de que lado ela estava? À direita ou à esquerda?

BONIFÁCIO: À esquerda.

SCARAMURÉ: Não é nada bom¹²³. E o Sol estava a oriente ou a ocidente? Ou no meio?

BONIFÁCIO: Lá pelo meio-dia.

SCARAMURÉ: Sim, sim... Uma vez relevadas as energias...¹²⁴ Por enquanto é suficiente. Vou tratar seu problema com magia natural, deixando as artes ocultas para casos mais difíceis.

BONIFÁCIO: Contanto que eu chegue lá, faça como quiser.

SCARAMURÉ: Deixe por minha conta. Foi caso de encantamento?

BONIFÁCIO: Como assim, encantamento?

SCARAMURÉ: Isto é — à primeira vista?

¹²² Do *lat.* *Venus retrograda in signo masculino, et hoc fortasse in Geminibus vigesimo seprimo gradu*. Scaramuré fala uma linguagem astrológica repleta de erros, principalmente quando usa o idioma latim (*geminibus* em lugar de *geminis*).

¹²³ Do *lat.* *Arduo opere nanciscenda*.

¹²⁴ Do *lat.* *Oportet advocare spetentrionales*, *lit.*: “Teremos que invocar os espíritos do norte.”

BONIFÁCIO: Sim, sim: quando a vi, fiquei encantado.

SCARAMURÉ: Se faz encantamento pela virtude de um espírito polido e sutil que, gerado pelo calor do coração destilando sangue puríssimo, irradia-se dos olhos abertos pela força da imaginação até atingir o alvo, ferir a alma e invadir o corpo alheio com afeição amorosa ou ódio ou inveja ou melancolia ou qualquer outra qualidade passiva. Há encantamento quando se dá intensa troca de olhares, imediatos e até simultâneos, olho no olho, de modo a atar um raio visual no outro e acoplar luz com luz. Os dois espíritos então se fundem: o lume superior, rebatendo no inferior, brota cintilando pelos olhos enquanto mergulha até a raiz do coração e assim atiza o fogo do incêndio amoroso. Sabendo disso, quem não quiser ser encantado deve vigiar seus olhos, janelas da alma quando se trata de amor: portanto, para o futuro vale o toque *averte, averte oculos tuos*¹²⁵. Para o caso presente, teremos que acertar com calma entre nós, para pôr providência.

BONIFÁCIO: Mestre Scaramuré! Se o senhor me colocar lá onde quero, verá que não gastou sua ciência com um ingrato.

SCARAMURÉ: Senhor Bonifácio, quanto mais eu for grato ao senhor, mais o senhor será grato a mim.

BONIFÁCIO: Tudo que precisar. Estou em suas mãos. **Você** é minha última esperança.

ASCÂNIO~~ASCÂNIO~~: Então, fechou.

BONIFÁCIO: Xiii! Lá vem um sujeito que mais chato impossível. Não quero papo com ele. Até logo, mestre. Apareço por lá mais tarde.

SCARAMURÉ: Então, até mais tarde. Vou aguardar. Adeus.

¹²⁵ Lat.: “Afasta de mim teus olhos.”: Citação do *Cântico dos Cânticos* 6, 5.

CENA 11

(Cencio, G. Bernardo)

CENCIO: O que eu estava dizendo? Ah, sim: que, pela doutrina de Geber¹²⁶ e de Hermes Trismegisto¹²⁷, Mercúrio é a essência de todos os metais; mas, ~~sendo mais precisos~~, a Saturno corresponde o chumbo, a Júpiter o estanho, a Marte o ferro, a Vênus o bronze, ao Sol o ouro e à Lua a prata. O mercúrio se atribui particularmente a Mercúrio, pois se encontra em todas as outras ligas: por isso é figurada como núncio divino, macho com os machos e fêmea com as fêmeas. Esses metais, segundo Trismegisto, foram gerados pelo céu e pela terra, como pai e mãe. Como a mãe emprenha ora nas montanhas, ora nos vales, ora nos campos, ora no mar, ora nos abismos e cavernas, é um mistério que outrora expliquei. O admirável cientista Avicena¹²⁸, na carta para Aziz¹²⁹, afirma que no seio da mãe-terra repousa a essência de todos os metais, misturada com enxofre. Eu prefiro esta àquela do Trismegisto, que afirma ser a matéria um composto de todos os elementos e com Alberto Magno¹³⁰ acho ridícula a afirmação, atribuída pelos alquimistas a Demócrito¹³¹, de que cal e lixívia¹³² (que chamam de água-forte) sejam essência de todos os metais. Mais absurda ainda é a opinião de Gilgile¹³³, no livro chamado *De' secreti*, onde pretende que tal essência seja um chá de cinzas, pelo fato de as cinzas

¹²⁶ Ou Giaber ou Gebber, do arábico Abu Mussah Djafar al-Sofi, fundador da alquimia árabe do século VII e autor de obras de magia, entre as quais 42 dedicadas às ciências ocultas.

¹²⁷ Mítico personagem egípcio, dito Trismegisto por ter sido rei, sacerdote e sábio, ao qual na Idade Média se atribuíram obras de magia e de ciências ocultas.

¹²⁸ Nome latinizado de Ibn Sina (980-1037), médico e filósofo árabe cuja autoridade perdurou por toda a Idade Média.

¹²⁹ Abu Ali al-Hassamben (965-1038), conhecido como Azez ou Hazem, matemático árabe.

¹³⁰ Grande filósofo e cientista, frade dominicano e mestre de Tomás de Aquino, nascido no final do século XII e falecido em Colônia, em 1280.

¹³¹ Filósofo grego, vivido entre o V e o IV século antes de Cristo.

¹³² Na verdade, a água-forte, nome vulgar para o ácido nítrico, não tem nada a ver com cal e lixívia (barrela), nem com os metais em geral.

¹³³ Alquimista citado por Alberto Magno em seu *Liber animalium*.

*liquatur in vitro e congelatur frigido*¹³⁴. Mas ao erro põe remédio o incomparável Alberto...

G. BERNARDO: Estas lucubrações infernais não me dizem nada. Mas me dão uma vontade danada de ver ouro saindo das suas mãos e **você melhor** vestido do que está. Vem cá, se **você** soubesse fabricar ouro, não ficaria na rua vendendo a receita, mas a usaria para ficar rico; ao invés de fazer ouro para os outros, para provar que consegue, o **farias para ti mesmo**, sem precisar vender o segredo.

CENCIO: Pronto, interrompeu: perdi o fio. **Achas** que tem razão? Pela cautela que usou comigo, seu Bartolomeu parece bem mais razoável do que **você**. **Achas** errado. Todo mundo sabe que fui assaltado e quase assassinado na floresta de Canello, vindo de Airola para cá.

G. BERNARDO: Só **você** viu.

CENCIO: Aí, não tendo mais recursos para comprar os minerais e os ácidos para fazer o ouro, como sempre fiz, precisei vender a fórmula.

G. BERNARDO: Era melhor buscar patrocínio e prometer ouro de sobra pra ele e pra **você**. Qualquer um, não só Bartolomeu, **te** financiaria e, ao invés de tirar ouro do bolso dos outros, **você** o tiraria honradamente do seu forno.

CENCIO: Ora, me deu vontade de vender e vendi! Já que vou morrer, o que me importa que todo mundo saiba fazer ouro? Que o mundo esteja cheio de ouro?

G. BERNARDO: Neste caso, a prata e o estanho terão mais valor do que o ouro.

CENCIO: Quanto ao tal de patrocínio, saiba que, na mesma hora em que pagou, o senhor Bartolomeu recebeu de mim a fórmula completa, com todas as indicações exatas para fazê-la funcionar. Ele mesmo mandou um criado dele ao herborista, para comprar o necessário, e presenciou o processo todo. Aliás, foi ele quem fez a experiência enquanto

¹³⁴ Lat.: “derreter no vidro e congelar no frio”.

eu somente recomendava: “Faz assim, não faz assado, agora põe mais deste daqui, agora tire aquilo.” Até que finalmente, para a sua felicidade, achou no fundo do alambique o ouro puríssimo, destilado *luto sapientiae*.

G. BERNARDO: Que é a lama das bocetas suadas pela viagem até Piedigrotta¹³⁵.

CENCIO: Que seja; com esta garantia, o meu patrocinador me deu 600 moedas pela fórmula, como combinado.

G. BERNARDO: Só falta uma coisa para fechar o negócio.

CENCIO: Alguma sugestão?

G. BERNARDO: Com 600 moedas a menos, ele está agora na miséria em que **você** estava, enquanto **você**, com 600 moedas a mais, está no conforto que era dele: então, já que trocaram a sorte, troquem as roupas também, e os bonés. Pois agora não faz sentido ele andar com aquela capa e **você** nestes trapos.

CENCIO: Gostei da brincadeira.

G. BERNARDO: Se eu encontrá-los juntos, vou dizer: “Eis a sua capa, Cencio; e aquela não é a sua, Bartolomeu?” Fala sério, malandro: o que **você** armou para o cara? Não fez como aquele tal de Gigio com o Perrotino?¹³⁶

CENCIO: Vamos ver; o que ele fez?

G. BERNARDO: Não **sabes**? Vou **te** contar. O cara escondeu ouro num toco de madeira oco. Depois, **preste** atenção: ele chamuscou o toco por fora, guardou-o dentro da roupa e sem dar bandeira deixou-o cair entre outros pedaços de lenha que já estavam no fogão do Perrotino. Daí a um minuto o toco, queimando, começou a derramar ouro por toda parte...

¹³⁵ Vilarejo perto de Nápoles (hoje urbanizado) com um santuário dedicado à Virgem Maria, alvo de romarias na noite entre o dia 7 e 8 de setembro.

¹³⁶ De Perrotino, ou seja, pequeno de estatura, era alcunhado Pietro Pomponazzi, o filósofo aristotélico da primeira metade do século XVI.

CENCIO: Impressionante! Como pode um ser humano imaginar uma trapaça dessas? Ah, mas eu não seria capaz! Se bem que o senhor Bartolomeu suspeitou de mim... alguém deve ter contado a ele essa história. Repare que ele não quis que eu tocasse em nada, e que me mantivesse a três metros de distância do forno onde experimentamos a fórmula, da primeira vez, explicando em voz alta tudo o que ele devia fazer. E depois, nas outras vezes, ele fez tudo sozinho, orientando-se somente pela fórmula. De modo que, agora que abonou o experimento com o mínimo de material e de despesa, resolveu cair de cabeça no negócio. Pode apostar que, se semeou tanto assim, muito mais vai colher.

G. BERNARDO: Aumentou a dose?

CENCIO: Só nessa primeira fornada, tirará quinhentas moedas de ouro de cinquenta centavos que investi.

G. BERNARDO: Até dá para acreditar nos cinquenta centavos, mas nas quinhentas moedas! Esta sim que é uma profecia digna de Caifás!¹³⁷ É só esperar o parto para ver se é macho. Até lá!

CENCIO: Adeus. **Você** não bota fé nem no papa.

Cena 12

(*Cencio, sozinho*)

CENCIO: Que bom que Bartolomeu não tem a cabeça dura deste! Gente! Se todos nesta cidade forem tão desconfiados, nem adianta eu lançar minha rede por aqui! Ora, o meu passarinho caiu direitinho; eu certamente não sou de deixá-lo escapar. E não me terei por dono dessas moedas enquanto não tiver dado o fora do Reino de Nápoles. Já mandei preparar o cavalo; não vou nem buscar a bagagem. Quando o dono da hospedaria abrir

¹³⁷ Alusão à profecia de Caifás, em *João* 11, 51-52.

minhas malas vai encontrar pedras. Pode fechar a conta com elas! Tudo que tem valor está fora da mala. Nem vou esperar que Bartolomeu mande buscar mais *pulvis christi*¹³⁸. Lá vem a mulher dele: não pode me ver assim, de mala e cuia.

Cena 13

(*Marta, sozinha*)

MARTA: Que o diabo o leve! Deve saber atizar o fogo e fritar almas danadas melhor do que Satanás, Belzebu e todos os que derretem no inferno! A cara do meu marido! Parece que passou trinta anos fazendo carvão dentro de um vulcão¹³⁹. Fica naquela maldita fumaça o dia inteiro que nem um peixe n'água! Depois me vem com aqueles olhos vermelhos, ardendo que parece Lúcifer em pessoa. Ora, eu saberia como fazê-lo descarregar a tensão: se ele quisesse o meu amor! Mas que nada! Desde que meteu na cabeça que tinha que encontrar a pedra filosofal, não come, não dorme, não quer saber da cama! Está mais ansioso que criança com roupa nova para vestir! Qualquer coisa o irrita. Não aguenta um minutinho de nada. O paraíso dele é a fornalha! Os santos dele são carvão e brasas. Os anjos dele, aqueles alambiques tortos, com o nariz de vidro e o cabo de ferro, que põe em volta do forno, grandes, médios, pequenos. E canta e dança e reza e mexe e fuça e grita, meu Deus, coisa de louco!¹⁴⁰ Um minuto atrás, olhei pela fresta da porta e o vi sentado na cadeira, uma perna pra cá, outra pra lá, fitando as vigas do teto: balançou três vezes a cabeça e depois disse "lá surgirão estrelas de ouro maciço". E resmungava outras coisas, com o olhar vidrado. Quase que me encanta! Será que vão mesmo chover moedas da chaminé? Opa, chegou Sanguino.

¹³⁸ O pó alquímico que deveria converter os metais em ouro.

¹³⁹ Do italiano *Alla montagna di Scarvaita, che sta da lá del monte Cicala* (Na montanha de Scarvaita, além do monte Cicala): o vilarejo natal de Bruno, perto de Nola, olhando ao leste o panorama do Vesúvio.

¹⁴⁰ Do italiano *che mi fa sovvenire dell'asino* (Me lembra o burro), ref. ao aforismo de Erasmo (*Adagi*): *asynum as lyram, ad tibiam*.

Cena 14

(*Marta, entra Sanguino*)

SANGUINO (*cantando*): Quem quer limpador de chaminés? Quem quer polir bacias, castiçais, conchas e caldeiras?

MARTA: Que novidade é essa, Sanguino? Está ficando louco? Cantando no meio da rua? Qual das duas é a tua arte?

SANGUINO: *Você é que sabe, dona* Marta.

MARTA: Eu não.

SANGUINO: Como não? Sou discípulo do seu marido; ele não limpa chaminés? Não conserta panelas, não remenda frigideiras? Veja: o ofício se conhece pelas mãos... Se não, que diabo de arte é a que ele faz? Ou é a senhora que o mantém defumado lá dentro como uma salsicha ou um pedaço de carne seca?¹⁴¹

MARTA: Coitada de mim. Qualquer vagabundo debocha de mim por causa do meu marido. Sei lá, Sanguino. Vai perguntar a ele.

SANGUINO: Nem Jesus Cristo teria coragem de encostar! Toda a doença deu pra sarar, fora a demência.

MARTA: Então cai fora! Eu é que não quero encostar em um malandro da tua espécie. Sai, sai, sai!

SANGUINO: *Vai, vai* chupar a sua salsicha defumada¹⁴².

¹⁴¹ *Do it. mesesca di botracone in Puglia* (carne seca de carneiro da Apúlia).

¹⁴² *Do it. Guardati di porgergli la lingua che la minestra ti saprá di fumo* (Cuidado ao encostar a língua, pois a sopa terá gosto de fumaça).

Fim do primeiro Ato.

ATO II

CENA 1

(*Otaviano, Manfúrio, Pollula*)

OTAVIANO: Qual é o nome do ilustríssimo professor?

MANFÚRIO: Manfurius, *magister artium*.

OTAVIANO: E qual é mesmo a profissão do senhor?

MANFÚRIO: Já disse, mestre nas artes maiores e educador de menores, aqueles menores fofos, sem mancha nas bochechas, *puberum, adolescentulorum*, aqueles que ainda são brotinhos que a verga dobra e dirige como deseja, que ainda têm a voz de anjinhos, aptos aos tons agudos, dentinhos de leite, gordinhos e gostosos, novinhos nas naturais tendências, sem uma ruga na carne, que cheiram a leite, de lábios rosados, de língua macia, doces e ingênuos como flores, não amargos como sêmen, meigos no olhar como meninas...¹⁴³

OTAVIANO: Já sei! O senhor é o mestre Manfúrio, mesmo? O gentil, eloquentíssimo, arquigalante mordomo-mor e *sommelier* das Musas...

MANFÚRIO: Oh, belos emblemas!

OTAVIANO: ...patriarca do coro apolinesco...

MANFÚRIO: Melhor “apolíneo”.

OTAVIANO: Pela tromba do dito Apolo, deixe que eu beije a sua bochecha, pois não sou digno de beijar a sua boca...

¹⁴³ Do lat. *Eorum qui adhuc in virga in omnem valent erigi, flecti, atque duci partem, primae vocis, apti al soprano, irrisorum denticulorum, succiplenularum carniū, recentis naturae, nullius rugae, lactei halitus, roseorum labellulorum, lingulae blandulae, mellitae simplicitatis, in flore, non in semine degentium, claros habentium ocellos, puellis adiaphoron.*

MANFÚRIO: Nem Júpiter tem tanto mel na boca quanto eu¹⁴⁴.

OTAVIANO: ...pois digo, nunca vi uma boca cuspir tão desvairadas sentenças e palavras meladas...

MANFÚRIO: *Addam et plura*: na primavera da vida, *in ipso aetatis limine, ipsis in vitae primordiis, in ipsis negotiorum huius mundialis seu cosmicae architecturae rudimentis, ex ipso vestibulo, in ipso aetatis vere, ut qui adnupturiant, ne in apiis quidem...*¹⁴⁵

OTAVIANO: Ai, mestre da Fonte Cabalina¹⁴⁶, assim você me mata de doçura. Pare! Pare! Não diga mais nada se não quiser me fazer delirar.

MANFÚRIO: *Silebo igitur*, vou me calar, pois sei que a excelência oprime¹⁴⁷. Não foi este o fim daquela miseranda cujo fio da vida as Parcas cortaram porque, diz Ovídio¹⁴⁸, ela assistira ao triunfo de Júpiter resplandecente?

OTAVIANO: Ai, que delícia, que dilúvio de eloquência.

MANFÚRIO: Você me obriga¹⁴⁹.

OTAVIANO: Piedade! Pare! Você lança setas que puxam minh'alma de mim.

MANFÚRIO: Ele não aguenta me admirar tanto. *Tacebo igitur*, não vou insistir: mudo como um peixe, às palavras que pronunciei nada somarei: *tantum effatus, vox faucibus haesit*¹⁵⁰.

¹⁴⁴ Citação do Petrarca, *Canzoniere* 193, 2 (soneto “Pasco la mente”).

¹⁴⁵ Lat.: “Vou dizer mais: naquela idade que é o limiar da existência, no início da vida, quando se adquirem os rudimentos da arquitetura cósmica, no vestibulo digamos, na primavera, como alguém que quisesse casar sem ainda ter coroa...”

¹⁴⁶ A fonte de Hipocrene, também chamada de fonte do Parnaso ou fonte cabalina, inspiradora dos poetas.

¹⁴⁷ Do lat. *Silebo igitur, quia opprimitur a gloria maiestatis*.

¹⁴⁸ Sêmele, por ter visto Júpiter em sua majestade, se incinerou (Ovídio, *Metamorfoses*, III, 288).

¹⁴⁹ Do lat. *Cogor morem gerere*.

OTAVIANO: Mestre Manfúrio, o senhor é um tumultuoso rio de retórica que desemboca num sereníssimo mar de doutrina.

MANFÚRIO: *Tranquillitas maris, serenitas aeris*¹⁵¹.

OTAVIANO: Será que **não tens** aí um poema dos seus para eu copiar?

MANFÚRIO: Pois bem, creio que nunca, *in toto vitae curriculo*, ocorreu-me de formar uma composição tão simétrica, bela e bem concebida como esta que neste instante tirei do bolso.

OTAVIANO: Qual a matéria?

MANFÚRIO: *Litterae, syllabae, dictio et oratio*: ora, palavras conexas ou distantes!¹⁵²

OTAVIANO: Perguntei do tema: o assunto!

MANFÚRIO: Sei, você queria dizer “acerca de qual matéria”, *de quo agitur? Materia de qua? Circa quam?* Pois bem, é a respeito da gulodice, voracidade e sofreguidão de Sanguino, aquele glutão – vivente effígie de Filóxeno que queria ter o pescoço do grou¹⁵³ – , e de seus pares, parecidos, sócios e compadres.

OTAVIANO: Peço, deixe-me ouvi-lo.

MANFÚRIO: *Lubentissime. Eruditus non sunt operienda arcana*¹⁵⁴. Pois veja como descerro o *papirum propriis elaboratum et lineatum digitis*¹⁵⁵. **Espero repare que já Ovídio** de

¹⁵⁰ Do *lat.* *In ecstasim profunda trahit ipsum admiratio. Tacebo igitur de iis hactenus, nil addam, muti pisces: tantum effatus, vox faucibus haesit.* A derradeira frase é citação de Virgílio, *Aeneides*, III, 48: “tendo dito isto, a voz morreu-lhe na garganta”.

¹⁵¹ *Lat.*: “O mar é manso, o ar é sereno.”

¹⁵² Manfúrio, com postura pedantesca, entende ao pé da letra a pergunta de Otaviano e lista-lhe as partes materiais que constam nos versos, e não o seu argumento.

¹⁵³ Do *lat.* *qui collum gruis exoptabat.* Poeta grego do IV século antes de Cristo, ao celebrar em versos os prazeres da mesa, Filóxeno escreveu desejar o pescoço do grou para poder apreciar melhor o sabor dos pratos.

¹⁵⁴ *Lat.*: “Com muito prazer. **Aos cultos não convém ocultar a cultura.**”

Sulmo (*Sulmo mihi patria est*)¹⁵⁶, no livro oitavo das *Metamorfoses*, ilustrou com admiráveis epítetos o javali caledônio¹⁵⁷, imitando o qual eu esbocei, este porco dos nossos.

OTAVIANO: Vai, vai, declame logo!

MANFÚRIO: *Fiat*. Quem dá na hora, dá o dobro¹⁵⁸. *Exordium ab admirantis affectu*¹⁵⁹.

“Besta irracional, vil otário

Flatulento ser que se empanturra

Goela quadruplicada que empurra

pra dentro muito mais que o necessário,

Gerador de fezes de tal monta

Que não dá conta o canal emissário.

Vasa a banha da gamela locupleta

que o sórdido pastor te apronta!

Engorda na pocilga, nada mais conta,

vá deitar na cama de esterco repleta

ô miserável, que não sabe o que faz!

Post haec:

¹⁵⁵ Lat.: “o papiro que eu mesmo redigi com as minhas mãos”.

¹⁵⁶ Lat.: “Sulmona é minha pátria” (Ovídio, *Trist.* IV, 10, 3).

¹⁵⁷ O mítico monstro que Artemis mandou devastar o território de Caledone, na atual Alta Escócia (Highlands), e que foi morto por Meleagro junto com outros heróis e semideuses.

¹⁵⁸ Do lat. *Qui cito dat, bis dat*. O ditado é de Erasmo.

¹⁵⁹ Lat.: “Um bom começo depende da curiosidade de quem escuta.”

Seu doente incurável, morador da lama, boca voraz,

gula gulosa, urubu rapace¹⁶⁰,

terra faminta, vulva capaz,

seu ventre um poço infindável¹⁶¹,

seu beijo pêndulo, fétido nariz,

inimigo no céu, especulador no chão

alma de sal, pra não cair seu corpo em podridão.”¹⁶²

Que tal? A métrica, o tema, o desenvolvimento, tudo!

OTAVIANO: Bem se vê que o senhor é mestre no ofício!

MANFÚRIO: *Sine conditione et absolute*¹⁶³. Versos que são dignos frutos da melhor planta que jamais brotou no monte Heliconas¹⁶⁴, que a fonte do Parnaso regou, o louríssimo Febo¹⁶⁵ aqueceu e as puríssimas Musas cultivaram. Então? Não **admiras** o encômio quanto admirou o poema?

OTAVIANO: Oh! Belo, penetrante e profundo! Mas, diga-me, demorou muito pra fazer os versos?

¹⁶⁰ *Lit.* “urubu de Tício”. O gigante Tício, na mitologia grega, foi morto por Artemis e Apolo porque tentou violar Latona: crucificado no chão, um urubu lhe devora o coração que sempre torna a crescer.

¹⁶¹ *Lit.* “ventre que parece o poço das Plêiades”. As Plêiades, filhas de Atlante, derramaram-se em lágrimas após a morte das irmãs Iades.

¹⁶² Ref. ao filósofo grego Crisippo (citado por Cícero), segundo o qual a alma, no estulto, não passa de sal para conservar o corpo.

¹⁶³ *Lat.*: “Sem condições, absolutamente sim.”

¹⁶⁴ O monte onde moram as Musas.

¹⁶⁵ Febo Apolo, deus loiro, simbolizava o Sol.

Manfúrio: *Infimus*¹⁶⁶ .

OTAVIANO: O senhor vai dizer que não souou a camisa para compô-los?

Manfúrio: *Minime*¹⁶⁷ .

OTAVIANO: E que não gastou tempo e dinheiro neles?

Manfúrio: *Nequaquam*¹⁶⁸ .

OTAVIANO: Mas fez e refez mil vezes as rimas!

Manfúrio: *Haudquaquam*¹⁶⁹ .

OTAVIANO: Nem reviu a versão final!

MANFÚRIO: *Non opus erat*¹⁷⁰ .

OTAVIANO: E não surrupiou nem um versinho de outro poeta?

Manfúrio: *Neutiquam, minime*. Deus nos livre da inveja!¹⁷¹ Você quer saber demais... creia que não pouca água eu bebi da tal fonte nem de pouco licor me brindou a filha cerebral de Júpiter¹⁷² que, se você não sabe, é a casta Minerva armada de sapiência. E creia ao par que eu resolveria com a mesma felicidade qualquer outro desafio: que seja listar de cor o

¹⁶⁶ *Lat.*: “Pouquíssimo.”

¹⁶⁷ *Lat.*: “Nada.”

¹⁶⁸ *Lat.*: “Nem um pouco.”

¹⁶⁹ *Lat.*: “Claro que não.”

¹⁷⁰ *Lat.*: “Não precisava.”

¹⁷¹ *Do Lat.:* *Neutiquam, absit verbo invidia, Dii avertant, ne faxint ista Super.* (Absolutamente não! Sem ofender ninguém, Deus me livre de uma coisa dessas, as entidades não deixem acontecer.)

¹⁷² *Do lat. de cerebro nata Iovis* . Minerva nasceu armada do cérebro de Júpiter.

catálogo das partículas afirmativas e negativas¹⁷³. Quer ver? *Sic, ita, etiam, sane, profecto, palam, verum, certe, proculdubio, maxime, cui dubium? Utique, quidni? Mehercle! Aedepol, mediusfius, et caetera.*

OTAVIANO: Como *et caetera*! Peço-lhe, mestre, outra negação pra fechar.

MANFÚRIO: Tamanho cacófato¹⁷⁴ jamais **terás** de mim! Elocução infame, pois uma vez concluído o catálogo, nada se ajunta¹⁷⁵.

OTAVIANO: Mestre, qual mais gosta das afirmativas?

MANFÚRIO: *Utique* me agrada: com ela em mente, preservo a elegância das línguas mortas¹⁷⁶.

OTAVIANO: E das negativas?

MANFÚRIO: Gosto de *nequaquam*, me deixa bem satisfeito.

OTAVIANO: Agora sua vez.

MANFÚRIO: Diga, senhor Otaviano, gostou mesmo dos meus versos?

OTAVIANO: *Nequaquam*.

MANFÚRIO: Como *nequaquam*! Não são excelentes?

OTAVIANO: *Nequaquam*.

MANFÚRIO: Duas negações afirmam¹⁷⁷: quer dizer que gostou muito.

¹⁷³ **Do lat.:** *ad explicandas notas affirmantibus vel asserentibus*. Segue catálogo das partículas adverbiais que Manfúrio usa com frequência.

¹⁷⁴ **Lit.** *cacocephaton*, dicção corrupta de *cacophaton* ou *cacephaton*, voz grega que indica uma “elocução infame”.

¹⁷⁵ **Do lat.** *factae enumerationis clausulae non est adponenda unitas*.

¹⁷⁶ **Do lat.** *lingua aethrusca vel tusciana meaeque inhaerent menti* (língua etrusca que guardo em mente). Esta língua, usada pela civilização etrusca que ocupava a região da Toscana, na Itália, antes dos romanos, se perdeu.

¹⁷⁷ Em latim, duas negações afirmam.

OTAVIANO: *Nequaquam*.

MANFÚRIO: Está brincando comigo?

OTAVIANO: *Nequaquam*.

MANFÚRIO: é sério?

OTAVIANO: *Utique*.

MANFÚRIO: É assim que o senhor preza o meu Marte e minha Minerva?¹⁷⁸

OTAVIANO: *Utique*.

MANFÚRIO: Infâmia! Em princípio minha opulência locutória assombrou-o e agora, *ipso lectionis progresso*¹⁷⁹, **mudou** sua admiração por inveja.

OTAVIANO: *Nequaquam!* Que inveja e inveja. Não foi **você** que disse que gosta mais dessa?

MANFÚRIO: Percebo: **práticas** exercícios.

OTAVIANO: *Nequaquam*.

MANFÚRIO: Sem brincadeira¹⁸⁰: será que são impolidos e feios os meus versos?

OTAVIANO: *Utique*.

MANFÚRIO: Acha mesmo?

OTAVIANO: *Utique, sane, certe, equidem, utique, utique*.

MANFÚRIO: Não falo mais com o senhor.

OTAVIANO: **Você** não aguenta ouvir palavras que diz gostar, imagine se eu dissesse algo de que não gosta! Adeus.

¹⁷⁸ ~~Tem respeito pelo meu talento e inteligência.~~

¹⁷⁹ Lat. “adiantada a este ponto a lição”.

¹⁸⁰ Do lat. *Dicas igitur sine simulazione et fuco*.

Cena 2

(*Manfúrio, Pollula*)

MANFÚRIO: Vade, vade. Meu Deus, Pollula, que raça de homem é aquele?

POLLULA: O cara, no início, sacaneou você de um jeito; no final, de outro jeito.

MANFÚRIO: Creio ser por causa da inveja que os ignorantes têm de nós, eruditos (sempre que os outros também pertencem à nossa espécie)¹⁸¹. O que acha?

POLLULA: Também acho, sendo que você é meu professor. Quero agradecer.

MANFÚRIA. Está bem, deixe¹⁸². Já despacharei as Musas contra este tal de Otaviano: *posthac verás*, como já teve de ouvir de mim os epítetos suínos, *verás* de que maneira trato os ineptos juízes da doutrina alheia. Pollula, eis a epístola amatória que acabei de compor para o senhor Bonifácio... quer dizer, para gratificar e incentivar a senhora amada por Bonifácio. *Vá* entregá-la em mãos, em segredo, e *diga*-lhe que estou muito ocupado com meu outro jogo literário. Ai, ai, o que vejo são duas fêmeas apropriando-se, *de quibus illud: “Longe fac a me.”*¹⁸³

POLLULA: Tchau e b~~e~~ênção, senhor professor.

MANFÚRIO: Até logo e nada deste “tchau”¹⁸⁴.

¹⁸¹ Do lat. *melius diceretur “alii”, differentia faciente “aliud”*. Literalmente: “melhor dizer outros, indicando uma diferença qualitativa entre seres da mesma espécie”.

¹⁸² Do lat. *De iis hactenus, missa faciamus haec*.

¹⁸³ Lat.: “das quais digo: longe de mim!”. Citação de trecho da *Bíblia* que faz referência às meretrizes (*Provérbios* 5, 8).

¹⁸⁴ Do lat. *Fastum iter dicitur: vale*. Literalmente: “Deseja-se bom prosseguimento com *vale*” (e não com *salve*, como Pollula faz).

Cena 3

(*Vitória, Lúcia*)

VITÓRIA: A tolice dele me entenece, sua breguice me faz crer que não perderei nada em tê-lo como amante. Já que se chama Bonifácio, certamente não me fará mal algum.

LÚCIA: Dona, aquele ali não é dos loucos varridos de cérebros secos; ao contrário, tem cérebro mole e encharcado. Precisa espremer dele o humor mais suculento e doce, não este humor enjoado, assanhado e esquisito.

VITÓRIA: Agora vá agradecer de minha parte. Diga que fiquei extasiada com seus versos e que você me viu apertar a carta contra o peito não sei quantas vezes no pouco tempo que ficou comigo, coisas assim, todas as baboseiras que precisar para ele acreditar que estou apaixonada por ele.

LÚCIA: Deixe comigo, dona¹⁸⁵. Ai, se eu pudesse manejar Reis e Imperadores como manipulo aquele lá... Passar bem.

VITÓRIA: Então vá e tome cuidado, Lúcia.

Cena 4

(*Vitória, sozinha*)

VITÓRIA: Não é à toa que pinta-se Amor como um jovem: primeiro, ele não convém aos velhos e, segundo, ele torna o mais grave dos homens leve e sentimental como uma criança. Mas nem por um nem por outro caminho é que Amor entrou neste meu velho. Não se diria que lhe convenha, pois na verdade parece inábil para torneios daquela espécie. Tampouco se diria que vai tirar-lhe o intelecto, pois ninguém é roubado daquilo

¹⁸⁵ *Do it. Lascia la cura a me, disse Gradasso*, citado de Ludovico Ariosto, *Orlando Furioso* XXVII, 66.

que não tem. Problema dele. Preciso pensar em mim. Não há, entre as virgens, as bobas e as espertas?¹⁸⁶ Assim, entre nós, que gozamos dos melhores frutos que este mundo dá, bobas são aquelas que amam somente o prazer passageiro, sem pensar na velhice que avança sorrateira, sem ninguém perceber, até que de repente fica-se sem amantes. Aquela vai enrugando o rosto, estes vão fechando o bolso: a velhice estraga o humor por dentro, as graças por fora e bate à porta para entrar; enquanto os amantes a batem pra sair¹⁸⁷. Por isso digo que preciso pensar em mim, enquanto ainda é tempo. Quem espera o tempo passar, perde o tempo que não espera ninguém. Precisamos aproveitar dos desejos alheios enquanto **nós** somos tudo **que eles** precisam. **Captura a caça enquanto ela te segue, antes que fuja! Como é que vai agarrar o pássaro que voa se nem consegues cuidar daquele que tens na gaiola?** Que [Bonifácio] tem pouco cérebro e mau aspecto, é verdade, mas tem a bolsa cheia. O cérebro é problema dele; com a aparência, não me importo; a bolsa, esta sim me interessa. Os espertos vivem às custas dos bobos e os bobos vivem para o bem dos espertos. Se todos fossem espertos, não haveria espertos; e se todos fossem bobos, não haveria bobos. Teria patrão se todo mundo fosse patrão? Não, né? Afinal, o mundo está bem como está. Portanto, minha Pórcia Vitória¹⁸⁸, de nada vale a **tua** beleza sem esperteza. Convém que **fique** sábia, antes de ficar velha. Nada teremos no inverno, além daquilo que colhemos no verão. Vocês vão ver: este pássaro não me escapa. Ô, Sanguino.

Cena 5

(*Sanguino, Vitória*)

¹⁸⁶ Alusão à parábola das virgens, em *Mateus* 25, 1-13.

¹⁸⁷ **Do it. *Quella percuote da vicino, e questi salutano da lontano*** (Ela te aflige de perto, aqueles te cumprimentam de longe).

¹⁸⁸ As cortesãs usavam segundos nomes “de batalha”, fora o nome de batismo.

SANGUINO: Eis a dona dos mais gostosos pés e mais belos joelhos de toda região, minha Pórcia gostosa mais do que biscoito de açúcar com canela. Meu bem, se não estivéssemos na praça pública, eu **te** plantava um beijo nesses beijos que **te** virava do avesso. Quebraria até a corrente de São Leonardo por **você**...¹⁸⁹

VITÓRIA: Ha-han. Novidades, Sanguino?

SANGUINO: O senhor Bonifácio manda lembranças. E eu, assim como um bom pai recomenda o seu rebento ao professor, recomendo que Madame o trate como merece. *Id est*, se for néscio, bata sem piedade. E caso precise de alguém que o cavalgue¹⁹⁰, sabe que é o meu serviço.

VITÓRIA: Ah, ah, o que quer dizer com isso?

SANGUINO: Ah, vai dizer que Madame não sabe... é tão ingênua ela...

VITÓRIA: Não tenho a sua manha, não.

SANGUINO: Não tem a minha, mas tem tantas outras... Se você não for gente fina, entendida do assunto, quem será? Mas essas são palavras ao **léu**; a gente se entende, não é? Escute aqui, Madame. Houve um tempo **que** leão e jumento eram amigos e iam passear juntos. Combinaram que toda vez que chegassem a um rio, um carregaria o outro; uma vez o jumento levaria o leão, outra vez o leão levaria o jumento. Assim foi que, indo para Roma, chegaram a um rio sem barco nem ponte¹⁹¹ e o leão subiu nas costas do jumento; para segurar melhor, já que tinha pavor de água, o leão fincou as unhas no cangote do pobre carregador, afundando até os ossos... O jumento, paciente por profissão, não reclamou e aguentou firme. Alcançada a outra margem do rio, sacudiu as

¹⁸⁹ Santo eremita que viveu na primeira metade do século VI, teria obtido do rei Clovis a libertação de numerosos prisioneiros, de modo que era venerado como protetor dos cativos, inclusive os cativos de amor. Durante dois séculos, como prova o édito do duque de Alcalá de 5 de março de 1562, beijar mulheres em público ficou proibido em Nápoles, onde o crime podia ser reprimido até com pena de morte.

¹⁹⁰ A “cavalaria” era um castigo que se infligia aos alunos: ver **nota 6**.

¹⁹¹ **Lit. do it.** *al fiume Garigliano*.

costas, rolou umas vezes na areia quente, até que puderam seguir caminho. Oito dias depois, voltando pelo mesmo caminho, cruzaram novamente o rio; era a vez de o jumento subir nas costas do leão. Assim o fez, e, para se firmar, fincou os dentes no cangote do leão e o instrumento (a gente se entende, né?) no olho do cu, enfim, no rabo. O leão, que sentiu mais aquilo do que mulher em dor de parto, gritava “Ui, ui, ai de mim, traidor.” O jumento, com sua voz grave, respondeu: “Paciência, meu amigo, é que eu não tenho unha pra enfiar.” Foi assim que o leão teve que aguentar até chegar do outro lado. Fez, espere o troco¹⁹². Ninguém é tão burro de não aproveitar da ocasião favorável. Enfim, o tal Bonifácio...

VITÓRIA: O que foi que ele te fez?

SANGUINO: Faz um tempo, ele não gostou do meu trato e me fez uma que nem o leão fez ao jumento. Agora, chegou a minha vez...

VITÓRIA: Vai fazer o quê?

SANGUINO: Você vai saber. Mas veja quem vem: conhecidos... Vamos lá à sua casa pra conversar só nós dois.

VITÓRIA: Então tá bom. Vamos. Tem muitas coisas que eu quero conversar com você.

SANGUINO: Vamos, meu bem, vamos.

Cena 6

(*Lúcia, -Barra*)

LÚCIA: Espirito de urubu, pé de ostra, ovo de leopardo. Conta, conta¹⁹³.

¹⁹² Do lat. *Omnia reo vicissitudo este*. Sanguino deforma o ditado latino *Omnia rerum vicissitudo est*, repropósito por Erasmo e central na filosofia de Bruno: “a mutação é condição essencial das coisas”.

¹⁹³ Do it. *Startuti di cornacchia, piè d’ostrea ed ova di liomparado*: coisas inacreditáveis, um mundo de novidades.

BARRA: Ai, ai, sacanagem. O marido atiçando a fornalha e eu atiçando a mulher dele no quarto ao lado.

LÚCIA: O que você fez?

BARRA: Brincamos de marcha-soldado¹⁹⁴: eu de espada e ela de bainha. O que está fora vai pra dentro! O que está dentro vai pra fora! Você quer que conte tudo o que aconteceu?

LÚCIA: Conte, vai, conte que estou a fim de me divertir.

BARRA: Aquela velha barbuda, quando lhe pedi que me deixasse entrar, respondeu “não, não, não...”

LÚCIA: E você, seu tarado, perverteu a coitada? Desonrou a família?

BARRA: Quem te disse isso? Que diabo! Será que as mulheres têm um buraco só para dar prazer aos homens?

LÚCIA: Vá, siga em frente.

BARRA: Bem, se ela tivesse dito “não” uma vez só, eu não teria insistido. A coisa ficava por aí. Mas ela disse “não” tantas vezes, e não não não não não, que eu pensei comigo “Caralho! Como ela quer. Só vendo!¹⁹⁵ E vai ver que nessa viagem atravesso o rio.” Então retomei a conversa e disse “Ó, rostinho de ouro, olhinhos de cristal, você quer me ver morrer, não quer?”

LÚCIA: Ahn, seu depravado; eu não disse que só pensa nisso?

BARRA: Luciazinha, é você que não pensa em outra coisa... Quer me ver naquele estado, mesmo?

¹⁹⁴ Do it. *Il giuoco de zingani* (Brincamos de ciganos). Referência ao jogo de habilidade feito pelos ciganos com uma corda, visando tirar dinheiro dos ingênuos. Citado por Sacchetti (*Novelle*, LXIX), era jogado na Itália toda, mas especialmente na região de Nápoles.

¹⁹⁵ Do it. *al sangue de suberi di pianelle vechissime* (sangue de cortiça pra fazer chinelo!), imprecação popular de incredulidade.

LÚCIA: Ei, me **larga**. E o que ela disse?

BARRA: Ela disse “Sai, sai, sai, sai, sai, sai, malandro.” Se ela tivesse dito uma vez só “sai”, talvez eu perdesse a confiança que os “não, não, não” dela haviam me dado. Mas ela disse mais de quinze vezes “sai, sai, sai”; e eu ouvi outro dia do mestre Manfúrio que duas negações dão uma afirmativa, quanto mais quinze! A experiência comprova! Então pensei comigo “essa daí está querendo dançar com três **pés**¹⁹⁶; eu vou lhe meter outra perna no meio das duas pra cavalgá-la melhor”.

LÚCIA: Agora **te** peguei!

BARRA: Ai, ai, Lúcia, será que você ~~deve ver~~ o vício em tudo que eu digo?

LÚCIA: Então continue, que eu vou ficar quieta. O que aconteceu depois?

BARRA: Eu cheguei perto com a boca pequenininha assim, ó, e disse “coração, quer que eu morra? Logo agora que tanto te quero? Então, pegue a minha espada aqui e me mate logo, com a sua mão, que eu morro contente!”

Lúcia: E ela? E ela?

BARRA: “Safado, depravado, coisa ruim, vou contar ao padre que você me violou. Com toda a lábia do mundo você não vai me convencer, vai ter que me pegar à força. Prova pra ver! Só porque é macho? Cachorro! Me dá uma espada de verdade que eu te mato agora! Sem testemunha!” Então, Lúcia, não precisava ser um cabeção pra saber a música que a banda toca!¹⁹⁷ Ainda por cima eu, que sou mestre de toque. Dei no couro dela.

LÚCIA: O que você fez?

BARRA: Vamos lá atrás que eu te mostro...

¹⁹⁶ Expressão obscena aludindo ao membro masculino, assim como as seguintes imagens da perna, da espada, da vela e do fuzil.

¹⁹⁷ **Do it.** *S'io avesse avuta la testa più grossa di quella di san Sparagorio* (Mesmo que eu fosse um gigante tolo). A iconografia popular representava este santo como um gigante.

LÚCIA: Nada disso, diga aqui mesmo que lá atrás não dá pra ver nada.

BARRA: Então, mulher! Vamos lá que eu acendo a minha vela! Tenho sempre uma comigo para essas emergências... Anda, vamos descarregar o fuzil que já está carregado.

LÚCIA: Pare com isso! Ainda vai pegar um vírus!¹⁹⁸

BARRA: Quer o que, meu bem? Chuva d'água ou de fogo?

LÚCIA: Chega. Não quero! Me conte logo, o que aconteceu depois? Ela resistiu?

BARRA: Que nada, deixou-me entrar por trás com toda força¹⁹⁹. A coitada esperneava que nem uma mula²⁰⁰; era só passar a rédea pra correr com ela umas cem milhas. Pagou a conta, igual **aquela** outra que tentou o padre Nicola. O padre disse: “Se provocar mais uma vez, te pego”, e ela: “Pronto, é comigo. Se eu provocar mesmo, coitado do padre, o que vai fazer? Não pode pegar nem numa unha, se eu não deixar. Você é homem pra quê?” Diga, Lúcia querida, o que devia fazer aquele homem de bem que há muitos dias não celebrava? Latejou, latejou e no final ejaculou a veia toda.

LÚCIA: Ah, mas você é fino mesmo. Preciso ir à casa do seu Bonifácio, dar um recado. Me **larga**! Você me agarrou aqui com suas porcarias e perdi a hora.

BARRA: **Vai, vai**. Olha lá, o cara que eu procurava.

Cena 7

(*Pollula, Barra*)

¹⁹⁸ **Do it.** *Allumar la possa il fuoco di santo Antonio* (Que o fogo de santo Antônio te acenda o membro). O fogo de Santo Antônio é o *herpes zoster*.

¹⁹⁹ **Do it.** *ch'a la poverina tutta la forza gli andò a dietro via* (a coitada enfraqueceu e deixou passe livre atrás).

²⁰⁰ **Lit.** “a mula de Alcionio”. Alcionio (1487-1527), humanista veneziano colaborador do tipógrafo Aldo Manuzio e professor de grego em Florença. Seu aristotelismo justifica o sarcasmo de Bruno. O poeta Berni, em um soneto, debocha da mula de Alcionio aludindo ao coito sodomita.

POLLULA: Olá, compadre Barra.

BARRA: Chegou na hora, garoto. Vai pra que lado?

POLLULA: Vou pra casa do seu Bonifácio entregar uma carta.

BARRA: Uma carta? Deixe ver.

POLLULA: Peraí, já te digo — é uma carta de amor que mestre Manfúrio, o meu professor, fez pra ele dar pra uma tal de namorada... sei lá.

BARRA: Ahn, eu sei, é para Madame Vitória. Abre aí. Lê pra mim.

POLLULA: **Leia você. Toma.**

BARRA: “*Bonifacius* maluquinho para dona *Porciae Vittoriae Blancae*, em mãos²⁰¹. Quando o rutilante Febo se abala radiante no Oriente, não é tão belo quanto o hilariante vulto da mais bela entre as belas, oh *vitoriosa* dama do meu coração!” Não falei?

POLLULA: **Leia, leia!**

BARRA: “Nunca será demais a maravilha até encrespar a testa e arquear as sobrancelhas: ninguém tem licença de titubear...”²⁰² Que diabo de falar mofado é este? Ainda mais com mulheres, que não entendem nada de gramática. Ah, ah!

POLLULA: Continue, continue!

BARRA: “...titubear, se o púbere flechante com aquele mesmo arco com que chagou o polimorfo multímado monarca Júpiter, pai dos divinos e rei dos humanos, não tivesse me penetrado também o précordio com sua seta pontiaguda pra indelevelmentissimamente esculpir seu garbosíssimo nome, com juras de amor invioláveis”. Ah, que vá dar o cu com a sua logorreia, este corno pedante. E aquele outro besta metido a inteligente, o que pretende mostrar? Madame não vai acreditar numa vírgula que seja dele. Afinal, são só

²⁰¹ Do lat. *SPD*, ou seja, *salutem plurimam dicit*: “fazendo muitos cumprimentos”.

²⁰² Do lat. *nemo scilicet miretur, nemini dubium sit*.

porcarias gramaticadas. Enjoei: já li demais. Se o cara só tiver essa bala na agulha, acho que vai ficar em branco.

POLLULA: **Podes** crer: as mulheres gostam de letras redondas...

BARRA: ... e sonantes, com o retrato do Rei cunhado em cima²⁰³. Vamos embora, quero falar com você. Depois você entrega a carta.

POLLULA: Vamos lá.

Fim do segundo Ato.

²⁰³ Nas moedas espanholas era impresso o retrato do Rei Felipe II.

ATO III

CENA 1

(*Bartolomeu, sozinho*)

BARTOLOMEU: Quem é tão besta, mas tão besta, que todo o rebanho o segue? Ainda não se sabe nada da virtude de cada coisa e já querem classificar: *in verbis, in herbis et in lapidibus*²⁰⁴. Que deus lhe dê o mal de **lázaro** e tudo o que eu não mereço! Porque, antes de mais nada, não citam os metais? Ouro e prata, eles sim, são a fonte de todas as coisas. Pois quem não tem ouro nem prata, não vai ter erva, nem terra, nem pedras, nem linho, nem seda, nem água, nem vinho, nem frutas, nem pão, nem azeite, nem nada. Agora, quem tem ouro tem tudo o que deseja. Ele sim é acima de cada coisa, e, sem ele, nada se possui. O ouro é matéria solar e a prata, lunar: então! Se tirar do céu esses dois planetas, como fica a geração das coisas? Cadê a luz do universo? Assim, se tirar da terra coisas como ouro e prata, como alguém vai **possuir e gozar das outras**? Bem se vê que **aquele** besta teria feito melhor de colocar uma só virtude na boca do povo, do que aquelas três sem essa; a menos que seja uma tática para que nem todos entendam e dominem aquilo, como eu. Ervas, palavras e pedras são virtudes de filósofos malucos os quais, desprezados por Deus, pela natureza e pela sorte, morrem de fome ou vivem de esmola, sem um tostão no bolso. É pura inveja se desdenham o ouro e a prata de quem os tem. Reparem como correm às mesas dos ricos, como cachorros que só sabem latir pra ganhar seu pão²⁰⁵. E onde isso? Naqueles banquetes de tolos que por causa de quatro despropósitos ditos com o sobrolho arqueado, olho atônito e pose de pasmo, deixam-se tirar o pão do forno e a grana do bolso. Aí sim, *in verbis sunt virtutes*!²⁰⁶ Eu, hein! Ficariam

²⁰⁴ Lat.: “nas palavras, nas ervas e nas pedras”.

²⁰⁵ A imagem dos cachorros debaixo da mesa dos ricos alude ao apólogo evangélico de Lázaro que, miserável e faminto, recolhe os restos caídos da mesa do rico Epulone (*Lucas* 16, 19).

²⁰⁶ Lat.: “Virtudes das palavras.”

bem magros se esperassem de mim o efeito de seus bláa-bláa-bláas, já que aos que me pastam de palavras, também pasto palavras. Então fica assim: às bestas a virtude das ervas, aos malucos, a das pedras, e, aos histriões, a das palavras; para mim só vale aquilo em nome do qual tudo tem valor, o dinheiro. Este sim contém todas as virtudes. Falta dinheiro, também faltam pedras, ervas, palavras, ar, água, terra e fogo, enfim, falta a vida. Não só, o dinheiro garante da vida daqui e da de lá, se bem empregado, com esmolas discretas e fazendo bem os cálculos, para não condenar a alma da carteira. Não por acaso diz um sábio: faz o bem, olha a quem²⁰⁷. Enfim, não tem vantagem nenhuma em se ficar de papo furado. Ah! Saiu um édito do Reino que diz que as notas de vinte não valem mais vinte moedas francesas, a partir de amanhã; eu vou lá trocar as três notas que tenho antes que preguem o decreto²⁰⁸. No ínterim, o meu criado deve chegar com o *pulvis christi*.

CENA 2

(*Bonifácio, Bartolomeu, Lúcia*)

BONIFÁCIO: Seu Bartolomeu, escuta aqui: aonde vai tão depressa? Fugindo de mim?

BARTOLOMEU: Tenho mais o que fazer do que ficar ouvindo as suas baboseiras de amor.

BONIFÁCIO: Já sei. Vai, vai você atrás daquela outra terrível.

LÚCIA: Que brincadeira é essa? Será que ele sabe que o senhor está apaixonado?

BONIFÁCIO: Que sabe o quê? Que se foda. Só porque me viu conversar com você... Vamos ao que interessa, Lúcia: o que manda a minha doce senhora Vitória?

²⁰⁷ Do lat. *Si bene feceris, vide cui*: uma das sentenças atribuídas a Catão o velho. A moral católica (faz o bem, não olhes a quem) é invertida.

²⁰⁸ Nápoles, em fins do século XVII, passou do domínio da Coroa de Espanha ao domínio dos Orleães, e a moeda espanhola (*carlino*) foi substituída aos poucos com a moeda francesa (*tornese*). A alusão de Bruno ao decreto, emitido entre 1570 e 1579, sugere a possível elaboração remota da comédia em relação à data em que foi publicada (1582).

LÚCIA: Ai, pobre mulher. Ela está numa situação horrível. Anda muito necessitada, sabe... imagine que teve que empenhar um diamante e um anel de esmeraldas...

BONIFÁCIO: Pronto. Que desgraça!

LÚCIA: Pois é. Creio que ela ficaria muito bem-disposta se o senhor a ajudasse a resgatar as joias. Umas dez moedas só...

BONIFÁCIO: Tá, tá, vamos ver.

LÚCIA: Quanto antes, melhor.

BONIFÁCIO: É que agora não posso, Lúcia. Volta mais tarde. Tenho um negócio pra resolver... (*Entram Scaramuré e Ascânio.*) Justamente com este senhor que está vindo aí. Vai, vai, Lúcia. Depois conversamos.

LÚCIA: Até logo.

Cena 3

(*Bonifácio. Entra Ascânio, trazendo Scaramuré*)

ASCÂNIO: Seu Bonifácio. Trouxe o excelentíssimo e doutoríssimo mestre Scaramuré.

BONIFÁCIO: Bem-vindo, doutor! Então? Já fez o negócio? Nada ainda?

SCARAMURÉ: Como nada? Eis aqui o boneco em cera virgem, feito em nome [da Dona Vitória]. E eis as agulhas, que devem ser aplicadas nas cinco partes do corpo do boneco. Esta agulha aqui, a mais comprida, deverá ser fincada na teta esquerda, mas cuidado para não afundar demais, senão, em vez de encantar a dama, o senhor a mata.

BONIFÁCIO: Deus do céu, longe de mim uma desgraça dessas.

SCARAMURÉ: Bem, deixo tudo em suas mãos. Preste bem atenção para que ninguém toque em nada. E você, Ascânio, não vai contar por aí os nossos segredos.

BONIFÁCIO: Pode confiar: entre nós dois há negócios muito mais secretos do que este...

SCARAMURÉ: Ótimo. Ascânio então fará um fogo com lenha de pinho ou oliveira ou louro, melhor os três juntos, que dá um especial incenso encantado, aí, o senhor, com a mão direita, aproxime o boneco ao fogo, e diga três vezes *aurúm thus, aurúm thus, aurúm thus*²⁰⁹, enquanto incensa bem o boneco. Aí, o senhor passa o boneco para a mão [esquerda] e diga três vezes *sine quo nihil, sine quo nihil, sine quo nihil*²¹⁰. Depois disso, boceje três vezes com os olhos fechados e vá girando o boneco bem devagarzinho, perto do fogo, por três vezes. Cuidado para que não derreta, senão a dama morre.

BONIFÁCIO: Ui! Vou tomar todo cuidado.

SCARAMURÉ: Enquanto gira, deve dizer três vezes *zalarath, zhalaphar nectere vincula* e depois *caphure, mirion, sarcha Vittoriae*²¹¹, como anotei neste papel. Depois o senhor deve passar do outro lado do fogo, olhando para o ocidente, e girar de novo o boneco murmurando *Felapthon disamis festino barocco daraphiti. Celantes dabitiss fapesmo frises omorum*²¹². Tá claro? Quando tiver feito o trabalho, deixe o fogo apagar e guarde o boneco em lugar seco, seguro e perfumado.

BONIFÁCIO: Farei exatamente como o senhor diz.

SCARAMURÉ: Lembre-se! Gastei seis moedas com os ingredientes para o boneco.

BONIFÁCIO: Tá, tá. Aqui estão cinco. Não é muito?

SCARAMURÉ: Fora a mão de obra.

BONIFÁCIO: Por enquanto só tenho isto, tome. Se a coisa der certo, vou dar um jeito, né?

²⁰⁹ *Lat.*: “Ouro, incenso”, citado de *Mateus* 2,11 onde são descritos os dons dos Reis Magos para Jesus.

²¹⁰ *Lat.*: “sem o qual, nada”, citado de fórmula litúrgica.

²¹¹ Fórmula mágica com palavras hebraicas, gregas e latinas: “ó potência, ó potência que amarra os laços, captura o corpão de Vitória para mim”.

²¹² Deformação de fórmulas mnemônicas dos diversos tipos de silogismos.

SCARAMURÉ: Paciência. Saiba, seu Bonifácio, que se não molhar, do caroço nada escorre²¹³.

BONIFÁCIO: Como é que é?

SCARAMURÉ: É que você precisa untar bem a mão, sabe não?

BONIFÁCIO: Pelo diabo, entrei neste negócio de magia para não ter que pagar o preço todo! E você quer que eu pague antecipado?

SCARAMURÉ: Então, se antecipe. Vênus entrou na última casa de Peixes e vai sair daqui a meia hora, depois disso vai subir em Áries. Não deixe isso acontecer.

BONIFÁCIO: Estou indo! Vamos, vamos, depressa! (*Saem Bonifácio e Ascânio.*)

Cena 4

(*Scaramuré, sozinho*)

SCARAMURÉ: Cavei sete moedas daquele idiota! Com este tipo de gente deve-se aumentar sempre o preço. Só uma moeda pela minha mão de obra! E o restante, ele daria oito dias depois do juízo universal²¹⁴. Ah, não!

Cena 5

²¹³ **Do it.** *si voi non la spalmerete bene, la barca correrà malamente* (“se não calafetar o barco, não navegará direito”).

²¹⁴ **Do it.** *nel giorno di Santa Maria delle Catenelle, la quale sarà l’ottava del giorno del Giudizio* (No dia de Santa Maria das Amarras, que será o oitavo após o juízo universal).

(*Lúcia, Scaramurê*)

LÚCIA: Onde foi se meter aquele cabra castrado? Eu também, que me deixo enrolar por um enrolado...

SCARAMURÉ: Olá, Lúcia. Por quem procura?

LÚCIA: O senhor Bonifácio, que deixei com você agora há pouco. Pensei que ele fosse me esperar aqui!

SCARAMURÉ: O que você quer com ele?

LÚCIA: Em confiança, dona Vitória mandou pedir dinheiro a ele.

SCARAMURÉ: Hiii, já imaginava. Ele foi esquentá-la e incensá-la... O dinheiro, preferiu dar pra mim, não pra ela.

LÚCIA: Que merda. Como assim?

SCARAMURÉ: Vamos nos encontrar com dona Vitória. Podemos combinar alguma coisa juntos para embrulhar aquele babuíno, e aí, sim, tiramos dele um bom dinheirinho e ainda fazemos a comédia às suas custas.

LÚCIA: Está bem. Vamos sair daqui que vem vindo gente.

SCARAMURÉ: Olha o **Magister**; vamos embora.

Cena 6

(*Manfúrio, Scaramurê, Pollula*)

MANFÚRIO: *Adesdum*, só uma palavra, *domine Scaramuree*²¹⁵.

²¹⁵ Do lat. *Adesdum, paucis te volo*, citação de Terêncio, *Andr.* I (1, 2).

SCARAMURÉ: Faz de conta que já falou²¹⁶. Até a próxima, quando eu não tiver nada de melhor para fazer.

MANFÚRIO: Belo espírito de porco! Ora, Pollula, pra voltar ao que interessa²¹⁷, você vai ficar de queixo caído com estes versos.

POLLULA: Quer que eu leia, mestre?

MANFÚRIO: *Minime*, porque se você não fizer as pausas conforme o ritmo das frases e não declamar com a energia exigida, vai destituí-los de sua respeitabilidade e nobreza. Como disse o príncipe dos oradores, Demóstenes, é a dicção a qualidade precípua do declamador. Preste atenção e *arrige aures*, amiguinho²¹⁸.

Fruto de rude e crassa Minerva
mente ofuscada, ignorância que enerva,
intelecto estrábico e obcecado
com nenhuma literatura instruído,
vexame de Palas, caixão das Musas,
odiosa indústria de ideias abstrusas,
perturbado senso, juízo de mula
vá te enfiar onde a terra te engula!

Nas turvas trevas do Erebo²¹⁹ cerrado
cai, sem juízo nenhum e perturbado,

²¹⁶ Do lat. *Dictum puta*.

²¹⁷ Do lat. *ut eo redeat unde egressa est oratio*.

²¹⁸ Lat.: “abre os ouvidos, Pamphile”, citação de Terêncio, *Andr.* V (4, 30).

²¹⁹ O Erebo é o inferno pagão, valendo por “obscuridade profunda”.

este asno orelhudo e glutão
 como o azeite cai no macarrão,
 desvairado disperso errabundo
 sem memória, no Averno²²⁰ imundo.
 De engenho mole como unhas de moleque,
 por inércia cresceu até ser sênior.
 Ficou imaturo, a fantasia em cheque,
 vacilão, com déficit de atenção,
 sem visão, um analfabeto funcional
 sem qualquer preparo de arte marcial,
 ensopado de ignorância,
 nada aprende a não ser por ganância
 besta quadrada, mercenário
 de toda luz privado, vil otário,
 e quer ser de sapiência emissário?

Você já viu uma estrofe dessas? Há quem faz de quatro, de seis ou de oito, mas a minha é no número perfeito, *id est*, vale dizer, *scilicet*, *nempe*, *utpote*, *ut puta*, denário, ou seja, de dez, conforme manda Pitágoras e Platão também²²¹. Ora, quem é o cara que se apropinqua?

²²⁰ Lit. “após ter bebido toda a água do rio Letes, no imundo Averno”. Beber as águas do rio Letes significava perder a memória. Averno é outro nome para o inferno pagão.

²²¹ Do lat. *id est*, *videlicet*, *scilicet*, *nempe*, *utpote*, *ut puta*: são todas partículas que significam “isto é”. A doutrina da perfeição do número dez era de Pitágoras, mas foi seguida também pelos platônicos.

POLLULA: É Gioan Bernardo, o pintor.

Cena 7

(*Manfúrio, Gioan Bernardo, Pollula*)

MANFÚRIO: *Bene veniat ille* que não merece menor fama do que Zeusi, Apelle, Fidia, Timagora e Polignoto juntos²²².

G._BERNARDO: Não entendi nada afora aquele pó ignoto que você citou por último. Acho que é ele, junto com o vinho, que faz você falar tantas línguas²²³. Se eu tivesse jantado, saberia o que responder.

MANFÚRIO: O vinho traz euforia e o pão, saciedade. *Bacchus et alma Ceres, vestro si munere tellus / Chaoniam pingui glandem mutavit arista*²²⁴, como disse Públio Virgílio Maro, poeta mantovano em seu livro primeiro das Geórgicas, bem no começo quando faz a invocação *more poetico*²²⁵, imitando Hesíodo, poeta e vate ático.

G._BERNARDO: Você que sabe, *Magister...*

MANFÚRIO: Sei, *magister* quer dizer três vezes maior:

*Pauci, quos aequus amavit / Iuppiter, aut ardens evexit in aethera virtus*²²⁶.

²²² Manfúrio lista os mais famosos pintores gregos, mas confunde Timante de Citna com Timagora, embaixador de Atenas.

²²³ G. Bernardo troca Polignoto por *pignato*, uma sopa de gorduras cujos ingredientes são ignorados. Em seguida, alude ao dom de falar as línguas, concedido pelo Espírito Santo, em *Atos dos Apóstolos* 2, 4.

²²⁴ *Lat.*: “Ó vocês, Dioniso Baccho e alma Céeres, que fazem a graça de mudar as glândulas em farto grão”, citação de Virgílio, *Geórg.* I, 7-8.

²²⁵ *Lat.*: “conforme o costume dos poetas”.

²²⁶ *Lat.*: “Os poucos que o justo Júpiter amou e que a virtude elevou aos céus”, citação de Virgílio, *Aen.* VI, 129-130.

G. BERNARDO: O seguinte. Gostaria de aprender o que significa “pedante”.

MANFÚRIO: Vou explicar, *lubentissime* ensinar, expor e propalar, vou fazê-lo *palam*²²⁷ para você, ~~insinuá~~*insinuá*-lo *et* – partícula conjuntiva aposta por última – enucleá-lo; *sicut, ut, velut, veluti, quemadmodum* você possa melhor chupar a polpa, como já ~~extraí~~*extraí* o caroço da noz ovidiana para os meus discípulos²²⁸. Pois bem, pedante quer dizer pede ante, ou seja, o passo que avança e faz progredir os púberes *erudiendi*, ou ainda numa outra etimologia *stricto sensu* quer dizer: PE, perfeitos; DAN, dando; TE, tesouros. O que achou?

G. BERNARDO: Legal, mas não gosto nem de uma nem da outra. Não têm nada a ver.

MANFÚRIO: Só pode dizer assim quem tem opção, *id est*, se você tiver outra etimologia mais digna.

G. BERNARDO: Claro que tenho. Preste atenção: PE, pé de cabrão; DAN, danado; TE, tedioso.

MANFÚRIO: Bem dizia Catão o velho, “Não minta e nem confie em todo mundo.”²²⁹

G. BERNARDO: *Hoc est, id est*: quem diz o contrário é um mentiroso.

MANFÚRIO: *Vade vade,*

Contra verbosos, verbis contendere noli.

Verbosos contra, noli contendere verbis.

*Verbis verbosos noli contendere contra*²³⁰.

²²⁷ Lat. *Lubentissime*: “com o maior prazer”. *Palam*: “claro, aberto”.

²²⁸ Do lat. *sicut, ut, velut, veluti, quemadmodum* “*Nucem*” ovidianam *meis coram discipulis (quo melius nucleum eius edere possint) enucleavi*. A “noz ovidiana” é o *Liber nucis*, obra pseudo-ovidiana.

²²⁹ Do lat. *Nil mentire, et nihil temere credideris*.

²³⁰ Lat.: “não dispute com um tagarela”. Outra sentença atribuída a Catão, que Manfúrio declina em três variantes.

G. BERNARDO: *Vade*, vade pro inferno com seus pedantes e fique lá com cem mil anjos da cara preta.

MANFÚRIO: Sócios seus, que **te** acompanhem! Pollula, onde você está? Pollula, ouviu isso? Ai, que abomináveis, nefandos, turbulentos tempos em que vivemos...

Nojento século em que me encontro

de valor oco e de orgulho pleno²³¹.

Bem, vamos propelindo rumo ao domicílio, pois ainda entendo exercitar minha arte gramatical naqueles advérbios de lugar, *motu de loco, ad locum et per locum*, quais: *ad, apud ante, adversum vel adversus, cis, citra, contra, erga, infra, in retro, ante, coram, a tergo, intus et extra*²³².

POLLULA: Eu já sei essa lição. Não esqueci não!

MANFÚRIO: Precisa reiterar sempre e gravar na memória, até gostar: *lectio repetita placebit*²³³.

Gutta cavat lapidem non bis, sed saepe cadendo:

*Sic homo fit sapiens bis non, sed saepe legendo*²³⁴.

POLLULA: Tá bem, mestre excelentíssimo. O senhor vá indo que eu vou atrás.

MANFÚRIO: Formalidade apta ao foro ou à plateia, mas já que estamos entre nós, não precisa ter cerimônia.

²³¹ Citação de Petrarca, *Trionfo d'amore I*, 17-18.

²³² Alusão à pederastia que ele entende praticar com o aluno.

²³³ *Lat.*: “a lição, repetida, vai agradar”, cit. de Horácio, *Ars poetica*, 365.

²³⁴ *Lat.*: “a gota escava a pedra caindo não duas vezes, mas muitas; da mesma forma o homem torna-se erudito lendo não uma ou duas vezes, mas frequentemente”. O primeiro hemistíquio é citação de Ovídio, *Ex ponto IV*, 10, 5; o resto é uma emenda medieval.

Cena 8

(Barra, Marca)

MARCA: Olha lá, o professor escapa...

BARRA: Pro inferno! Quero saber como acabou a sua história. Vamos ficar por aqui, na praça.

MARCA: Então. Ontem à noite, na birosca do Cerriglio²³⁵, comemos bem pra caralho; depois, como o dono veio pedir se desejávamos mais alguma coisa, mandamos trazer iguarias de cravo, canela e marmelo só pra passar o tempo. Já não tinha mais o que pedir, assim um colega nosso fingiu passar mal. Não é que o dono correu com água e vinagre? Pois é. Eu disse: “Não tem vergonha, homem mesquinho e vil? Vá, traga água de rosa, ramos de arruda e não se esqueça da Malvasía de Candia.”²³⁶ Aí o dono partiu para a ignorância e começou a gritar: “Ora, e quem são os senhores? Marqueses e duques, pra gastar o que gastaram? Isso aí que você quer, eu não tenho. É uma birosca, não um restaurante! E depois, quem paga a conta?” “Peraí, miserável”, disse eu, “você sabe com quem está falando? Peça desculpa, corno sem vergonha, senão...” “Mentiroso de uma figa! Malandro!”, disse ele. Então, pra defender a honra, nós levantamos todos juntos e arrancamos um espeto cada um, daqueles compridos de meio metro...

BARRA: Mandaram bem.

MARCA: O melhor é que ainda havia carne no espeto! O dono da birosca foi lá dentro buscar um machado deste tamanho e dois empregados vieram com umas espadas

²³⁵ Famosa taberna napolitana frequentada por pessoas de qualquer condição como cortesãs, soldados, mercadores e ladrões.

²³⁶ Vinho doce da ilha de Creta.

enferrujadas. E nós que, em seis, com seis espetos, estávamos bem mais armados do que ele com um machado, pegamos umas tampas de panela para servir de escudo!

BARRA: Bem feito.

MARCA: Sabe o quê? Alguém dos nossos pôs até um caldeirão de bronze na cabeça, pra fazer de capacete.

BARRA: Que cena inspirada! Honras militares a espetos, panelas e caldeirões!²³⁷

MARCA: Armados até os dentes, a gente fingia que atacava, mas na verdade recuávamos, descendo a escada e cobrindo a retaguarda, até a porta da birosca...

BARRA: Um passo à frente e dois atrás, dizia o capitão Mata-mouros²³⁸.

MARCA: O melhor foi que o dono, quando viu a nossa valentia, ficou perplexo...

BARRA: Que babaca!²³⁹

MARCA: ...deixou cair o machado, mandou os empregados irem pra dentro e jurou não querer vingança...

BARRA: Alma boa!

MARCA: Disse assim: “Cavalheiros, peço perdão, eu não queria ofendê-los. Por favor, paguem a conta e vão embora em paz.”

Barra: Pediu perdão, paga penitência.

MARCA: Sabe o que eu disse? “Você é um ingrato, traidor! Atacou para matar.” Dei meia volta e pé na estrada! O coitado ficou em desespero, pegou outra vez o machado e gritava por socorro: “Minha gente, depressa!” Veio um montão de empregados, filhos, filhas e a

²³⁷ **Do it.** *Fu certo qualche costellazione che puose in esaltazione i lavezzi, padelle e le caldaie* (“por influxo de alguma constelação, tampas, panelas e caldeirões subiram de grau”).

²³⁸ **Do it.** *il capitano Cesare da Siena*, não melhor identificado, mas aludindo a alguém que é corajoso só em palavras.

²³⁹ **Em it.** *Ci sarebbe entrato Scazzola* (“um bobo teria ficado também”).

mulher dele, e ele berrava: “Paguem. O meu dinheiro!”, e os outros: “Pega ladrão! Pega ladrão! Pega ladrão!” Mas ninguém se atrevia a correr atrás, porque a noite obscura jogou a nosso favor. Fugimos pelas vielas até os carmelitas²⁴⁰ e acabamos ficando por lá, num quarto alugado com a grana que poupamos na birosca; isso faz três noites, e ainda sobra.

BARRA: Na verdade vos digo que embrulhar os trouxas é como rezar; roubar de um dono de birosca é como dar esmola; cada um que se pega, salva-se uma alma do purgatório! E como acabou lá na birosca, vocês souberam?

MARCA: Chegou uma porrada de gente, um gritando, um rindo, um chorando, outro querendo dar palpite; um invocando a polícia, outro os santos: deu aquela zona, sabe? Uma tragédia e uma comédia ao mesmo tempo; nem se entendia se era missa de glória ou pra defunto. Quem quisesse ver o mundo como é, era só assistir àquela cena.

BARRA: Uma cena magnífica. Agora escute a minha, mesmo sem tanto ornamento. Anteontem, voltando do subúrbio²⁴¹, parei num pé-sujo pra comer; depois, como não estava muito a fim de pagar, disse ao dono: “vamos jogar?” “Tá bom”, ele disse, “pode ser baralho de tarô?” “Não”, eu disse, “me dou mal no baralho, não tenho boa memória.” E ele: “Olha, tenho aqui um baralho simples, vai facilitar pra você”, e eu: “Que que tu acha, sou burro?” Estas cartas são marcadas. Só se fosse um baralho novo.” “Então”, disse ele, “vamos fazer o seguinte: jogamos às vermelhinhas”, e eu: “Nem sei o que é isso.” “Xadrez?”, disse ele, e eu: “Xiii, demora muito.” O cara ficou puto e disse: “Porra, propõe aí um jogo então!” Aí eu disse: “Sei lá... bola?”, e ele, “Onde, cara, aqui dentro?” Eu disse: “Vamos jogar dar porrada na mesa?”²⁴² e ele: “Deixe disso, que isso é jogo de caminhoneiros e mariolas.” “Cinco dados?” “Que porcaria de cinco dados? Joga-se com

²⁴⁰ No Mercato, bairro oriental do centro histórico de Nápoles, havia um convento de frades carmelitas.

²⁴¹ Em it. *venendo da Nola per Pumigliano*. São duas localidades no subúrbio de Nápoles; Nola é cidade natal de Bruno.

²⁴² Além do baralho, dados e xadrez, são citados os seguintes jogos antigos que não têm correspondente em português: *tavole* (tipo de dama, também dito *tric-trac*), *pallamaglio* (uma espécie de *cricket*, com bola de madeira), *mirrella* (boxe popular romano), *spaccastrommola* (uma espécie de roda-pião). (N. da T.)

três!” Eu disse que três me dá azar. “Que saco”, ele disse, “diz aí um jogo para nós dois.” “Achei”, eu disse, “rodar pião!” “Pô, fala sério: é jogo de criança.” “Ufa”, disse eu, “então vamos competir pra ver quem chega primeiro na esquina.” E o cara: “Ah, ah, está doido! Não dá, não.” Aí levantei e gritei: “Você disse que ia jogar e vai jogar!” e aquele bandido: “Ô, malandro, acerte a sua conta e suma daqui.” Eu disse: “Aposto que vai jogar.” Ele: “Eu, hein? Jogar o quê?” Eu: “Tu vai ver que jogo é.” Ele: “Não estou mais a fim de jogar”, e eu: “Você vai ter que ficar a fim”, e paguei pra ver com os pés, ou seja, saí correndo pela rua afora. Aquele escroto, que havia jurado que não queria apostar comigo pra saber quem corre mais rápido, meteu-se atrás de mim com todos os garçons! Corriam tanto que me alcançaram... só com os gritos, compadre! Pelas chagas de São Roque²⁴³, juro que nem eu ouvi falar mais deles, nem eles de mim.

MARCA: Olha só quem está aí! Sanguino com mestre Scaramurê.

Cena 9

(Sanguino, Barra, Marca, Scaramurê)

SANGUINO: Senhores! Justamente vocês. Vamos trabalhar hoje a-à noite? Acho que pode dar uma boa grana ou, no mínimo, uma baita diversão. É o seguinte: eu me disfarço de Capitão Palma e vocês, com Corcovizzo, de soldados. Vamos pegar o senhor Bonifácio na entrada ou na saída da casa de madame Vitória; vai ser útil para nós e madame vai gostar.

BARRA: Opa. Diversão garantida.

MARCA: Pois é: não faltam ocasiões.

BARRA: E nós, sempre em serviço.

²⁴³ São Roque de Montpellier, no século XIV, foi curar os doentes de peste no norte da Itália. A iconografia o representa com uma chaga na coxa.

SCARAMURÉ: Nesse negócio do Bonifácio, posso contribuir? Em um certa hora, vou chegar como que por acaso e negociar com o Capitão Palma para que solte o prisioneiro em troca de uma boa fiança; certo? E não o leve à delegacia; o que acham?

SANGUINO: Não é uma má ideia. Então tá combinado: não demore demais. Vamos dar uma volta, estaremos em frente à casa de Vitória.

BARRA: Até logo!

CENA 10

(Barra, Marca)

BARRA: Puta que o pa...²⁴⁴ Opa. Disfarce de guarda é perfeito para aprontar: de noite, malandro ou guarda é tudo a mesma coisa. Um distintivo da polícia, um cassetete na mão e, quando é a tua vez, basta atacar com toda violência.

MARCA: Olha lá quem vem: justamente o companheiro Corcovizzo.

BARRA: E o cara com ele?

MARCA: Parece mestre Manfúrio.

BARRA: Será? Rápido, vamos nos esconder aqui atrás, pois Corcovizzo acenou para mim: deve estar aplicando um golpe em Manfúrio.

Cena 11

²⁴⁴ **Interrompe** a imprecisão porque, disfarçado de guarda, deve fingir que respeita a lei contra os blasfemadores.

(*Corcovizzo, Manfúrio*)

CORCOVIZZO: Apaixonado? Ele?

MANFÚRIO: E como! A volúpia dele transita em minhas mãos: redigi hoje mesmo uma missiva amorosa, que ele entregará como se fosse de sua autoria, para conquistar a estima da diletta.

CORCOVIZZO: Ontem [o senhor Bonifácio] foi **na** loja do mestre Luca comprar um par de botas de pele marroquina, **dessas de grife**, que estão na moda entre os garotos, pra ir fazer um passeio. Um malandro o avistou e hoje, quando Bonifácio foi buscar as botas, o seguiu de mansinho do centro da pracinha até a loja [do sapateiro], e meteu-se pela porta com ele. Entrou junto, o sapateiro pensou que fosse criado do Bonifácio; e como estava sem capa, mangas arregaçadas, Bonifácio achou que fosse empregado da loja. Aí, ninguém estranhou quando o malandro o ajudou a tirar a capa de veludo com os botões de ouro, para experimentar comodamente as botas. Enquanto o sapateiro curvado fazia o serviço dele e o senhor Bonifácio admirava seus pés calçados, o malandro pendurou a capa no braço, como faria um bom funcionário, aí, fazendo continência como quem não quer nada, ora olhando pro teto, ora pras paredes, ora pro vai e vem da rua, deu uma volta e botou o pé na estrada. Conclusão: você viu o malandro de novo? E a capa? Sumiu!²⁴⁵

MANFÚRIO: Oh, ele só levou a capa... se **você** tivesse estudado e não fosse analfabeto, **terias** um belo engenho. Qual o seu ascendente? Deve ser Minerva²⁴⁶.

CORCOVIZZO: Não quer saber como acabou? Bem servido pelo sapateiro e todo satisfeito, o senhor Bonifácio bateu as mãos pedindo a capa. O sapateiro respondeu:

²⁴⁵ **Do lat:** *Cappa cuius generis? Ablativi* (Capa pertence a qual gênero? Ablativo). Corcovizzo brinca de pedante, pois *ablativo* tem seu étimo em *ablatus* (sumido). Mestre Manfúrio responde: *dativus a dando, ablativus ab auferendo* (dativo do dar, ablativo do levar).

²⁴⁶ Minerva era a deusa latina da cultura. Quando um planeta é ascendente no mapa astral de um indivíduo, seu influxo é máximo.

“Está com seu criado, que acabou de sair.” “Criado”, disse Bonifácio, “que criado? Eu não preciso dessa elegância, você quis dizer o seu funcionário?”, e o sapateiro: “O quê? Eu nunca vi aquele sujeito antes!” E foi assim ou assado que o senhor Bonifácio ficou com as botas mas sem a capa. É, hoje em dia tem mais bandido na rua do que senhores para serem roubados.

MANFÚRIO: Tempos miseráveis e infelizes que vivemos. Ô Nápoles celerada!²⁴⁷ Tudo por causa de Mercúrio, rei dos ladrões, que se ergue sobre este clima ardente. Cuidado com a bolsa, amigo.

CORCOVIZZO: Eu? Sou esperto, não trago dinheiro na bolsa, mas aqui, olha, preso no sovaco.

MANFÚRIO: Pois eu o trago bem guardado, em um saco de couro que fica... nem nas costas nem de lado, mas... Aqui! Na virilha! Assim se faz em terra de ladrões.

CORCOVIZZO: Mestre! Que engenhosa toca! Vejo que não é sem proveito a sua sabedoria.

MANFÚRIO: É o que bem sabe o meu mecenas, cujos pupilos eu *erudio, vel* tiro da rudez: por isso *e ruditate eruo!* Imagine que ele me confiou a tarefa de escolher tecidos valiosos para o vestuário da prole e autorizar a manufatura prodigando a pecúnia. A qual, sendo eu bom ecônomo (*oeconomia est domestica gubernatio*)²⁴⁸, guardei no dito saco de couro couraçado.

CORCOVIZZO: Graças a Deus, mestre excelentíssimo, hoje aprendi de você o útil e o agradável. Faça-me uma graça, que é de trocar pra mim seis moedas de ouro para eu não ter que correr até o banco²⁴⁹. Se não tiver trocado, não se preocupe: fique com o troco. Eu vou poupar-me a fadiga da estrada e você vai ganhar uns centavos.

²⁴⁷ **Do it.** *Grande miseria sotto questo campano clima* (“nesta região da Campania”, cuja capital é Nápoles).

²⁴⁸ **Lat.:** “a economia governa a casa”.

²⁴⁹ **Lit.** “os Bancos”, já que os bancos do câmbio ficavam todos na mesma rua, dita Banchi Nuovi, pouco distante da pracinha Nilo.

MANFÚRIO: Nem pensar, que eu faça isso por lucro, e sim por justa causa humanitária, pois está escrito: *nihil inde sperando*. Sem contar que assim vou mais leve²⁵⁰. Tá aqui: três mais dois são cinco, mais dois sete, esses sete mais quatro dá onze, mais cinco e quatro nove, que dá vinte, ou seja, dois ducados; aqui três mais três, seis, mais dois que dá oito meios ducados; o total faz seis ducados, que dá cinco sóis²⁵¹ de França. Sobra bastante pra mim.

CENA 12

(*Manfúrio, Barra, Marca*)

MANFÚRIO: Ei! Ei! Volte aqui! Auxílio, auxílio! Segurem! Violador, usurpador, capador! Amputador de sacos! Celerado! Tomai-o, está levando meus sóis reais com as pratas!

BARRA: O que foi que ele fez?

MANFÚRIO: Porque não o pegaste?

BARRA: Aquele lá? Dizia “Sinhô quer me bater, coitado de mim.” Deixe passar a cólera e castigue-o com calma, em casa, senhor.

MARCA: Perfeitamente, patrão, precisa perdoar os criados e não sempre fustigá-los!

MANFÚRIO: Que criado o quê? É um larápio que me raptou a bolsa!

BARRA: Por Satanás! Por que não gritou logo “pega ladrão”? Eu não ouvi.

²⁵⁰ Do lat. *sed ex humanitate et officio, mitto quod eziandio ego minus oneratus abibo*. O anterior *Nihil inde sperando* é preceito evangélico: “Dá, sem esperar lucro”, *Lucas* 6, 35.

²⁵¹ A moeda de ouro francesa era chamada *demi écu au sol* porque trazia um meio sol impresso.

MANFÚRIO: *Ladrão* é um assaltante de estrada, que assalta qualquer um²⁵². Já *celerado*, é alguém que surrupia e rapta com engano, fingindo ser homem de bem, como fez aquele comigo. Esta é a palavra correta, em bom latim. Ai, ai, minhas moedas...

BARRA: Agora veja a vantagem que tirou por falar neste seu latrim! A gente achou que estivesse chamando o seu criado. “Ô, empregado! empregado!”

MANFÚRIO: “Celerado! celerado!”, foi isso que eu falei.

BARRA: E por que não correu atrás dele?

MANFÚRIO: Ora, crês que um mestre togado, grave e respeitado pela Academia, qual sou eu, possa acelerar o passo em público? *Festina lente*, diz o adágio: “corra devagar”. Temos que andar *gradatim*, *paulatim*, *pedetentim*²⁵³.

BARRA: Tem toda razão, seu doutor, em poupar a sua dignidade.

MANFÚRIO: Ai de mim, raptou todas mesmo? Ó violador, cujas carnes me saciaria só em vê-las torturadas! O que direi ao meu Mecenaz? Posso sempre invocar a autoridade do príncipe dos Peripatéticos, Aristóteles, no segundo livro *Physicorum, vel Periacroaseos*: “Foi um acaso: algo que pode ocorrer excepcionalmente e sem intenção.”²⁵⁴

BARRA: Ele deve ficar satisfeitíssimo.

MANFÚRIO: Ai de mim, negligência dos policiantes das leis. Se cumprissem o seu dever, não haveria tanta profusão de malfeitores soltos! Violou-me todas as moedas, mesmo! Celerado, celerado...

²⁵² Lat. *in qua, vel ad quam latet* (onde fica aguardando de emboscada).

²⁵³ Do lat.: *si proprie adagium licet dicere: “Festina lente”; item et illud: “Gradatim, paulatim, pedetentim”*: “passo a passo, pouco a pouco, devagarzinho”. O adágio é atribuído a Erasmo de Roterdã.

²⁵⁴ Do lat. *Casus est eorum quae eveniunt in minori parte, et praeter intentionem*. Citação não literal da *Física* de Aristóteles, livro II.

Cena 13

(*Sanguino, Barra, Marca, Manfúrio*)

SANGUINO: Fala, galera. Cruzei com uma figura em fuga. O que houve?

BARRA: Bem-vindo, chefia. Estamos agoniados. Um ladrão roubou o professor aqui na nossa frente e depois, por sermos todos analfabetos, escafedeu-se.

SANGUINO: O quê? Como assim? Fugiu?

MANFÚRIO: Evolaram-se minhas dez moedas!

SANGUINO: Como é que é? Voaram?

MANFÚRIO: Pobre rapaz. Bem se vê que você matou aula.

SANGUINO: Ilustríssimo, não deu tempo. Meu pai me entregou ainda garoto ao capitão Mancino²⁵⁵.

MANFÚRIO: *Veniamus ad rem*: foi um assalto.

SANGUINO: Um assalto? Ao senhor, *domine magister*? Do mestre que eu tanto admiro. Não me reconhece?

MANFÚRIO: Pois é. Você não acompanhava ainda há pouco o meu discípulo Pollula?

SANGUINO: Sim, *magister*. Ao seu serviço, com o maior prazer. Se confiar em mim, sua grana estará logo de volta.

MANFÚRIO: *Deo gratias!*²⁵⁶

²⁵⁵ Capitão da polícia napolitana, que realmente existiu na metade do século XVI.

²⁵⁶ *Do lat. Dii velint, faxint ista Superi, o utinam* (Que os deuses queiram e queira o Céu que as divindades me concedam).

BARRA (*para Sanguino*): Isso, amigo. Faça isso, uma nobre ação; o professor vai ser grato a você e eu também. Vou compensar o serviço com um trocado.

SANGUINO: Deixe comigo. Está na mão.

MANFÚRIO: Você já pegou?

SANGUINO: Não, mas faça de conta que já esteja na mão do professor.

MANFÚRIO: Você conhece a figura?

SANGUINO: Conheço.

BARRA: Sabe pra onde ele foi?

SANGUINO: Sei.

MANFÚRIO: *O superi, o celicoli diique deaeque omnes!*²⁵⁷

MARCA: Ótimo.

BARRA: Amigos, vamos socorrer os negócios do professor, por amor e obrigação que temos para com a cultura e os aculturados.

MANFÚRIO: *Me vobis comendo*²⁵⁸. Serei grato à vossa civilidade.

MARCA: Pode ficar tranquilo, doutor.

SANGUINO: Vamos procurá-lo todos juntos. Eu sei o local em que se esconde. Achá-lo é mole, mole. Não vai poder negar o assalto, porque eu o vi fugir pra lá.

MARCA: E nós o vimos fugir daqui, após tirar a grana da mão do professor.

MANFÚRIO: *Vos fidelissimi testes*²⁵⁹.

²⁵⁷ Lat.: “Ó entidades superiores, moradores do céu, deuses e divinas todas!”

²⁵⁸ Lat.: “Me recomendo a vocês.”

²⁵⁹ Lat.: “Vocês, testemunhas fiéis.”

SANGUINO: E nada de conversa: ou devolve a grana, ou entregamos pra justiça.

MANFÚRIO: *Ita, ita. nihil melius!*²⁶⁰

SANGUINO: O senhor *magister* precisa estar presente.

MANFÚRIO: *Optime. Urget praesentia Turni*²⁶¹.

SANGUINO: Então vamos os quatro juntos. A gente cerca a casa e bate na porta: cuidado para que ele não se safe pelos fundos enquanto aquela safada, que mora com ele e deve saber do negócio, não deixa a gente entrar ou, pelo contrário, deixa a gente entrar enquanto ele foge pela janela. Porém, se ele não fugir, caso por exemplo ele não reconheça o mestre, vou puxar conversa. Seria melhor que trocasse de roupa, mestre; algo mais curto. (*A barra.*) Como é o seu nome?

BARRA: Coppino, ao seu serviço.

SANGUINO: Muito prazer. Faz um favor pra mim, Coppino. O *magister* vai ficar te devendo.

MANFÚRIO: *Me tibi offero*²⁶².

SANGUINO: Empresta a capa aqui pro mestre. Mestre, você deixa sua toga aqui com ele. E para ficar melhor ainda, o mestre passa o chapéu para este outro colega meu, em troca do boné... ali, perfeito. Todos prontos? Vamos.

MANFÚRIO: *Nisi urgente necessitate, nefas esset habitum proprium dimictere*, ou seja: tirar a roupa é mau hábito, se não por necessidade impreterível; *tamen, nihilominus*, não obstante, *quia ita videtur*²⁶³, direi que: à imitação de Pátroclo, fingindo-se Aquiles pela

²⁶⁰ Lat.: “Assim, assim. Nada melhor que isso!”

²⁶¹ Lat.: “Ótimo. Urge a presença de Turno”, citação de Virgílio, *Aen.*, IX, 73.

²⁶² Lat.: “Estou à disposição.”

²⁶³ Lat.: “já que as coisas estão assim”.

armadura trocada²⁶⁴, ou à imitação de **Corebo**, que apareceu nas vestes de **Androgeo**²⁶⁵, ou ainda do magno Júpiter (*poetarum testimonio*)²⁶⁶, em mil disfarces para seus desígnios, eu, deposta a mais sublime das formas, não desdenharei o truque e depositarei minha literária toga com o excelente propósito de *animadvertere*²⁶⁷ contra aquele abominável criminoso.

BARRA: Só uma palavrinha, professor. Eu, por mim, estou feliz em ajudar, mas o mestre vai lembrar que a gentileza destes senhores merece recompensa.

MANFÚRIO: Aos senhores *in communi* destino a terça parte das moedas resgatadas.

SANGUINO: Muita generosidade a sua.

BARRA: Agora vamos, vamos.

MANFÚRIO: *Eamus, dextro Hercule*²⁶⁸.

SANGUINO, MARCA: Vamos.

Fim do terceiro Ato.

²⁶⁴ Na *Ilíada*, Pátroclo veste as armas de Aquiles para animar os gregos e assustar os troianos, fazendo crer que o herói tenha voltado à luta. *Il.*, XVI, 130.

²⁶⁵ Na *Eneida*, durante a última noite de Troia, o troiano Córebo veste as armas do grego Andrógeo, há pouco morto, para confundir os assaltantes. Virgílio, *Aen.*, II, 391.

²⁶⁶ *Lat.*: “Testemunham isso os poetas”.

²⁶⁷ *Lat.*: “verter a alma contra”, i.e., vingar-se.

²⁶⁸ *Lat.*: “Vamos, com Hércules ao nosso favor.”

ATO IV

CENA 1

(*Vitória, sozinha*)

VITÓRIA: Ai, ai, esperar sem saber é de matar! Se passar de hoje, pode ser que não se faça mais esse negócio. E ocasiões como essa, não é toda noite que aparecem: um cabrão querendo colher frutos dignos do seu amor. Eu que achava que ia ganhar o dote! Como que, então: o cara quer me enfeitiçar? Mandou fazer a minha imagem num boneco de cera! Ah, mas não adianta! Nem todas as forças do inferno, mais os espíritos da terra, do fogo, da água e não sei mais de onde farão que eu goste de um sujeito sem gosto como aquele. Não, não. Se fosse bonito... o deus do amor em pessoa, digamos, mas é feio; e ainda por cima é pobre ou é avarento (que dá no mesmo) de modo que, caso ele morresse de frio, todo mundo congelaria com ele. A avareza embrutece qualquer um, como a pobreza. Um epíteto miserável, que faz parecer feios os bonitos, infames os famosos, ignorantes os sábios e impotentes os mais fortes. Entre nós, quem é maior que o rei, o monarca, o imperador? Mas mesmo estes, se não têm *de quibus* gastar e *de quibus*²⁶⁹ fazer correr sua fama, ficam como estátuas velhas de altares sem paramento, aos quais ninguém faz reverência. Uma coisa é o culto divino, outra coisa é o culto dos mortais. Pois então: nós adoramos estátuas e imagens em nome do santo que está escrito em baixo, porém dirigimos a reza ao que vive; de fato, adoramos e honramos estes santos que mijam e cagam enquanto dirigimos rezas e súplicas às suas estátuas e retratos para que, em efígie, recompensem os virtuosos, enalteçam os dignos, amparem os oprimidos, expandam suas fronteiras e defendam a sua gente, sendo temidos pelas gentes adversárias. Mesmo um rei de carne e osso ou um imperador, se não correr o mundo em efígie, nada vale. Quem esse Bonifácio acha que é pra pensar que eu vou me apaixonar pelos seus belos olhos, como se não houvesse mais homem no mundo? Vá

²⁶⁹ Lat.: “com que”, vale dizer, o dinheiro.

gozar o fruto de sua loucura! Esta noite, ele vai entender o que pode o dinheiro; ele vai ver o efeito do seu encantamento. Aquela atrevida [da ~~Lúcia~~], por que não chega? Ah, olha ela ali.

Cena 2

(Lúcia, Vitória)

LÚCIA: Ué, por que está aqui fora, senhora?

VITÓRIA: Não aguento mais **te** esperar lá dentro. Não é que vamos perder o lance de hoje à noite? **Falou** com mestre Bonifácio? E a mulher dele?

LÚCIA: Escute o que pensei; falei pra ela toda a verdade, sabe, com detalhes até, e ela ficou ardendo de um jeito, que não vê a hora de pegar o marido no flagrante. Aí, conversando, ela teve uma grande ideia; a de que a senhora lhe empreste uma saia e uma camisa. Assim, preste atenção: ela vem pra cá, entra em casa sem que ninguém perceba e fica esperando na sua cama. Assim que ele a abraçar no escuro, vai abraçar a sua própria mulher, convencido de que está abraçando madame Vitória, com o rosto velado, óbvio, como é hábito das senhoras²⁷⁰. Vamos demorar um bocado pra trazer a vela pro quarto, pra dar tempo de fazer a coisa pelo menos uma vez.

VITÓRIA: Tá. Mas ela vai ter que dizer qualquer coisa; difícil que ele não a reconheça pela voz.

LÚCIA: Isso não é problema, dona: combinamos que é pra falar bem baixinho, por causa das vizinhas com a orelha colada na parede.

VITÓRIA: Está bem. Ela pode dizer que tem gente na casa. Quem será agora?

²⁷⁰ Em Nápoles, as meretrizes eram obrigadas a velar-se o rosto para sair.

LÚCIA: Hi! Aquele Bartolomeu.

Cena 3

(*Vitória, Lúcia, Bartolomeu*)

VITÓRIA: Bom_-dia, seu Bartolomeu. Para onde vai?

BARTOLOMEU: Para o diabo.

LÚCIA: Vai achar um monte por aqui²⁷¹.

BARTOLOMEU: Dona sabe_tudo, trombeteira, o mundo está cheio de demônios feito você e as suas amiguinhas.

VITÓRIA: Calma! Com este pavio curto não é bom você ficar perto do fogo. Está com o miolo seco de tanto torrar na fôrnalha. Não se insulta uma senhora sem motivo.

BARTOLOMEU: Não é com você, dona Vitória, a senhora tem todo o meu respeito.

VITÓRIA: Como assim? Você injuria a minha amiga e acha que eu não me ofendo? Vamos embora, Lúcia.

BARTOLOMEU: Ora, que pressa, falei só de brincadeira. Mas ela implica, toda vez que me vê irritado.

LÚCIA: Pois é, é mesmo: em toda Nápoles não há língua mais afiada do que a sua, língua de palmo!

BARTOLOMEU: E a sua de palmo e meio! Tomara que te caia, com todos os mexericos e discórdias que fica armando por aí!

²⁷¹ ~~En it.~~ BART: *Vo al diavolo!* LUC: *più presto troverai costui che l'angelo Gabriello* (por aqui vai achá-lo mais depressa que o anjo Gabriel).

Cena 4

(Bartolomeu, sozinho)

BARTOLOMEU: Que o diabo carregue **ela** e todas as putas deste mundo! Ora, andariam bem frescas as grutas das mulheres, se esperassem pelo meu serviço. Eu entrar por aí, hein! Se for por mim, vão ficar cheias de teia de aranha! Ainda dizem que o ouro é o metal mais pesado: no entanto, nenhuma outra coisa faz o homem andar mais leve e elegante! A gente carrega cada mala! Já o ouro é algo que, quanto maior for, mais solto e esperto **te** deixa. Sem dinheiro, um homem é que nem passarinho sem pena: quem quiser pegar, pega; quem quiser comer, come. Agora, tendo dinheiro ele voa, e quanto mais dinheiro tiver, mais alto voará. Vejam esse palerma do Bonifácio! Quando tiver os bolsos vazios, sentir-se-á bem mais pesado, a despeito de todos os inimigos que tem. Olha ele lá, bem na hora. Que belo frango na brasa²⁷². Já tiraram a capa dele: mãos benditas do malandro que fez isso. Daqui a pouco alguém espeta e ó: vai ficar só o cheiro.

Cena 5

(Bartolomeu, Bonifácio)

BARTOLOMEU: Rápido, seu Bonifácio, uma palavrinha. Vi passar a sua amada agora há pouco, por aqui. Juro que me lembrei de você, do seu amor, enfim, do estado em que você está; então, prestei atenção na moça. Realmente é bonita. Me deixou com a veia tão inchada que não cabe nas calças.

²⁷² Em it. *paraninfo innamorato* (padrinho apaixonado).

BONIFÁCIO: Chega. **Você** não tem respeito, seu Bartolomeu. Eu estou é apaixonado, apaixonado; **sabes**? Você declina amor de um jeito e eu de outro, entendeu?²⁷³ Alquimias totalmente diferentes. Fique com seu fogo e eu com o meu.

BARTOLOMEU: Pois é: eu com o fogo de Vulcão e tu com o de Cupido.

BONIFÁCIO: Vamos ver quem se sai melhor.

BARTOLOMEU: Vulcão é um tipo adulto, ajuizado, discreto, bem educado. Já o seu é um pivete pervertido que, a quem não traz desonra, dá prejuízo e, na maioria das vezes, as duas coisas juntas.

BONIFÁCIO: Quem fica dando conselhos, é porque não pode dar o bom exemplo. Boa sorte!

BARTOLOMEU: Pra **você**: que a mãe dos loucos **te** socorra!

BONIFÁCIO: Tudo procede ao acaso, seu Bartolomeu. Quando a coisa acontece, cada um inventa razões que jamais existiram: mesmo que gerencie a situação com a fúria de um javali, se tiver sucesso, os outros dirão: “falou bem, conduziu a coisa direito, fez o que devia ser feito”. Ao contrário, mesmo que planeje o negócio com todas as filosofias que tiveram na cabeça os malandros barbudos lá da Grécia e do Egito, se por desgraça se der mal, todos dirão que o cara é um palerma. Se a coisa der certo: “Quem foi que conseguiu isso? Quem?”; “O grão-conselho dos sábios parisienses!” Se der errado: “Quem fez isso?”; “Aqueles doidos franceses.” Ou então: “Quem armou isso?”. Uma vez a resposta é “a diplomacia espanhola”, e da outra é “a arrogância espanhola”. Pois veja: quem conquistou e mantém tantos domínios e terras na Ístria, Dalmácia, Grécia, no mar Adriático e na Gália Cisalpina?²⁷⁴ Quem orgulha a Itália, a Europa, o mundo inteiro com uma república jamais submissa a jugo algum? O sábio Conselho de Veneza. E outra vez: Quem

²⁷³ *Do it. Voi fate per li nominativi, e io per li aggettivi.*

²⁷⁴ Gália Cisalpina é o nome de origem latina da Lombardia oriental e do Vêneto, territórios ocupados pela República de Veneza.

perdeu Chipre²⁷⁵, quem? Aqueles débeis mentais dos patrícios venezianos, tapados e avarentos, que nem Pantaleão²⁷⁶. Quero dizer que no mundo se leva em conta e louva-se alguém só quando tem sorte e sucesso.

BARTOLOMEU: Mas aqui você leva água ao meu moinho: para quem tem sorte, não é preciso juízo. Xi! Agora volta aquela lá, Lúcia: deixo-a para você. Mandei meu criado na farmácia de Consalvo, o herborista, para catar certo pó. Não vejo a hora que volte. Vou-me embora.

BONIFÁCIO: Vai, vai. Eu tenho conversas com esta daqui que você nem imagina.

Cena 6

(Bonifácio e Lúcia)

BONIFÁCIO (*à parte*): Para começar, ela vai me pedir dinheiro, mas eu já tenho uma resposta — pau dentro, dinheiro na mão. Olhe bem, nenhuma mulher é mais esperta do que eu! E aí, Lúcia! Novidades?

LÚCIA: Seu Bonifácio Bonifacinho, nem tenho tempo para conversar. **Você** precisa socorrer a minha pobre dona tão infeliz.

BONIFÁCIO: Boa premissa. Não esperava essa. O que ela tem? Uma bolsite?

LUCÍA: Acho que ela vai morrer.

BONIFÁCIO: Quando ela morrer, enterre na lapinha, disse o Santo Padre.

LUCÍA: Ela vai morrer por **sua** causa, sabe? O senhor é cruel. É este o amor que lhe jurou? Esta é a vida que prometeu pra ela? Fica aqui fazendo gracinha e aquela santa se

²⁷⁵ A ilha de Chipre, domínio veneziano, foi conquistada pelos turcos em 1573. O episódio foi interpretado como um sinal da decadência de Veneza.

²⁷⁶ Máscara veneziana representando um velho ávido e rabugento, com nome de um santo muito venerado na cidade.

desmancha toda em lágrimas e suspiros. Chora tanto que se o senhor a visse agora nem a reconheceria! E como era bonita, Madame! Tem amor neste peito? Tem dó neste coração?

BONIFÁCIO: Vamos, diga logo. Qual é o problema? É dinheiro?

LÚCIA: Que dinheiro o quê? Que dinheiro o quê? Para de falar em dinheiro! Maldita a hora em que inventaram o dinheiro. Que dinheiro o quê? Se o senhor quiser dinheiro, ela o dará...

BONIFÁCIO: Ah, essa não! Ah, ah, ah! Essa é boa! Ela me dá o dinheiro? Ah, ah, ah!

Lúcia: Não **acredita?** O senhor é um homem sem piedade, mesmo. O senhor é cruel. Uh, uh, uh.

BONIFÁCIO: O que é isso, está chorando?

LÚCIA: Choro pela **sua** maldade e por pena da minha senhora. Uh, uh. Ai de mim. Que desgraça. Jamais vi nem ouvi que o amor pudesse estraçalhar tanto o coração de uma mulher. Até hoje ela gostava do senhor, normal, mas faz umas horas que, uh, uh, uh, eu não sei o que houve, algum demônio entrou nela, não para de chorar. “Meu Bonifácio querido, meu amado, meu fogo, vísceras de minh’alma, minha chama.” Quinze anos que a conheço e sempre a vi fria, fria. O mesmo semblante para todos. Mas se o senhor for agora até à casa dela, vai encontrá-la caída na cama, com o rosto na almofada, que ela abraça forte e, coitada, diz (ai, que vergonha) “Bonifácio meu, por que não me ama mais? Ai, sorte cruel a minha: quando ele me queria eu me neguei, e agora que eu o quero tanto, ele se nega! Ai, chagas do meu coração.”

BONIFÁCIO: Será possível? Tem certeza **que** ela está falando assim mesmo?

LÚCIA: O **senhor**, com sua incredulidade, me faz perder o juízo e fazer coisa que nunca fiz... renegar minha palavra. Uh, uh, uh, pobre da dona Vitória, em que ratoeira ela foi cair! Mas **você** dizia amá-la! Agora, só agora percebo tudo! Em toda Nápoles não há homem mais fingido que o **senhor**. Ai de mim, o que faço pra ela agora, coitadinha?

BONIFÁCIO: Tá bem. Acredito, acredito, Lúcia. Não chore! Não que eu não confie em você, só fiquei pasmo! Uma mulher que sempre foi tão rude comigo quanto é bonita. Que influxo astral pode ser o que me concede a graça de uma mudança dessas naquele peito de aço?

LÚCIA: O quê? Se eu não estivesse lá para segurá-la, ela teria ido pra sua casa! Eu é que lhe disse, “**Está** maluca? O que a mulher dele vai dizer? E os vizinhos? Vão falar mal da senhora, dirão que **ficou** doida.” E disse também, “Não **sabes** que ele te ama? Esqueceu as gentilezas dele, até hoje? Ou **ficou** cega? **Tenha** certeza de que ele vai ficar babando quando souber que **você** o quer.”

BONIFÁCIO: Falou bem, Lúcia. Evangelho.

LÚCIA: É, mas ela, como se tivesse esquecido as provas do amor que você mandou e eu dei pra ela, disse toda angustiada: “O céu, céu cruel, eu mereço. Se não posso ir procurá-lo, será que ele viria até a minha casa?”

BONIFÁCIO: Uh, uh, uh, mas é claro, ainda duvida disso? Como pode, vida minha!

LÚCIA: O senhor não sabe que onde o desejo cresce, a esperança enfraquece? E mais: com todas essas novidades de mudança que ela viu em si mesma, é claro que receia uma mudança sua também! Ora, só quem vê um milagre acredita em outro.

BONIFÁCIO: Ah, é mais fácil uma lebre devorar uma baleia e os diabos pedirem ~~benção~~**benção**, que digo, é mais fácil que o demônio reze um Pai Nosso pelas almas do Purgatório do que eu, Bonifácio, não amar mais a minha tão querida e desejada madame Vitória. Diga logo, Lúcia, você, com estas bolsas todas, está indo pra lá agora?

LÚCIA: Ia numa vizinha devolver estes panos e também, fazendo dois serviços numa viagem, vim procurar por **você**. Dei sorte de encontrar **você** por aqui. O que **o senhor** quer fazer então? Eu, uma vez resolvido aqui com a vizinha, volto pra lá imediatamente, para consolar a minha pobre senhora. Vou dizer então que vi **você** e que **você** vai pra lá logo, certo?

BONIFÁCIO: Hoje mesmo. Prometa, jure. E diga que será o dia mais feliz da minha vida quando eu beijar aquele rosto lindo que guarda as chaves do meu coração aflito.

LÚCIA: Aflita tá ela. Não deixe de ir hoje mesmo, pois ela já não come, não bebe nem dorme. Se você não for, ela vai morrer! Suplico: não a faça sofrer mais do que já está sofrendo. Se o senhor ainda tiver um coração, não falte. Ela está se consumindo como uma vela ardente!

BONIFÁCIO: Deus me livre! Resolvo umas coisas e já vou.

LÚCIA: Resolve nada. Quais coisas? Só tem uma coisa que o senhor tem que resolver: O senhor não pode ser visto entrando nem saindo da casa da minha senhora. Precisa resguardar a honra dela, entendeu, seu Bonifácio? O senhor sabe que as vizinhas ficam na janela até a madrugada, assistindo todo o vai e vem. O senhor tem que ir disfarçado. Use uma capa grande, como aquela do mestre Gioan Bernardo, o pintor. Ninguém vai estranhar, porque ele frequenta a casa há um tempão. Ah! Seu Bonifácio. Coloque também uma barba postiça igual à dele, caso alguém queira espiar debaixo da capa. Chegando lá juntos, eu mesma vou levá-lo até o quarto. Assim que se faz: cuidando bem da senhora, viu? Do coração dela e também da honra.

BONIFÁCIO: Muito bem pensado. Inclusive, de tamanho sou bem parecido com o mestre Gioan Bernardo. Quanto à capa, bem, devo ter uma lá em casa. Ah! Vou arranjar agora mesmo uma barba boa pra mim na loja do Pellegrino, o que faz máscaras.

LÚCIA: Então vá, depressa. Deixe-me ir, que esse negócio pesa. Espero o senhor lá!

BONIFÁCIO: Vá com Deus. Até breve!

Cena 7

(*Bonifácio, sozinho*)

BONIFÁCIO: Maria Virgem! Pelo que a Lúcia disse, acho que aproximei muito a boneca ao fogo. Será que a esquentei demais? A pobre da mulher ficou enfeitiçada mesmo; quase que se derrete de amor! Jesus! Me deu até vontade de chorar. Obrigado, mestre Scaramuré, benza-te Deus! Grande homem! Não tivesse me avisado “cuidado para que a mulher não derreta”, acho que teria feito uma besteira! Nem quero pensar! Ainda há quem despreze a magia!

Cena 8

(*Bonifácio, Marta*)

MARTA: Olha quem está por aí: um pedaço de asno. Se fosse um asno inteiro, pelo menos serviria para alguma coisa. Procurando comida, seu Bom-pra-nada?²⁷⁷

BONIFÁCIO: Chegou, querida dona Marta? Seu marido se mete a filósofo, você a filósofa. Não me admira que dissequer vocábulos. O que significa “bom-pra-nada”? Eu sou educado com as pessoas na frente e por trás. Por que zombar de mim?

MARTA: Como vai a sua bolsa?

BONIFÁCIO: Como o cérebro do seu marido faz de conta²⁷⁸. Vazia de dar pena.

MARTA: Não falo desta, mas da outra bolsa, a de baixo.

BONIFÁCIO: Agradeço o interesse. A senhora anda procurando defeito nos outros que nem médico. Se o seu remédio servisse, já teria pedido; mas é que não gosto de sopa requentada²⁷⁹.

²⁷⁷ **Do it.** *Messer Buon-in-faccia*, deformação do nome de Bonifácio.

²⁷⁸ **Do it.** *Come il cervello di vostro Martino, volsi dir marito* (do seu Martino, quero dizer, marido). Martino é o corno por antonomásia.

²⁷⁹ **Do it.** *si volete della broda, andate a Santa Maria della Nova* (Se quiser da sopa, vá para Santa Maria della Nova). Os monges deste convento eram ditos *brodaiuoli* com alusão ao *brodo* (sopa rala) que distribuía aos pobres.

MARTA: Está me chamando de coisa-velha²⁸⁰, seu vara-murcha?

BONIFÁCIO: Coisa-velha, não: coisa morta. A mulher, quando chega aos trinta e cinco, deve fechar a birosca e seguir em paz para o purgatório, fazer penitência pelos vivos.

MARTA: Nós, mulheres, é que poderíamos dizer isso de vocês, homens!

BONIFÁCIO: Pena que Deus todo-poderoso não tenha ordenado o mundo desse jeito. A fêmea é para o homem e não o homem para a fêmea. Vocês mulheres foram feitas para o serviço que a senhora sabe; quando não servem para aquilo, podem ir pro inferno porque no mundo não há vaga pra vocês. No altar em ruínas, não se acende vela. Em arca arrombada, não há mais tesouro nenhum.

MARTA: O senhor não se acanha de falar desse jeito, seu velho? Para os jovens, as jovens. Para os velhos, as outras.

BONIFÁCIO: Se não, é só pegar uma fresquinha, defumá-la e pendurá-la na lareira. Não foi isso que os médicos receitaram ao patriarca David e ao Santo Padre que morreu agora há pouco?²⁸¹ E dizia: “Mexe, mexe: chega de beijo.” Mas em vez de ser chupado, chupava: enfim, se animou demais e acabou daquele jeito...

MARTA: Muita pimenta no mingau.

BONIFÁCIO: Acontece, minha cara, que gato velho só gosta de ratinho novo.

MARTA: Isso vale pro gato velho e não pra ~~a~~-gata velha?

BONIFÁCIO: Já disse: Deus fez as mulheres para os homens; e não os homens para as mulheres.

MARTA: Aí está a desgraça, porque vocês advogam em causa própria. Enquanto entre nós, mulheres, muitas são aquelas que...

²⁸⁰ Do it. *cosa da frati*. Os frades se contentariam com qualquer mulher.

²⁸¹ A *Bíblia* conta que o rei Davi dormia com uma garota como remédio à velhice (*I Reis* 1, 4). A alusão ao papa Inocêncio VIII, que se dizia ter se alimentado nos últimos meses da vida só de leite materno, tem sentido obsceno.

BONIFÁCIO: ...que se submetem.

MARTA: Eu não ia dizer isso. Mas depois vem a vingança. As mulheres são o merecido castigo dos homens.

BONIFÁCIO: É verdade. Elas, deles; e eles, delas.

MARTA: Ih, ih, ih.

BONIFÁCIO: Ah, ah, ah.

MARTA: Vem cá, como vai a sua esposa? Parece que a deixa morrer de sede. E ela não é linda e novinha? No fundo, por melhor que seja a carne, adeus apetite se você come dela todo dia. Acaba topando coisas bem piores! Não é verdade?

BONIFÁCIO: A mim, você diz isso? Fala por falar? Deixe de brincadeira, dona Marta, minha amiga. Eu sei que a senhora sabe de muitos segredos; bem que poderia me ajudar a ganhar a batalha essa noite. Com minha esposa, viu? Apostei que passamos de quatro vezes. Seja gentil, ensine-me a receita de alguma poção que me mantenha duro na sela...

MARTA: O seguinte: recolha xixi de garoto, suor de negão, misture com a porra de um pau adulto, ferva *ad quantum*, mexa e aplique. Aí segure firme nos arreios e vai galopando, galopando. Cuidado para não cair e rachar o cu no estribo.

BONIFÁCIO: Por São Pilastra²⁸², você é uma profissional, hein, dona Marta! Hi! Já é tarde! Deixe-me ir que tenho um negócio urgente para resolver. Adeus!

MARTA: Adeus! E se encontrar aquela salsicha defumada do meu marido, diga que estou esperando por ele, que tenho um problema urgente!

Cena 9

²⁸² Do it. San Fregonio, invenção irreverente de Giordano Bruno.

(Marta, sozinha)

MARTA: *Nez coupé n'a faute de lunette*²⁸³, bem dizia o meu grande amigo Jean da Bretanha, que foi quem me introduziu a língua francesa (e que língua a dele!), quando eu tinha apenas doze aninhos. Faz sentido: sendo o mais pobre dos franceses, o rei da França será mais necessitado do que você. Pois, quem mais tem, mais planeja, mais exige e menos goza. Quer ver? O príncipe de Conca²⁸⁴ mantém seu principado tirando prata e meia por dia; enquanto, com dez mil pratas, o rei da França não dá conta de sustentar o reino. Quem dos dois é mais rico? Quem será mais satisfeito: aquele que ganha pouco ou aquele que gasta demais? Após a derrota de Pavia²⁸⁵, ouvia-se dizer, o rei da França precisou de oito milhões [para pagar o resgate]²⁸⁶. E quando é que o príncipe de Conca precisou de mais do que vinte pratas pros negócios dele? Nem caberia a ele gastar mais do que isso. Então: quem desses dois é menos necessitado? Tadinha de mim, digo isso porque sei o que digo. Eu por mim era bem mais feliz antes de aquele babuíno do meu marido querer ficar rico pra gastar dinheiro. Brincávamos de coxa no colo, de chave de perna, de anelzinho, de gangorra, de sapinho, de carrinho de mão, de encaixe, de quatro puxadas e quatro estocadas, de três buracos e de buraquinho! A noite toda e parte do dia celebrando o ofício. E agora? Herdou uns escudos do tio Pucciolo (maldito seja até no Paraíso) e pronto, olha ele lá angustiado, tormentoso, inseguro, atribulado e suspeitando ser roubado por um, enganado por outro, assassinado por qualquer um. E corre pra lá, pra cá, enche e esvazia e mói e côa e bufa e sua, vinte e quatro horas por dia. Vou ter que dar graças ao Barra, porque se não fosse por ele hoje, fazem sete meses que não chove

²⁸³ Fr.: “A nariz amputado não fazem falta os óculos.”

²⁸⁴ Giulio Cesare de Cápua ganhou, em 1526, o título de Príncipe de Conca (localidade pobre perto de Caserta). Administrador parcimonioso, deixou uma fortuna para o filho, que a dissipou.

²⁸⁵ Em 1525, o exército francês, conduzido pelo rei Francisco I, foi derrotado em Pavia pelos espanhóis do marquês Ferdinando Francisco d’Avalos. O rei foi capturado e ficou preso na Espanha. Para ser solto e voltar à França, teve que pagar um resgate.

²⁸⁶ Um conto (esp. *cuento*) de ouro valia um milhão de moedas.

em meu jardim. Ontem mandei rezar uma missa a Santo Elias para parar a seca!²⁸⁷ E hoje de manhã gastei mais uma grana para mandar celebrar pra São Joaquim e Santa Ana²⁸⁸; ela é milagrosíssima com coisas de marido e mulher. Mas acho que estava com defeito essa missa, o padre que não soube fazer, alguma coisa deu errado porque, enquanto eu esperava a graça, o maldito, em vez de largar a fornalha dele e vir pra minha, sumiu. Até agora não voltou: toca-me ir procurá-lo. Bom, quando menos se espera... precisa ter fé. Não disse? Me parece que é ele que vem.

Cena 10

(*Bartolomeu, Marta, Mochione*)

BARTOLOMEU: Ai de mim, derrotado, ai, desgraçado que eu sou!

MARTA: Desgraçada sou eu. Chora por quê?

BARTOLOMEU: Choro, sim: choro. Fiquei sem ouro e sem esperança²⁸⁹. Como que não achou, seu cabeça oca? O que ele disse, exatamente? **Repete. Preste** atenção, hein!

MOCHIONE: Sim, senhor. Ele disse que não tem deste e que não sabe onde pegar e que foi mestre Cencio que deu pra ele e que já acabou e que nem sabe o que é esse tal de *pulvis christi*.

BARTOLOMEU: Ai, desenganado Bartolomeu.

MARTA: Viu! Graças ao meu Jesus e Maria santíssima de Piedigrotta, minha Senhora do Rosário e Virgem do Monte, Santa Maria Aparecida, advogada nossa!²⁹⁰ Aleluia! Aleluia!

²⁸⁷ O profeta Elias anunciou a chuva após o flagelo da seca, que caiu sobre Achab e Jezabel (cuja população adorava Baal) e durou três anos. *I Reis* 17. Mas, para Marta, trata-se agora de outra seca.

²⁸⁸ Os genitores de Maria.

²⁸⁹ **Do it.** *peggio che l'oglio et il sonno* (perdi mais do que azeite e sono).

Lave o mal com tina e cuia! Padre Eterno, mande o ruim pro Inferno! Sai, sai, malefício! O que foi, Bartolomeuzinho meu xodó?

BARTOLOMEU: Cala a boca, maldita. Logo agora! Vá pra casa com seu demônio, que eu tenho coisa pra resolver. Não vê? Vou me enforçar. Mas antes vou ver aquele herborista. Cadê? Deixou na loja?

MOCHIONE: Sim senhor. Por aqui é mais rápido.

MARTA: Ai, como dói. Vou voltar pra casa e aguardar notícias. Acho que os meus santos me fizeram uma graça que é uma desgraça. Não! Não sei mais o que digo. Salve Regina, afasta de mim a ruína. *Giesu auto et transi per medio milloro mi batte*²⁹¹.

Ei, este que vem atrás de mim, não tem cara de gente boa não. Só pode ser malandro. Melhor sair fora.

Cena 11

(*Manfúrio, sozinho*)

MANFÚRIO: Nos **Erasmus de adágio, digo, nos adágios de Erasmus** (que esquisito) tem um, entre muitos, que recita: *A toga ad pallium*²⁹². É o que ocorre justamente a mim neste dia famigerado, *nigro signandus lapillo*²⁹³. *O caelum, o terras, o maria Neptuni!* Primeiro aquele vil gatuno me furtou as moedas, depois apareceram aqueles outros três, com o

²⁹⁰ Pela graça recebida, Marta invoca Maria, da qual é devota sob várias espécies: Santa Maria de Piedigrotta, casamenteira muito cultuada em Nápoles; a Virgem do Rosário, venerada na Itália toda; Donna do Monte, venerada em Nápoles na igreja de Santa Maria em Montevergine; Santa Maria Apparete, venerada num santuário aos pés do monte Cicala onde Bruno nasceu; Santa Maria de Scafate, dita Madonna dei Bagni, por ser venerada em Scafate, praia perto de Salerno. “Advogada nossa” é a reza do *Salve Regina*, atribuída a São Tomás.

²⁹¹ Corruptela da passagem evangélica que, acreditava-se, tinha poderes terapêuticos: *Ipse autem transiens per medium illorum, ibat* (“Ele, porém, passando pelo meio deles, proseguiu seu caminho...”, *Lucas* 4, 30).

²⁹² *Lat.*: “da toga ao pálio”, vale dizer, de uma condição favorável para outra pior.

²⁹³ *Lat.*: “que deve ser marcado com uma pedrinha preta”, vale dizer, um dia infausto.

pretexto de ajudar, os quais, não diria com destreza, mas com ato sinistro²⁹⁴, me demitiram com este capote puído nas costas e com este bonezinho gasto ~~proque capitis~~ na cabeça, **o qual boné** *versus centrum et in medio, prae nimii sudoris densitudine*²⁹⁵, parece ensebado *vel* calafetado, *vel* curtido, *vel* couraçado, enquanto levaram meu feltro e minha capa doutoral. *Proh deûm atque hominum fidem*²⁹⁶, cai do espeto na brasa²⁹⁷. Me induziram dizendo “venha conosco, professor, pois acharemos o malandro”. Eu os acompanhei *bona fide*²⁹⁸ até que, chegados ao destino o qual, como me fizeram crer²⁹⁹, era a residência de uma tal senhora meretriz, me deixaram esperando no térreo, com o seguinte raciocínio: “é melhor que a gente vá em frente, pra não aparecer *ex abrupto*, e você fique aqui até que alguém mande subir pra fechar o negócio da devolução com a menor *excandescencia* possível”. Eu aguardei por longo intervalo, deambulando e planejando os argumentos com os quais iria confundir o malandro, após isso, já que ninguém me convocava, subi pela escada e bati na primeira porta, onde me foi dito pra passar, pois ali só havia empregados. *Aliquantolum progressus*³⁰⁰, bati na porta de outra moradia, talvez fosse a mesma, onde uma velhota me disse que, se quisesse entrar, tudo bem, mas que havia sobrado pouca coisa, *minime contemnendae*³⁰¹ meninas, ao que repliquei que perseguia outra assombração. *Ulterius progressus*³⁰² me encontrei fora da casa pela porta posterior que dava numa outra pracinha. Enfim *de necessitate consequentiae*, ou seja, concluindo, portanto, fui enganado com certeza, sendo que a moradia da dita senhora *duplici constat*

²⁹⁴ Do lat.: *non inquam dexteritate, sed sinisteritate quadam. Destro e sinistro* são os lados do corpo em italiano.

²⁹⁵ Lat.: ~~“no meio, por excesso de suor saturado”.~~

²⁹⁶ Lat.: “Em fê de deuses e homens.”

²⁹⁷ Do lat. *delapso a patella ad prunas.*

²⁹⁸ Lat.: “em boa fé”.

²⁹⁹ Do lat. *ut facile crediderim.*

³⁰⁰ Lat.: “procedendo um pouco”.

³⁰¹ Lat.: “nada desprezíveis”.

³⁰² Lat.: “Procedendo mais à frente...”

*exitu et ingressu*³⁰³. Voltei e *percunctatus sum* se por acaso tivesse outro receptáculo na casa onde aqueles pudessem estar congregados; foi-me dito: “Amigo, ou entraram pela frente e saíram por trás; ou entraram por trás e saíram pela frente.” *Tunc statim*³⁰⁴, temendo incorrer em alguma outra ajuda ou aconselhamento parecido aos pretéritos, me afastei e, *iuxta* a sentença pitagórica³⁰⁵, faz um tempão que tento regressar, evitando as ruelas e vagueando pelo bairro. *Quandoquidem*³⁰⁶ há tal frequência de gente parada e de transeuntes que receio topar com algum conhecido com tal vestimenta imunda, em prejuízo da minha reputação; melhor que eu me retire neste canto; vejo aproximarem-se duas *mulierculae*.

Cena 12

(*Querubina, Lúcia*)

QUERUBINA: Minha Santa Luzia!

LÚCIA: Advogada nossa, salve, salve!

QUERUBINA: Você acha mesmo que vestida desse jeito fico parecida com dona Vitória?

LÚCIA: Juro pelos mistérios do rosário, e olhe que acabei de rezar agora, dona Querubina, juro que são tão parecidas que eu mesma me confundi! Pensei que a senhora fosse ela! A senhora tem até a mesma voz, quase que diz as mesmas coisas que ela! Então, preste atenção pra não falar alto com o seu marido, viu, e peça pra ele falar

³⁰³ *Lat.*: “esta casa tem duas entradas e saídas...”

³⁰⁴ *Lat.*: “Então, logo...”

³⁰⁵ *Lat.*: “conforme”. Manfúrio cita os versos do *Carmen aureo*, atribuído ao filósofo grego Pitágoras, em que se aconselha a aguentar com firmeza as desgraças enquanto busca-se um remédio contra elas.

³⁰⁶ *Lat.*: “Dado que, visto que...”

baixinho também por causa dos vizinhos que escutam pelas paredes. Quanto ao rosto, o seu é tão liso e branco e fresco, até bem mais que o de madame Vitória.

QUERUBINA: Deixe o quarto no escuro até o meu sinal, para que eu possa trabalhá-lo direitinho, nas intenções e de fato.

LÚCIA: Coitado do bichinho, um pouco de prazer antes do suplício que o espera. Faça-o descarregar pelo menos uma vez, pra ver se acredita mesmo nesta santa.

QUERUBINA: Pode deixar; acho que vai dar uma boa cena pra vocês. Vou me mostrar toda inflamada de amor, dar-lhe aquele beijo de urso, morder-lhe as bochechas e chupar a boca de um jeito que ele vai ficar berrando pra todo mundo ouvir. Vão gostar da comédia. E direi: “Coração, não grite assim, se não vão descobrir! Machucou? Perdão, vida minha, é tanta paixão.”

LÚCIA: Virtudes da arte mágica!

QUERUBINA: Pois é. E vou dizer: “Estou com tanta sede que te chuparia até os ossos.”

LÚCIA: Paixão de cobra!

QUERUBINA: Ah, mas não acabou! Depois pego sua língua nos dentes e aperto, e não largo até ele gritar umas três ou quatro vezes.

LÚCIA: Ih, ih, ih. Vou avisar a dona Vitória: “Esta é a hora da língua!” Não vai nem poder reclamar. De tanto urrar vai peidar aquele amor todo pelo rabo.

QUERUBINA: Aí, eu digo: “Lindinho, minh’alma e chaga do meu coração, aguenta. É a chama do amor que me esquenta desse jeito e me faz delirar.”

LÚCIA: Dona Querubina, a senhora é danada! O seu marido vai pensar: que cachorra é esta!

QUERUBINA: Era só o primeiro ato. Quando estiver pronta para deitar na cama, arrumo uma posição para mostrar-lhe o portão principal bem aberto. Fico em posição bem

gostosa pra ele sacar o membro mas, antes que ele entre na *attollite porta* e reze o *gloria*³⁰⁷, pego com as duas mãos os testículos e a verga e torço assim, ó, que nem pano de chão. Ainda digo: “Oh, meu bem-amado, oh, esperança da minh’alma inflamada, antes me arrancarem as mãos que arrancar você de mim.” Nesse caso, as mãos não vão servir para defendê-lo.

LÚCIA: Hi, hi, hi. Vai doer tanto que até Hércules ficaria de quatro, não é? Afinal, mulher é mulher.

QUERUBINA: Ele vai gritar tanto que toda Nápoles vai escutar. Se não gritar direito, pior pra ele, porque vou torcer mais. Então, Lúcia, nesse terceiro sinal de gritos, você entra correndo com todos os criados e as luzes. Vamos nos ver todos cara a cara, com a ajuda de Santa Luzifa³⁰⁸. No que vai dar depois, veremos.

LÚCIA: Combinado. A senhora agora segue até a casa de Madame, caminhando daquele jeito e com o rosto velado, né? Já sabe. Se por acaso topar com ele no caminho, não fale nada, que ele também não vai, porque não é conveniente no meio da rua. Faça uma reverência e, uns passos mais adiante, solte um suspiro ardente. Entre direto em casa, a porta está aberta. Eu preciso resolver um negócio. Depois vou procurar o bode e o levo até em casa. Relaxe! Vai dar tudo certo. Adeus.

QUERUBINA: Adeus, até logo.

Cena 13

(*Lúcia, sozinha*)

³⁰⁷ Duplo sentido das palavras da liturgia do primeiro domingo de Advento: *Tollite portas, principes, vestras et introibit rex gloriae* (Príncipes, abram as portas pois o rei da glória entra).

³⁰⁸ Protetora da visão.

LÚCIA: Quem acha que a Quaresma é longa, compre a prazo no Carnaval pra pagar na Páscoa³⁰⁹. Sábio ditado. Nossa, hoje o dia passou como um raio, de tanta coisa que tive que armar. Choquei tão bem esse ovo pra rachar ainda à noite, que não vejo a hora. Tudo está saindo bem. Agora só falta explicar a brincadeira toda pro mestre Gioan Bernardo. Ele precisa chegar no momento certo, com os outros. Cada golpe tem que ter seu tempo se há muitos que batem na bigorna. Hi! É ele mesmo que vem vindo.

Cena 14

(Gioan Bernardo, Lúcia)

LÚCIA: Bem na hora!

G. BERNARDO: Então, Lúcia, o que tem feito?

LÚCIA: De tudo. Escute bem. Mestre Bonifácio está aqui em casa disfarçado do senhor. Isso mesmo. Colocou até uma barba igual à sua. A mulher dele, Querubina, toda produzida com uma roupa de dona Vitória, o espera lá dentro. Sanguino está de barba branca, bancando o capitão Palma junto com os outros, Marca, Floro, Barra e Corcovizzo, fazem os guardas.

G. BERNARDO: Encontrei a turma agora mesmo, bem aqui no pedaço, na loja de costura. Eu também vou ficar de prontidão por aqui, esta iguaria não me escapa. Você falou com a Querubina? Ela sabe de mim?

LÚCIA: Deus me livre! Acha que sou boba?

G. BERNARDO: Sempre tudo direitinho! Merece um beijo.

LÚCIA: Muito agradecida, mas preciso mesmo é de outra coisa.

³⁰⁹ Como a Quaresma parece longa, o jeito para encurtá-la é contrair uma dívida para pagar na Páscoa, logo depois da Quaresma.

G. BERNARDO: Só o sinal, querida Lúcia. Não tem outra que trabalhe tão bem quanto você.

LÚCIA: Ah! Mas o senhor não sabe que voltas eu tive que dar para armar a brincadeira toda; convencer o seu Bonifácio de ser o novo amor da dona Vitória, depois fazer com que se disfarçasse daquele jeito, enfim trazer a dona Querubina ao ponto que está. Você vai ficar maravilhado com o arranjo que lhe fiz.

G. BERNARDO: Tenho certeza de que **você** saberia soltar nós bem mais atados do que este. Mas não dá tempo de conversar agora. Tenho que ir. Se o seu Bonifácio chegasse agora e me visse aqui **contigo**, a sopa ia ficar salgada demais, né?

LÚCIA: Sai e fique aguardando com os outros, que com ele eu resolvo.

Cena 15

(*Manfúrio, sozinho*)

MANFÚRIO: Não tem ninguém por aqui. Vou deambular um pouco. Vi aquelas duas confabulando e depois uma ficou fazendo graça com o pintor. A jovem deve ser uma daquelas *lupae*, de onde tira-se o vocábulo *lupanar*. Sem dúvida, a velha é uma *lena*! Neste caso, à confabulação dela aplicaremos a definição de *lenocinii specimen*³¹⁰. *Ergo*, concluímos³¹¹ que o pintor é *aliquantolum* fornicador. Vejo aproximar uma caterva: melhor me retirar *iterum*³¹².

Cena 16

³¹⁰ Lat.: “sob aspecto de lenocínio”.

³¹¹ Do lat. *sequitur conclusio*.

³¹² Lat.: “de novo”.

(*Manfúrio, Sanguino disfarçado de Capitão Palma, Marca, Barra, Corcovizzo, de guardas*)

SANGUINO: Aquele lá que foge e se esconde não deve ser uma alma boa. Será que tem a consciência suja? Purgatório nele! Guardas, peguem-no.

BARRA: Alto lá! Levante! Seu nome!

MANFÚRIO: Meu nome é *Manphurius, artium magister*. Não sou dado a malfetorias ou a quaisquer iniquidades, cobiças, falso testemunho ou alienação de coisas e mulheres alheias que seja³¹³.

MARCA: Que diabo está falando? É magia negra ou bula de remédio?

CORCOVIZZO: Parece missa pra defunto.

SANGUINO: Qual é seu ofício? Deve ser padre.

MANFÚRIO: *Ego sum gymnasiarca*.

SANGUINO: Pois amarrem bem o senhor Asnarca e levem-no pra Delegacia.

CORCOVIZZO: Estenda as mãos, seu bezerro desgarrado. Venha, que hoje vai dormir hospedado num palácio do Rei³¹⁴.

MANFÚRIO: Senhores *domini*, juro que sou um mestre de escola ao qual, nessas horas passadas, a caterva vulgar raptou todos os bens e vestimentas.

SANGUINO: Por que foge da polícia? Não, não: você deve ser ladrão, inimigo da lei. Amarrem firme.

MANFÚRIO: Não me batam! Fugia para não ser visto nestes trajes inadequados!

³¹³ Do lat. *Non sum malfactor, non fur, non moechus, non testis iniquus: alterius nuptam, nec rem cupiens alienam*.

³¹⁴ A cadeia, enquanto edifício público, pertencia ao Rei.

SANGUINO: Ô, galera. Prestem atenção. Vocês não reconhecem o malandro aqui? Não veem que esta capa que ele veste é a que foi roubada do nosso amigo Tiburolo na Alfândega³¹⁵, semana passada?

CORCOVIZZO: Desculpe, capitão, mas não é, não. Aquela capa lá tinha cadarços amarelos no colarinho...

SANGUINO: Então? **Estás** cego? Não são cadarços estes? E não são amarelos?

CORCOVIZZO: Por santa Matraca! É verdade! Mas então foi ele!

MANFÚRIO: Ai, por que me flagelam? Eu já disse que foram alguns celerados ou, *ut more vestro loquatur*³¹⁶, malandros que me deram esta capa, em troca da minha toga acadêmica.

MARCA: Corpo de Nossa Senhora, que acadêmico o quê! Este aqui é um malandro de primeira!

SANGUINO: Já se vê logo que você se esconde da justiça e que a capa foi roubada. Levem-no! Pra delegacia! Depois veremos quem roubou a quem.

MANFÚRIO: Levem-me para a residência do meu mecenas, no bairro de Vergini³¹⁷. Vou provar que não sou um facínora!

SANGUINO: Ora essa, já se viu polícia deixar ladrões em casa? Vamos pra delegacia, lá vai provar o que quiser pro delegado.

MANFÚRIO: Senhores, *sum eruditus*, não mereço **de** ser com tais impropérios *afflictus*!

MARCA: Fala como um cristão, para que se entenda!

BARRA: Está falando como um cristão: parece o padre na missa.

³¹⁵ A alfândega (*dogana* ou *fondaco regio*) era locada, nos tempos de Bruno, ao lado do antigo Arsenal de Nápoles.

³¹⁶ *Lat.*: “pra falar como vocês”.

³¹⁷ Bairro residencial fora das velhas muralhas de Nápoles, perto da igreja de Santa Maria dei Vergini.

MARCA: Será que é um monge excomungado?

CORCOVIZZO: Pois é. Deixe-me ver. *Domine abbas, volimus comedere fabbas?*³¹⁸

BARRA: *Et si fabba non habbemo, quit comederemo?*³¹⁹

MANFÚRIO: *Non sum ecclesiasticus.*

MARCA: Será? Até hóstia na cabeça tem!

MANFÚRIO: *Hoc este calvitium*³²⁰.

BARRA: Ah, é vício! Pois então vai pagar por ele. Tome penitência, seu pervertido!

MANFÚRIO: Ai! Ai! É calvície, não vício³²¹. Não me torturem, vou dar queixa. Não se faz isso com um homem de letras, com um mestre!

SANGUINO: Que mestre o quê! Um bom mestre não mente, não rouba e não tem vício nenhum. Levem-no!

MANFÚRIO: Posso recitar cem versos do poeta Virgílio, *aut per capita*³²², a *Eneida* inteira! Começa o primeiro livro com: *Ille ego qui quondam*; ou então, na versão atribuída ao Varo, com: *Arma virumque cano*³²³. Segundo livro: *Conticuere omnes*. Terceiro: *Postquam res Asiae*. Quarto: *At regina gravi*. Quinto: *Tu quoque littoribus nostris*. Sexto: *Conticuere omnes*³²⁴.

³¹⁸ **Lat. macarrônico:** “Senhor prelado, quer chupar favas?”

³¹⁹ **Lat. macarrônico:** “E se não tiver favas, vai chupar o quê?”

³²⁰ **Lat.:** “É a calvície.”

³²¹ **Do lat.** *Dixi calvitium, quasi calvae vitium*: “Eu disse calvície, quase um vício do crânio.”

³²² **Lat.:** “ou somente os versos iniciais”.

³²³ Alguns comentaristas atribuem os primeiros versos da *Eneida*, com a exposição sintética do poema, não ao poeta Virgílio, mas a Varo, amigo dele que, junto com Tucco, organizou a primeira edição da obra.

³²⁴ **Há um equívoco no *incipit* do quinto e do sexto livros.**

SANGUINO: Você acha que me enrola, não é? Cara de pau! Com umas **besteiras** em latim aprendidas ontem. Nisso que dá a ignorância! Se fosse mesmo culto, não seria tão malandro...

MANFÚRIO: Convoque então um erudito qual eu que me ponha à prova.

SANGUINO: *Cennera nomino quotta sunt?*³²⁵ Pronto. Pode falar.

MANFÚRIO: Pergunta para principiantes, novatos, aprendizes *et primis attingentium labellis*³²⁶. Resposta: *masculeum idest* masculino, *faemineum idest* feminino, *neutrum* que não é nem um sexo nem outro, *commune*, que é ambos.

BARRA: Como assim? Macho e fêmea?

MANFÚRIO: *Epicoenum* que não distingue um sexo do outro.

SANGUINO: Então é isso que você é: epi...quê?

MANFÚRIO: *Quae non distinguunt sexum, dicas epicoena*³²⁷.

SANGUINO: Diga, **magister**: são coisas pra ensinar à criançada?

MANFÚRIO: Está na gramática despauteriana: *Omne viro soli quod convenit, esto virile*³²⁸.

SANGUINO: **Traduz.**

MANFÚRIO: *Omne — idest totum, quidquid, quidlibet, quodcumque universum; quod convenit — quadrat, congruit, adest; viro soli — soli, duntaxat, tantummodo, solummodo viro,*

³²⁵ Corruptela do **lat.** *Genera nominum quot sunt?* (Quantos são os gêneros nominais?)

³²⁶ **Lat.:** “e dos que sugam com a boca os primeiros rudimentos”.

³²⁷ **Lat.:** “Diga-se comum o que não pode ser masculino nem feminino.”

³²⁸ Primeiro verso dos *Commentarii*, de Jean Despautère, o gramático belga já citado por Bruno (nota 109): na citação correta, *Omne nomen soli viro datum est masculini genere* (Nome que é atribuído somente aos homens é de gênero masculino).

vel fertur a viro; esto — idest sit, vel dicatur, vel habeatur; virile: -idest: somente o que convém aos homens é viril³²⁹.

SANGUINO: Olha com que diabo de assunto iniciam os garotos, esses caras! Somente é do gosto dos homens, *hoc est*, com mulheres não vem ao caso, *idest*, é o membro viril.

BARRA: Boa dica, santo Cristo!

MANFÚRIO: *Nego, nego*. Eu não disse isso que os senhores entenderam. Vocês veem no que dá instruir analfabetos! Eu disse da espécie que convém aos homens.

SANGUINO: Que é a fêmea, seu cachorro pervertido.

MANFÚRIO: Os senhores chamam de viril o gênero masculino, *proprie et ut pars*³³⁰, enquanto o outro é feminino *ut portio, et attributive vel applicative*³³¹.

SANGUINO: Rápido, prendam o sujeito no quarto, depois levaremos pra delegacia. Cuidado, é dos perigosos. Faz pose de mestre, e olha a arte dele: esfolar cabritos³³².

MANFÚRIO: Oh, *me miserum*. Verbalizei em vão. Oh, *diem infaustum atque noctem!*³³³

Fim do quarto Ato.

³²⁹ Molière imita esta fala com que o pedante, ao tentar se justificar, complica a sua situação, na *Comtesse d'Escrabagnes*.

³³⁰ Lat.: “de modo específico, absoluto e também por partes”.

³³¹ Lat.: “como uma relação externa, algo que é atribuído”.

³³² Metáfora que alude à pederastia.

³³³ Lat.: “ô dia e noite sinistras!”

Ato V

Cena 1

(*Bonifácio, Lúcia*)

BONIFÁCIO: Ô, ô, ô!

LÚCIA: Bem-vindo, mestre Gioan Bernardo...

BONIFÁCIO: Lembre-se **que** eu sou Bonifácio, e não Gioan Bernardo, hi hi hi!

LÚCIA: Nossa! Juro que esqueci! O senhor está tão bem disfarçado que só falta o nome mesmo!

BONIFÁCIO: Ótimo, me chame então assim, hi, hi, hi, pois se alguém me vir, vai pensar que ele sou eu... uh, uh, uh!

LÚCIA: Está tremendo; o que é?

BONIFÁCIO: Nada, ah, ah, ah, Lúcia, repare que caso alguém me conhecendo por Gioan Bernardo, oh, oh, oh, queira falar com ele, é você que vai responder, eh, eh, eh! Eu finjo que estou de mal e sigo adiante, viu, uh, uh, uh: você diga pra deixar passar, pois são coisas que acontecem, eh, eh, eh.

LÚCIA: Ah, sim, claro. Deixe comigo.

BONIFÁCIO: Ô, ô, ô!

LÚCIA: Mas por que **tremes** assim? É frio ou medo? O que há?

BONIFÁCIO: Querida Lúcia, ah, ah, ah, é a tremedeira do amor; estou todo arrepiado de pensar que agora mesmo vou ficar juntinho dela, ah, ah, ah!

LÚCIA: Ah, tá bom. Agora entendi: como quando se tem alguma coisa gostosa quase na mão. Já já estará com sua amada, falta pouco.

BONIFÁCIO: Madame Vitória minha! Aquele peito de aço, ah, ah, ah... que quase me fez morrer... ai, ai... Meu bem!

LÚCIA: O senhor é o bem dela também. Juro por aquele santo que dividiu a capa pelo amor de Deus³³⁴, que este seu sangue quente derreteria um diamante. Sabe que o senhor hoje está mais bonito do que nunca? Deve ser efeito do amor, não?

BONIFÁCIO: Vamos, vamos que não me aguento nas calças... Ô, ô.

LÚCIA: Não deixe escorrer que Deus castiga!³³⁵ Ah, ah, ah, essa é boa! Também, se escorrer agora, esfregando bem vai ter mais.

BONIFÁCIO: Pode crer, mas vai, vai.

LÚCIA: Vamos logo.

Cena 2

(*Bartolomeu, Consalvo, Mochione*)

BARTOLOMEU: Seu traidor, ladrão, assassino, como que não sabe o que é o *pulvis Christi*? E aquele diabo de pó que você me deu da outra vez? Ai, pobre de mim, estou acabado, ultrajado! Você me paga!

CONSALVO: Ô, é melhor **você** ficar quieto senão Nápoles inteira vai saber dessa história. A garotada vai **te** tratar igual maluco, não conseguirá mais nada.

³³⁴ São Martinho, em um dia frio, doou metade de sua capa para um mendigo.

³³⁵ O Deus bíblico amaldiçoa Onan (*Gênesis* 38, 9) que *semen fundebat in terram ne liberi nasceretur* (deixava escorrer o esperma no chão, de modo que não nascesse criatura alguma).

BARTOLOMEU: Você acha que com essa bobagem eu fico quieto?

CONSALVO: Então grite se quiser! Grite até rachar a garganta! Ora, como é que eu ia saber que o negócio era furado? Faz mais de um mês que aquele amigo seu, Cencio, veio me encomendar um monte de mercadoria, alume, chumbo, prata, enxofre amarelo e vermelho, ervas, sal, amônio e não sei mais o quê. Eu disse que tinha tudo. Aí ele me disse “você vai ser meu fornecedor para um trabalho. Guarde pra mim este pó, o tal do *pulvis Christi*, e mande somente a quantia exata de cada pedido. Guarde esta caixinha também, com umas coisas minhas muito preciosas”.

BARTOLOMEU: E não voltou pra pegar a caixinha?

CONSALVO: Ainda não. Por isso eu digo, fique quieto, pois se vier buscar a caixinha, não vai sair da minha loja tão cedo.

BARTOLOMEU: Ah, sim! Mas parece que ele já se mandou com o carro da madrugada. Você não ouviu isso, Mochione?

MOCHIONE: Estão todos falando, patrão.

CONSALVO: Pois é. Mas não é problema meu! Você que tinha que saber dele, estava até morando na sua casa! Mais de quinze dias ele ficou lá. Depois que saiu da sua casa e até hoje, eu sei lá onde ficou! Você em pessoa mandou entregar por este empregado um ou outro pedido seu; aquele pó de Cristo, ou como diabo se chama, da primeira vez você mandou entregar metade e, na segunda, o restante. E era tudo que eu tinha. Hoje, você manda buscar uma quantia que aquele saquinho que guardei não daria nem a décima parte! Fiquei pasmo! O seu alquimista Cencio não me deu nem mais *uma* grama!

BARTOLOMEU: Vocês armaram tudo pra me ferrar³³⁶.

³³⁶ *Do it. mi avete piantato il porro dietro* (me enfiaram o pepino no cu).

CONSALVO: Me **respeita**. Faz muito mal de pensar mal de mim; **está** doido? Ah, dane-se. Basta um pra **te** ferrar. Como é que eu vou saber das **suas** histórias: dez anos que a gente não se vê! **Você** mandou pedir mercadorias na minha farmácia, eu entreguei e pronto.

BARTOLOMEU: Ai de mim, ele me disse que o pó era ouro pulverizado, que um efeito mágico transformava. Realmente pesava mais de que qualquer pó que eu conheça. Por isso, acreditei que gerasse pepitas! Maldito [Cencio] e o dia que o encontrei. Vou me enforcar.

CONSALVO: Pode ir.

BARTOLOMEU: É, mas antes enforco você, seu trapaceiro traidor.

CONSALVO: Quero ver. Mentiroso! Ah, **vai** se enforcar mesmo, você não presta. Vá buscar seu *pulvis christi* em outro lugar, maluco!

BARTOLOMEU: Como posso recuperar meu dinheiro?

CONSALVO: Você faz igual ao seu amigo, sempre que encontre um idiota feito você e com a bolsa cheia como a sua!

BARTOLOMEU: Velhaco, isso é coisa de gente da **tua** laia!

CONSALVO: Ah, é? Vem que eu curo essa **tua** loucura em dois tempos, seu bêbado de merda! Toma, vamos ver se sai pelo nariz!

BARTOLOMEU: Cornudo sem-vergonha! **Toma!**

CONSALVO: Ô, este remédio aqui serve. **Toma!**

BARTOLOMEU: Ai! Ai! Traidor! Assassino! Ai! Socorro!

MOCHIONE: Socorro! Socorro! Estão matando o patrão de porrada!

CONSALVO: **Deixa** comigo. Sei como sarar este doido. Ô, **toma!**

BARTOLOMEU: Socorro! Ele me mata!

Cena 3

(Sanguino, Corcovizzo, Barra, Marca disfarçados de polícia, Bartolomeu, Consalvo, Mochione)

SANGUINO: Alto lá! Polícia! Que barulheira é essa?

BARTOLOMEU: Este assassino assassinou minha bolsa e agora quer assassinar meu corpo!

CONSALVO: Capitão, este doido mente despudoradamente e ofende a minha boa reputação. Eu sou um homem honesto!

SANGUINO: Amarrem e levem os dois pra delegacia.

BARTOLOMEU: Isso mesmo: vamos para a delegacia. A justiça vai ter que me dar razão!

BARRA: Vamos, anda, que é tarde.

SANGUINO: Amarrem bem pra que não fujam.

CORCOVIZZO: Se alguém fugir com este nó que dei, pode dizer que soltei.

BARTOLOMEU: Que desgraça! Mochione! Diga a Marta que venha me buscar amanhã na delegacia.

MOCHIONE: Estou indo.

SANGUINO: Chega de conversa! Vamos já, caminhando!

CENA 4

(*Mochione, sozinho*)

MOCHIONE: Pois é, uma ave-maria chama outra e mais outra e mais outra; não é? Igual uma cereja chama outra cereja, um santo chama outro santo³³⁷. Assim também os problemas: um chama outro. É ditado universal: desgraça nunca vem sozinha. Vejam o meu patrão: primeiro, ficou amigo daquele Cencio; segundo, deu-lhe pela receita seiscentas moedas de ouro; terceiro, gastou um dinheirão para comprar carvão, vidros, fornilhas e outras tralhas inúteis; quarto, perdeu tempo; quinto, ficou torrando na fornalha à toa; sexto, arranjou uma bruta encrenca com o herborista; sétimo, levou porradas das pesadas; oitavo, levaram ele pra delegacia; nono, vai gastar mais tempo e mais dinheiro para sair da delegacia; e décimo, essa história do maldito *pulvis christi* vai cair na boca de todo mundo! Olha aí, mestre Gioan Bernardo. Será que entendeu tudo? Quero ouvir o que ele vem resmungando.

Cena 5

(*Mochione, Gioan Bernardo*)

G. BERNARDO: Será que aqueles malandros, com a esquisitice do disfarce, não vão ficar armando outro negócio e acabam esquecendo do principal? Querem vender dois por um, acho que vão bagunçar o meu. Ei, você, garoto!

MOCHIONE: Eu! O que é que **manda meu** senhor?

³³⁷ Mochione cita frases litúrgicas, em lat.: *autem genuit et ex tribu et millia signat*. A primeira é a genealogia de Cristo, recitada na Missa da vigília da Imaculada Conceição (*Mateus* 1, 1-16); a segunda é um passo do *Apocalipse* lido na Missa de Todos os Santos (*Apoc.* 7, 4-8).

G._BERNARDO: Você viu alguém passar por aqui?

MOCHIONE: Poxa, mestre, passou muita gente, foi um pega pra capar.

G._BERNARDO: Quem passou? O que foi?

MOCHIONE: Foram três guardas mais o Capitão. Mandaram prender o meu patrão junto com aquele herborista, Consalvo. Passaram por aqui quando os dois estavam brigando feio, aí o Capitão mandou amarrar e levar pra delegacia.

G._BERNARDO: E seu patrão é...

MOCHIONE: Seu Bartolomeu.

G._BERNARDO: Então, Bartolomeu foi pra delegacia! Isso não é nada bom. Mas diga, por que essa briga com Consalvo?

MOCHIONE: Sei lá. Agora licença, que eu preciso ir.

G. BERNARDO: Vá com Deus.

Cena 6

(G. Bernardo, sozinho)

G. BERNARDO: Então são eles, Sanguino e os colegas. O que estarão armando? De uma malandragem pra outra este capeta com seu bando de encapados³³⁸ terão a noite ocupada, enquanto Bonifácio e a esposa devem sair já da casa de madame. Melhor cuidar sozinho do meu negócio. Eles que vão bugiar! Eu vou ficar na porta pra pegar o casal na

³³⁸ Em dialeto napolitano, *cappeggiante* significa “envolvido em capa” e “ladrão”, já que normalmente estes escondem o furto sob a capa.

saída e puxar conversa, enquanto aqueles malandros voltam da puta que os... ave-maria, quem vem aí? Cuidado com a bolsa e a capa também. Se Deus quiser, são só eles.

Cena 7

(*Sanguino, Barra, Marca, Corcovizzo*)

SANGUINO: Ai, ai. Parece aquela história do Cola Perillo³³⁹, que passou mal e não sabia em que parte do corpo sentia dor. O médico lhe apalpava o peito e dizia: “dói aqui?”, e ele, “não”; depois tocava as costas e dizia: “dói aqui?”, “não”; depois os rins: “aqui?”, “nem aí”. Apalpou o estômago: “aqui dói?”, e ele, “não”; o ventre: “e aqui?”, “também não”; o saco: “será que é aqui?”, “não”. O médico apalpou as pernas e perguntou “as pernas doem? Qual das duas? Esta?”, e ele, “nenhuma delas, doutor”. “Veja bem, só pode ser aquela outra.”³⁴⁰

BARRA: Ah, ah, ah.

SANGUINO: É como para os coitados que pegamos: sentem-se mal, mas não sabem ainda o por-quê.

CORCOVIZZO: Quando lhe tirei a bolsa, Bartolomeu disse: “Vocês seriam guardas? Me levam pra delegacia? Só se fossem cardeais e eu papa! Podem levar tudo, aproveitem; eu vou querer o troco deste meu sócio.” E o outro: “Ah, é? Tudo na minha conta?”³⁴¹

SANGUINO: E a bolsa do outro? Tirou? O que ele disse?

CORCOVIZZO: Ah, ah, ah, ele dizia: “Nossa Senhora, que sentença rápida: acabamos de chegar à delegacia e já nos soltam. Vou acender uma vela pela graça de São Leonardo³⁴²,

³³⁹ Personagem do folclore napolitano, protagonista de uma novela de Bandello.

³⁴⁰ A outra perna alude ao membro viril.

³⁴¹ *Do it, cappello paga tutto*, gíria para dizer que um só (o último a pegar o chapéu, isto é, levantar para sair) paga por todos.

³⁴² Protetor dos prisioneiros. Ver nota 189.

aliás, vou pagar uma missa rezada de algemas! Nós que fizemos o pecado mas a nossa bolsa é que paga penitência!

SANGUINO: E tu? Ficou calado?

CORCOVIZZO: Eu disse, “Vamos perdoá-los, desta vez não precisam ir pra delegacia. Mas vão ficar aqui amarrados, que é pra não ficar se estapeando e pra não se machucarem. Se não chegar ninguém para bater ou para soltar, já que o bem não se faz de graça, mas gastando tempo, suor e mais este metro e meio de corda, que eu providenciei, vou cobrar. Agora é escuro, não dá pra enxergar direito. Me aguardem, que amanhã volto com o troco.”

Cena 7

(Os anteriores, mais Gioan Bernardo)

G. BERNARDO: Se divertiram? O que andaram fazendo?

SANGUINO: Castigamos dois malfeitores.

G. BERNARDO: Quem faz justiça, Deus ajuda.

SANGUINO: Bem como aquele papa (acho que era Adriano)³⁴³, que baixava o preço dos benefícios pra não vender fiado. Imagine, o dia inteiro pesando pecados na balança. Assim faremos nós, pra calcular a fiança deles.

G. BERNARDO: E agora? Deixaram presos?

MARCA: Deixamos bem amarrados, pra ver se aprendem a se comportar e não se atracar.

³⁴³ Adriano VI, papa de 1521 a 1524, que sucedeu a Leão X. Homem austero, era malquisto pela corte romana acostumada às magnificências do predecessor. A anedota é tirada de um célebre libelo do Berni, *Contro Papa Adriano*.

G. BERNARDO: Escondam-se que aí vem seu Bonifácio!

SANGUINO: Opa! Barra, Marca, Corcovizzo, vamos lá atrás! Deixem Gioan Bernardo conversar com ele.

G. BERNARDO: Podem ir. Vou ficar bem aqui no meio...

Cena 9

(Bonifácio, Querubina, Gioan Bernardo)

BONIFÁCIO: Foi tudo armação daquela vaca da Lúcia e daquela puta vaca da sua patroa! Se metendo na minha vida. Nunca mais vou fazer negócio com mulher nenhuma. É a Maria Virgem do meu... nada, acabo falando blasfêmia.

QUERUBINA: Não me venha com desculpas, seu velho tarado, que eu **te** conheço. Acha que não sei dessas **suas** mulheres? Quem é este que vem agora?

BONIFÁCIO: Ué, que diabo de enrolação é essa? Deve ser outra trapaça daquela maldita.

G. BERNARDO: Ou eu sou eu, ou aquele lá é que sou eu!

BONIFÁCIO: Hiii! Não falei? Este é um demônio pior que os outros!

G. BERNARDO: Senhor! Ei, você, homem de bem, por favor!

BONIFÁCIO: Só me faltava essa agora.

G. BERNARDO: Você mesmo, de barba negra. Quem de **nóes** dois sou eu? Então?

BONIFÁCIO: Ora, o senhor é o senhor, e eu sou eu.

G. BERNARDO: De jeito nenhum: eu sou eu e você não. Falsário! Não foi você que falsificou minha pessoa e fica andando por aí fazendo malandragens debaixo da minha

barba e da minha capa? Quero saber por que você está aqui e o que fez com madame Vitória.

QUERUBINA: Eu...heim, mestre Gioan Bernardo, eu sou Querubina, a mulher dele. Estou vestida assim para dar uma lição neste cretino, de pleno acordo com a madame [Vitória].

G. BERNARDO: Então a senhora é dona Querubina. E como é que este cara se tornou Gioan Bernardo?

QUERUBINA: Não sei. Ele que o diga, já que sabe e tem idade pra falar.

BONIFÁCIO: Me disfarcei só pra botar minha mulher à prova.

QUERUBINA: O quê? Mentiroso, traidor! Tem coragem!

G. BERNARDO: Grandicíssimo pilantra, ofendendo e traindo sua mulher, uma santa! Como ousa?

BONIFÁCIO: Por Deus, mestre Gioan Bernardo, não vamos brigar por isso, não. Deixe que eu acerto com ela, tá?

G. BERNARDO: Ah, não. Seu patife! Pensa que me escapa? Quero saber o porquê desse disfarce! Quero ver se abusou do meu nome! Vestido desse jeito, você pode ter feito mil desordens que vão ser atribuídas a mim, se eu não me cuidar.

BONIFÁCIO: Senhor, fique tranquilo, eu não fiz nada de errado, só ~~trai~~traí a minha mulher. E ninguém viu, afora madame Vitória e seus criados.

QUERUBINA: Pelo amor que você me tem, mestre Gioan Bernardo, não deixe que a coisa se espalhe.

G. BERNARDO: Minha senhora, lamento, mas não posso deixar por isso mesmo. Como posso perdoá-lo se não sei o que ele fez?

BONIFÁCIO: Vamos, vamos, Querubina.

G. BERNARDO: **Espera** aí, bandido, **você** não me escapa.

BONIFÁCIO: E você não me prenda. Quer sair no braço?³⁴⁴

QUERUBINA: Parem, eu peço, mestre Gioan Bernardo. Pela minha honra!

G. BERNARDO: **Senhora**, juro que sua honra será ilesa. **Você** não fez mal nenhum! Mas o cara deve pagar pela velhacada que fez, a mim e a **você**.

BONIFÁCIO: **Você** não me pega!

G. BERNARDO: E você não me escapa!

Cena 10

(Os mesmos, mais Sanguino, Barra, Marca e Corcovizzo)

SANGUINO: Alto lá! Que barulheira é essa?

BONIFÁCIO: Pronto! Senhor Capitão, finalmente chegou! Senhores, vejam aqui: encontrei este homem vestido como se fosse eu e passeando com minha mulher! **Agora quer me bater! Quero dar queixa!**

G. BERNARDO: **Mentira! Sem noção. Fácil de provar que você é o falsário.**

SANGUINO: Que coisa esquisita! Dois gêmeos disputando a mulher.

BARRA: Sendo gêmeos, **deve ser juntos que enfiam nela**³⁴⁵.

SANGUINO: Essa solene putaria acabou. Está todo mundo preso. Todos. Pra delegacia.

G. BERNARDO: Senhor capitão, quem deve ir preso é ele, não eu!

SANGUINO: Vai, vai. Ele primeiro e você atrás.

³⁴⁴ **Do it.** *vogliamo venire ai denti ed alle mani* (quer se atracar com dentes e mãos).

³⁴⁵ **Alusão obscena** a *Gênesis* 2, 24 : *erunt duo in carne una* (e eles se tornam uma só carne).

G. BERNARDO: **Senhor** capitão Palma: eu sou um homem de bem. **Você** me conhece: sou mestre Gioan Bernardo, o pintor.

CORCOVIZZO: Ô, capitão: não tem diferença nenhuma entre um e outro.

QUERUBINA: Não, não, capitão Palma. Este aqui é o meu marido, disfarçado. Este outro é o verdadeiro mestre Gioan Bernardo. Essa é a verdade.

G. BERNARDO: Para confirmar, veja se a barba é mesmo dele.

BONIFÁCIO: Confesso! A barba é postiça. Coloquei por causa de um plano, coisa de marido e mulher, nada mais.

CORCOVIZZO: Aqui na minha mão a barba do homem de bem.

SANGUINO: Diga lá, homem de bem, é sua ou não essa barba?

BARRA: É dele, sim senhor, porque a comprou.

SANGUINO: Bem, já resolvemos o caso. O falso é este. Levem-no pra delegacia com a mulher. Quanto ao verdadeiro mestre Gioan Bernardo, em nome da Suprema Corte, ordeno que compareça amanhã às nove³⁴⁶ no juizado para prestar depoimento, sob pena de pagar multa de 150 pilas, caso não compareça.

G. BERNARDO: Não faltarei, senhor capitão Palma. Ninguém mais do que eu está interessado em esclarecer o assunto. Eu fui insultado! Vou pedir justiça pelas porcarias que este sujeito cometeu, sob a minha aparência.

SANGUINO: Justiça será feita!

QUERUBINA: Ai, ai, pobre de mim, devo passar vergonha e acabar presa só porque vim atrás das pilantragens do meu marido?

³⁴⁶ ~~Do-it.~~ “às quatorze horas”. Como a ação da comédia é situada em meados de abril, são nove da manhã, pois na época as horas se contavam de um pôr do sol ao outro.

G. BERNARDO: Senhor capitão, posso responder pela senhora. Ela é inocente; apesar de ser mulher dele, não participou do delito!

SANGUINO: Melhor pra você não se meter. Ela não disse que foi atrás do marido?

G. BERNARDO: Sim, senhor.

SANGUINO: Então, que continue indo atrás. Pra delegacia!

QUERUBINA: Mas eu não sabia de nada! Fui atrás e peguei ele no flagrante; foi agora mesmo, na casa de madame Vitória; ia dar uma lição nele. Todo mundo sabe disso, eu não tenho culpa! Vamos falar com madame Vitória, aqui, na casa dela.

G. BERNARDO: Capitão, eu lhe asseguro que a senhora não fez malandragem alguma. Qualquer coisa, eu respondo por ela. Quero que o cara vá pra cadeia, isto sim, sozinho. Da dona Querubina não tenho queixa; peço-lhe que a deixe em paz.

SANGUINO: Está bem, já que não há ofendido nem ofensa. Deixo ela aos seus cuidados, desde que a senhora... como é o seu nome mesmo?

QUERUBINA: Querubina, para servi-lo.

SANGUINO: Dona Querubina aqui fica intimada, em nome da Suprema Corte, a comparecer amanhã às nove na ~~d~~Delegacia para prestar depoimento sobre o fato, sob pena de pagar multa de sessenta moedas, caso não compareça.

QUERUBINA: Ao seu dispor. Estarei lá como o senhor manda.

BONIFÁCIO: Mestre Gioan Bernardo, você deve acreditar que não lhe ofendi tanto quanto pensa!

G. BERNARDO: Isso é o que veremos amanhã.

SANGUINO: Agora chega. Anda! Vai ficar preso junto com aquele professor de escola. Cuidado para que não fujam; pois amanhã vão os dois pra frente do juízjuiz.

BONIFÁCIO: Isso, humilhem-me, amarrem-me! Para fazer feliz a minha mulher com aquele Gioan Bernardo.

SANGUINO: Podem amarrar. Não o deixem escapar. Boa_-noite.

G. ~~IAN~~BERNARDO: Boa_-noite, senhor capitão! Boa_-noite a todos.

Cena 11

(Querubina e Gioan Bernardo)

G. BERNARDO: Veja, minha Querubina, que injúria fez aquele imbecil do seu marido à sua divina beleza. Não lhe parece justo que seja pago com a mesma moeda?

QUERUBINA: Se ele faz coisas inconvenientes, não devo por isso proceder com o mesmo critério.

G. BERNARDO: Vocêe fará o conveniente, ao fazer o que faria qualquer pessoa de juízo e bons sentimentos nesta terra. Agora saiba, meu bem: os que o prenderam não são guardas, mas amigos meus que vão tratar dele da forma que a gente quiser. Seu marido vai ficar lá dentro, por enquanto, um bom tempo, aguardando que o levem pra delegacia. Daqui a pouco vem o mestre Scaramurê; ele vai fingir que pode arranjar tudo desde que seu marido peça perdão a nós dois, que fomos ofendidos, e dê um troco de cortesia aos meus amigos, **que não é porque** eles façam questão de dinheiro, mas é para deixar a cena mais verossímil. Você não perde nada por esperar aqui comigo.

QUERUBINA: Agora entendo. Se foi o senhor que tramou essa tela toda, **és** muito astuto.

G. BERNARDO: Eu sou, minha senhora e minha vida, aquele que por sua causa **me** atiraria num precipício. Agora então, que por minha sorte e destino estou perto de você como jamais estive, peço pelo amor que sempre senti e sinto, que você escute o meu coração inflamado pelos seus divinos olhos. Deus queira que você não renegue minha

boa estrela! Eu sou aquele que a ama, eu sou aquele que a adora. Tivessem os céus concedido a mim aquilo que concederam àquele ingrato, que não sabe apreciar sua beleza admirável, jamais neste meu coração teria lugar para uma centelha de outro amor. E mesmo assim, não há.

QUERUBINA: Ai de mim, o que diz? Onde quer me levar?

G. BERNARDO: Minha musa, se um dia já provou amor, que sempre alberga em peitos nobres e generosos, não leve a mal o que vou dizer. E não julgue jamais minhas súplicas como um desrespeito à sua honra, porque por ela eu verteria todo o meu sangue! Quero de você tudo o que quero, sim, mas para aplacar o intenso desejo que me consome e que nem a própria morte poderia extinguir.

QUERUBINA: Ai de mim, mestre, meu coração é mole. Creio em tudo que o senhor diz, mesmo que sejam, eu sei, só lisonjas de amante. O senhor merece o seu consolo; mas não vejo como possa vir de mim, sem prejuízo da minha honra.

G. BERNARDO: Vida da minha vida! Bem **sabes** o que é honra: não é nada mais que uma boa opinião que outros têm de nós, uma reputação. Enquanto a reputação durar, a honra persevera tal qual. Honra é fama. Enquanto houver fama, haverá honra. Não é aquilo que somos e fazemos que nos faz honrados ou desonrados, mas apenas como os outros nos julgam e o que dizem de nós.

QUERUBINA: Talvez isto valha para a sociedade dos homens; mas o que diremos perante os anjos, os santos, que veem todas as ações e tudo julgam?

G. BERNARDO: Querubina, anjos e santos não querem ser vistos mais **daquilo** que se deixam ver; não querem ser mais temidos do que já tememos; não querem ser conhecidos mais do que se fazem conhecer.

QUERUBINA: Eu não compreendo o que você quer dizer, não sei se concordo ou discordo, mas me parece blasfêmia.

G. BERNARDO: Deixemos de disputas, esperança da minha alma. Eu **te** peço, suplico: faça com que a natureza não a tenha feito assim, tão bela, para nada. Será que o céu, que foi tão generoso em lhe dar graça e formosura, foi tão sórdido de entregá-la a um homem que não lhe dá valor? Será que é cruel comigo o céu, que me faz extasiar e mil vezes ao dia morrer de desejo por sua beleza? Ora, meu bem, preste atenção que em nada esse amor pode atingir a sua honra; mas pode fazer muito pior: pode causar a minha morte. E juro que, caso não me mate a dor, eu espontaneamente me matarei se, após tê-la tido assim perto de ser minha como agora, a sorte me espoliasse deste amor que me vale mais que a vida. Minh'alma, você pode ter a bondade de me dar a vida, sem minimamente atingir sua honra; ou pode provocar a minha morte, se quiser ser cruel.

QUERUBINA: Eu? Por piedade, não fale assim comigo. Vamos para um outro lugar... aqui está muito...

G. BERNARDO: Venha comigo, meu anjo. Vem gente.

Cena 12

(Consalvo, Bartolomeu atados pelas mãos)

CONSALVO: Vamos, anda, bode chifrudo. Quero alcançar aqueles dois pra soltar!

BARTOLOMEU: Que um câncer te devore, filho de uma puta. Se eu sou chifrudo você é o rei de todos os cornos! Você me fez cair.

CONSALVO: Minha perna, porra. Ai, ai.

BARTOLOMEU: Antes você quebrasse o pescoço. Pronto, caímos os dois. Anda, levanta!

CONSALVO: Levanta você! Vamos.:-

BARTOLOMEU: Agora não. Agora vou ficar sentado a noite toda. Pronto. **Veado.**

CONSALVO: Levanta, estou falando. Eu não consigo puxar sozinho.

BARTOLOMEU: Relaxa então, já que está deitado. Só Deus sabe quanto sofro e a culpa é toda sua.

CONSALVO: E vai sofrer mais ainda.

BARTOLOMEU: E você vai se **fou**der. Toma isso.

CONSALVO: Ai, me mordendo agora? Quer brincar de cachorro? Por São Judas³⁴⁷, vou arrancar teu nariz da cara; quer ver? Vou comer a sua orelha!

Cena 13

(Scaramur , Consalvo, Bartolomeu)

SCARAMUR : Mas o que é isso, senhores? Nessa posi o... O que estão fazendo?

CONSALVO: Vamos levantar, seu porco. Que vexame!

BARTOLOMEU: Ah, agora se envergonha,  ? T  com um mastro no rabo, e reclama por uma farpinha?³⁴⁸

CONSALVO: Ai, se tivesse as mãos livres... **te** faria gritar socorro de um modo que nunca gritou antes. Não vai levantar,  ?

BARTOLOMEU: J  falei que vou ficar a noite toda.

SCARAMUR : Ah, ah, ah. Esses dois ficaram amarrados com as mãos pra tr s: um quer se erguer e o outro não quer. Vejamos: aquele ali parece bem com o senhor Bartolomeu, pela voz, mas assim, de camisola! Ol , bebuns! Qual é a boa?

³⁴⁷ San Cuccufato, santo espanhol cujo nome   engraado, dito em napolitano.

³⁴⁸ **Do it. I travi non ti danno fastidio, ma si ben il pelo** (A viga não te incomoda, mas o pelo, sim). Elabora o ditado evangélico (*Mateus* 7, 3) segundo o- qual é mais fácil ver uma palha no olho alheio do que uma viga no próprio.

CONSALVO: Olá. Ah, é você, mestre Scaramurê? Por favor, aproxime-se. Será que poderia...

BARTOLOMEU: Por favor. **Deixe** assim.

SCARAMURÉ: Senhor Bartolomeu! Senhor Consalvo! Jamais imaginei encontrar os senhores nesta situação: que extravagância! Dois homens respeitáveis, se injuriando desse jeito? O que foi? Endoidaram de vez?

BARTOLOMEU: Teria sido pior se tivéssemos sido enforcados. Não desamarre!

SCARAMURÉ: **Deixa** comigo. Como é que chegaram a este ponto?

CONSALVO: Eu fui ter uma conversa com esse cara; foi um pega pra capar. Com o barulho, vieram uns malandros disfarçados de guardas; amarraram a gente e disseram que iam nos levar pra delegacia; quando passamos por Maiella³⁴⁹, nos amarraram com as mãos para trás da forma que o senhor está vendo, bunda com bunda, e sumiram com as nossas bolsas; depois, um deles apareceu de novo para pegar as capas e os chapéus; e cortou as roupas com uma navalha. Viemos andando até aqui, mas aí, eu vi um casal conversando e queria alcançá-los; apressei um pouco e veja o que fez este grandessíssimo...

BARTOLOMEU: Você é que é uma grandessíssima besta!

SCARAMURÉ: Não devem injuriar-se assim.

CONSALVO: Caiu feito um asno carregado e me fez cair; e agora é tão pilantra que não quer levantar.

SCARAMURÉ: Pronto, levantem. Estão soltos. Chega de briga, pois brigar demais faz enlouquecer as pessoas. Vamos, não quero mais saber; já está escuro. Olhem bem pra não se pegar de novo, porque o primeiro que mexer a mão, terá dois contra. Senhor Consalvo, por aqui por favor; senhor Bartolomeu, por lá. Podem ir.

³⁴⁹ O convento de São Pedro em Maiella, hoje Conservatório de Música de Nápoles.

CONSALVO: Obrigado, mestre Scaramuré. Boa_-noite.

BARTOLOMEU: Que boa_-noite que nada! Amanhã a gente acerta as contas, amigo.

CONSALVO: Até nunca mais!

SCARAMURÉ: Sumam daqui já! Passar bem.

BARTOLOMEU: Tá, tá. Sou desgraçado mesmo, eu, Bartolomeu. Só enforcado que com certeza vou estar livre de qualquer outra desgraça.

Cena 14

(Scaramuré, sozinho)

SCARAMURÉ: Esse tal de Sanguino é um artista mesmo, mais esperto que dinheiro falso. O capitão Palma em pessoa não saberia interpretar a si mesmo melhor do que ele. Vejam como enrolou estas duas bestas! E como vem negociando com mestre Gioan Bernardo! Quero ficar amigo dele, diabo de um cristão, não só que não se queixe de mim, mas que me deva favores. Eis a porta da academia dos malandros. Toc, toc, toc.

Cena 15

(Corcovizzo, Sanguino, Scaramuré, Bonifácio)

CORCOVIZZO: Quem é?

SCARAMURÉ: Sou Scaramuré, a seu serviço.

CORCOVIZZO: Que Scaramuré? Nome de cigano. Quem é você? Com quem quer falar?

SCARAMURÉ: Quero dar uma palavrinha com o senhor capitão Palma.

CORCOVIZZO: Está ocupado. Vou ver se pode atender.

SCARAMURÉ (*à parte*): Ah, ah, que grandes atores! A malandragem é uma arte, com suas técnicas e truques, como qualquer outra.

SANGUINO: Quem está aí?

SCARAMURÉ: Um amigo.

SANGUINO: Amigo, parente ou cidadão que seja, apareça amanhã na delegacia.

SCARAMURÉ: Por favor, preciso falar com o senhor ainda esta noite.

SANGUINO: Mas quem é?

SCARAMURÉ: Scaramuré.

SANGUINO: Conheço não. Quer falar com quem?

SCARAMURÉ: Com você mesmo. Por favor, insisto. É um negócio importante.

SANGUINO: Pode esperar. Daqui a uma hora vou levar os presos pra delegacia. Podemos conversar no caminho.

SCARAMURÉ: Eu suplico, se for possível, desça agora; é um minuto só. Coisas que interessam ao senhor.

SANGUINO: Você cansa, hein? Espere aí que já vou.

SCARAMURÉ (*à parte*): Pode até ter professores doutores em Nápoles, mas este aí é doutoríssimo e mestre de todos³⁵⁰. Olha, seu Bonifácio na janela!

BONIFÁCIO: Psiu, mestre Scaramuré! Está me vendo? Veja o estado... Você sabe o que eu sei, né.

SCARAMURÉ: Sei, sei. Calma que eu vim pra ver como posso...

³⁵⁰ *Do it. gli altri son professi o baccalaurei, costui è dottore e maestro* (os outros são aprendizes ou bacharéis, este aqui é doutor e mestre).

SANGUINO: Sai da janela, seu porco! Quem lhe deu permissão de chegar aí e falar com as pessoas na rua, hein?

BONIFÁCIO: Perdão, senhor capitão, Sua Senhoria me desculpe. Já estou saindo.

SCARAMURÉ: Ah, ah, ah, que trinca de demônios. Agorinha mesmo topei com aqueles outros dois amarrados, Bartolomeu e Consalvo, que não conseguiam nem levantar do chão, de tanto brigar e se escorpear e quase se matar a dentadas! Ah, ah, ah.

SANGUINO: Ah, ah, ah. Se você soubesse o que vai acontecer ao seu Bonifácio e àquele outro pedante, vai rir mais ainda.

SCARAMURÉ: Grande comédia esta, pra nós. Já pra eles é uma tragédia.

SANGUINO: Enfim, o pedante, vamos despedi-lo, não sem antes ter-lhe tirado os escudos todos que lhe sobraram. Você, cuide do Bonifácio: diga-lhe que é pra chegar a um acordo conosco.

SCARAMURÉ: Pode deixar. Vou convencê-lo de que deve pedir perdão a Gioan Bernardo, que é para pedir que venha com a mulher também. Depois, todos juntos, vamos lhe pedir a graça de soltá-lo. Acho que vai pagar qualquer preço, pelo terror que tem de seguir pra delegacia.

SANGUINO: Então vamos logo. Vou mandar ele descer amarrado, pra conversar mais à vontade.

SCARAMURÉ: Faça isso, que eu aguardo aqui.

Cena 16

(Sanguino, Barra, Marca, Scaramuré, Bonifácio)

SANGUINO: Olá, guardas. Cuidado para que o prisi^oneiro não fuja. Coppino, não o perca de vista!

BARRA: Deixa comigo, chefe.

SANGUINO: E tu, Bigodão³⁵¹, fique de olho na outra saída.

MARCA: Sem falta.

SANGUINO: Deixem que converse do assunto dele com este senhor.. como é seu nome, mesmo?

SCARAMURÉ: Scaramuré, senhor.

SANGUINO: Senhor Scaramuré, pode ficar naquele canto conversando com o cliente.

SCARAMURÉ: Agradeço mil vezes, Vossa Senhoria.

SANGUINO: Basta um agradecimento, uma única vez.

SCARAMURÉ: O que disse?

SANGUINO: Não se faça de surdo, vai, vai.

Cena 17

(Scaramuré, Bonifácio)

SCARAMURÉ: Senhor Bonifácio! Venha.

BONIFÁCIO: Ui, ui, ui. Quantas confusões! Veja o fruto que estou colhendo do meu amor e dos seus conselhos, seu Scaramuré!

³⁵¹ Do it. *Panzuolotto*, falso nome de Marca; assim como Coppino é falso nome de Barra, escolhido na última cena do ato III.

SCARAMURÉ: Ai de mim. Estou tão desesperado que já blasfemei todos os santos do paraíso.

BONIFÁCIO: São Cristóvão também?³⁵²

SCARAMURÉ: Tirando o grandão, todos os maiores e mais respeitáveis. Quando soube do senhor, mandei uma ladainha que era assim: na hora de dizer *ora pro nobis*, eu soltava uma blasfêmia para cada santo, exceção feita a São Leonardo, porque vamos precisar da graça dele agora mesmo. Se eu tiver que pagar sete anos de purgatório por causa de cada pecado, dá mais de dez mil anos somente para descontar as últimas duas horas, até que chegue minha vez no dia do Juízo.

BONIFÁCIO: Não faça mais isso.

SCARAMURÉ: O que quer que eu faça? Olhe o prejuízo e a desonra que lhe causei, fora o risco de arruinar os dois.

BONIFÁCIO: Como soube que estava preso?

SCARAMURÉ: Ora, sou um mago pra quê?³⁵³

BONIFÁCIO: Sei. Queira Deus que a sua magia possa me livrar dos guardas!

SCARAMURÉ: Deixe comigo. Vim pra resolver a situação. Mas antes precisa me contar o que aconteceu. Nem imagina quantas artimanhas tive que armar para poder conversar com o senhor assim, em particular. Normalmente não deixam, nem com amigos!

BONIFÁCIO: Pois é. Fiquei maravilhado.

SCARAMURÉ: É, fui lá com muita humildade, rezas, súplicas e dez pratas. Agora me conte: o que houve?

³⁵² São Cristóvão era representado sempre em formato gigante. Os napolitanos adoram um enorme dente molar, relíquia do santo, exposto em uma capela em frente à igreja de Santa Maria La Nova.

³⁵³ **Do it.** *come sapea le cose Apollonio, Merlino e Malaggigi?* Scaramuré associa Apollonio Tiano, filósofo neopitagórico vivido no I d.C. com dois magos lendários, que aparecem em romances de cavalaria e no *Orlando Furioso*, de Ludovico Ariosto.

BONIFÁCIO: Contar o quê? Seus remédios e receitas, deu tudo errado! A paixão por aquela vaca da Vitória, mais a maldade daquela rufiã da Lúcia, me fizeram cair num conto do vigário que nem o patriarca dos demônios teria armado tão bem assim. Mas eu vou, eu vou mandar arrombar ela³⁵⁴. Nem que me custe o olho da cara!

SCARAMURÉ: Veja bem que não foi culpa de madame Vitória nem de Lúcia, e quiçá nem minha... Pois tenho certeza que me xinga pior que às duas, né? E se fosse culpa sua?

BONIFÁCIO: Ah, não. Vai me convencer disso?

SCARAMURÉ: Os cabelos que mandei pôr na testa da imagem de cera, eram mesmo da madame Vitória? Tem certeza?

BONIFÁCIO: Não... Certeza, certeza só a de que ela vai pro inferno, aquela puta! Eram da minha mulher; dane-se ela por mil anos e o metido que nos apresentou e o padre sem vergonha que nos casou. Os cabelos eram da minha mulher: peguei no pente, sábado à noite.

SCARAMURÉ: Ah! Mas então é isso! Eis a verdade.

BONIFÁCIO: O quê? De onde?

SCARAMURÉ: Ora, a verdade que você sabe e sabe contar. Eu lá pedi cabelos da sua mulher?

BONIFÁCIO: Não, senhor. Me pediu cabelos de mulher.

SCARAMURÉ: Não, não, não, casseteta, pedi cabelos da mulher e não cabelos de qualquer mulher. O senhor queria fazer o quê: boneca pra criançada?

BONIFÁCIO: Ora, sei lá, mas qual é a diferença?

³⁵⁴ Do it. *fargli marcare il volto* (desfigurá-la). No Reino de Nápoles, rufiãs e prostitutas eram marcadas no rosto, para serem facilmente identificadas.

SCARAMURÉ: Toda diferença! Até criança enxerga a diferença, se fizer uso do raciocínio, seu Bonifácio. Não fizemos nós a imagem no nome de madame Vitória? Agora entendo tudo...

BONIFÁCIO: Eu não. Você tem certas capacidades, isso não quer dizer que eu tenha as mesmas. Pode ser que, entendendo bem do assunto, pensou que eu também tivesse entendido, mas desta vez não entendi.

SCARAMURÉ: Este maldito engano embaralhou todo o encantamento! Seu Bonifácio, escute: a cera era da boa, foi escolhida e encantada em nome de Vitória. O boneco foi modelado em nome de Vitória, as palavras, tudo. Tanto que Vitória se apaixonou! Só que os cabelos eram da sua mulher, Querubina! Por isso que deu aquela confusão toda: a sua mulher com as roupas de Vitória, no quarto de Vitória, na cama de Vitória! Enquanto Vitória, ardendo de amor por você, estava sem roupa em outro lugar. Imagine a surpresa da mulherada! Lúcia se lembra de ter dado à sua mulher umas roupas de Vitória, mas não sabe como nem quem a mandou fazer isso. Imagine a decepção da pobre da Vitória quando viu o senhor, na cama dela, disfarçado de Gioan Bernardo, namorando sua própria esposa disfarçada de Vitória! Naquela hora as portas da casa devem ter ficado abertas, para deixar passar você e sua mulher com Lúcia, toda atrapalhada e ocupada com outras criadas, sem poder sair do quarto até que findasse o tempo do encantamento. Nem a sua mulher deve ter entendido nada; o que a fez vestir aquela roupa e entrar naquela casa.

BONIFÁCIO: Poxa, que novela enrolada...

SCARAMURÉ: Foi aquele erro seu que enrolou tudo. Quando estiver fora daqui, explico melhor.

BONIFÁCIO: Estou pasmo. Só uma dúvida: por que a minha mulher, que veio pra cama comigo no lugar de madame Vitória, pois realizou-se nela o encantamento em vez de na outra, bateu em mim tanto **que nem** se eu fosse cachorro?

SCARAMURÉ: Mas, preste atenção: somente por causa dos cabelos no boneco, que eram dela, foi atraída para o encontro! Atraída, mas não apaixonada, porque a cera não havia sido escolhida, modelada, vestida e esquentada no nome dela, mas no nome de Vitória!

BONIFÁCIO: Ah, sim, é verdade. Agora entendi.

SCARAMURÉ: Bem, chega de conversa. Vamos dar um jeito, alguma coisa aos guardas para que façam de conta que você fugiu ou, sei lá, decidam o que fazer. As outras coisas, podemos arranjá-las facilmente.

BONIFÁCIO: Só tenho oito contos aqui. Em casa tenho mais, caso insistam muito.

SCARAMURÉ: Não vão soltar até ter toda a grana na mão.

BONIFÁCIO: Vou dar a capa, os anéis! O que acha? Afinal, por uma moeda esses daí não vendem a mãe e a mãe da mãe?³⁵⁵

SCARAMURÉ: Você não conhece o capitão Palma.

Cena 18

(Sanguino, Scaramuré, Bonifácio, guardas)

SANGUINO: Aí, acabou a conversa? Vou ter que esperar a noite toda?

SCARAMURÉ: Vossa Senhoria, senhor capitão, desculpe o incômodo, esperou muito. Já que foi tão gentil conosco, uma palavra.

SANGUINO: Agora não. Não vou ouvir mais nada. Hora de seguir pra delegacia. Guardas, vamos, vamos!

BONIFÁCIO: Ai, Meu Deus do céu, socorro! São Leonardo, é agora!

³⁵⁵ *Do it. rinegarebono Cristo e la Madre e la Madre della Madre* (renegam Cristo, sua Mãe e a Mãe da Mãe).

SCARAMURÉ: Capitão, me faça esta graça.

BONIFÁCIO: Suplico, de mãos postas!

SANGUINO: Só eu pra aguentar vocês dois! O que há?

SCARAMURÉ: Quero que o senhor entenda isso, capitão: Vossa Senhoria não ganhará nada desta confusão, mas fará deste infeliz aqui um escravo perpétuo, e de mim também, se lhe fizer a graça da liberdade, em troca de uma pequena oferta.

SANGUINO: Eu já imaginava que o senhor viria com este jeitinho, pra subornar a justiça. Muito bem, excelente! Homem de pouca consciência, me maravilho! Você tem coragem de vir aqui pedir que eu solte um criminoso desta importância? Eu até comentei com os meus guardas lá dentro, mas deixei você falar pra ver até que ponto chegaria sua ousadia e **te** pegar no flagrante; que sirva de lição aos outros. Vocês dois seguem juntos pra delegacia, de mãos dadas. Guardas!

BARRA: Pode mandar, capitão!

SANGUINO: Prendam esse aqui também. Mais um homem de bem pra cadeia.

SCARAMURÉ: Senhor Capitão, primeiro me escute!

BONIFÁCIO: Pelo amor de Deus, pelos coros dos anjos, pela Santa Virgem Imaculada, por toda a hierarquia celestial, eu lhe peço: misericórdia!

SANGUINO: De pé, que eu não quero ser adorado: não sou o rei da Espanha! Nem o sultão dos turcos!

BONIFÁCIO: Misericórdia! Tenha pena de mim e me perdoe! Somos todos pecadores diante de Deus, lembra? E saiba que Ele perdoa tanto quanto o senhor...

SANGUINO: **Tem cara**, safado! Quer me fazer um sermão? Saiba você que os erros devem ser castigados.

BONIFÁCIO: Se todos os erros fossem castigados, pra que serviria a misericórdia?

SANGUINO: Ah, vá pro inferno. Sei lá dessas futilidades.

SCARAMURÉ: Deixe que eu falo, seu Bonifácio. Capitão Palma: Deus jamais permitiria que eu tentasse prejudicar a justiça e desonrar o senhor, pois toda Nápoles sabe que Vossa Senhoria é incorruptível.

SANGUINO: Deixe de bajulação. Não sou eu que faço milagres e ofereço misericórdia, justiça ou injustiça. Há instâncias superiores. Eu cuido de levar malfeitores pra delegacia, e pronto. O resto não é comigo.

BONIFÁCIO: Ai, pobre de mim.

SCARAMURÉ: Senhor capitão, me deixe falar. Tenho certeza de que vai acabar concordando.

SANGUINO: Nada de papo furado, que eu não vou ficar puto à toa. Veja se acha umas boas razões pra dormir em casa esta noite.

BONIFÁCIO: Cristo santo, é agora!

SCARAMURÉ: O senhor certamente sabe que a Itália não é bem como certos países frios onde, seja pelo frio mesmo, seja pela devoção do povo, seja pela avareza dos políticos, são castigados homens que frequentam cortesãs. Aqui em Nápoles, como também em Veneza e Roma, e veja que estou falando de cidades que são fonte e espelho da nobreza no mundo inteiro, é costume tolerar as putas, ops, quero dizer, as cortesãs³⁵⁶.

SANGUINO: O cara elogia as três cidades onde há mais bordéis cheios de putas. Essa é boa.

³⁵⁶ Na Itália, no século XVI, o meretrício era muito comum. Em Veneza, no fim do século XVI, viviam cerca de 20 mil prostitutas. Roma, devido à presença da diplomacia internacional e vaticana, era a meca das putas, não somente locais como oriundas do reino de Nápoles, onde o vice-rei, dom Giovanni di Zunica, desde 1579 obstava o exercício da profissão. Algumas prostitutas alcançavam grande fama por sua beleza, inteligência e *savoir faire*, sendo requisitadas em eventos, jantares e cerimônias, e apresentadas como “cortesãs”.

SCARAMURÉ: Peço que escute. Não somente ser cortesã é permitido, como é profissão legitimada por decreto e exercida em bordéis públicos, respeitados como mosteiros de freiras.

SANGUINO: Ah, ah, ah. Essa é melhor ainda. Quer dizer que entre as quatrocentas ordens maiores e quatro menores³⁵⁷ deve haver também a ordem das putas! Com a puta madre superiora e o resto!

SCARAMURÉ: Preste atenção, seu capitão, por gentileza. Aqui em Nápoles, nós podemos achá-las na Piazzetta, no Fundaco do Cetrangolo, no Borgo Santo Antônio e ainda no bairro de Santa Maria do Carmino³⁵⁸. Em Roma, como havia muitas pela cidade toda, Sua Santidade o Papa determinou, em 1569, que fossem reunidas num bairro só, a chicotadas; e que de noite se trancasse o portão por fora³⁵⁹. Fez isso não tanto pra meter mão nos impostos³⁶⁰ que elas pagam regularmente quanto pra discriminá-las das mulheres de bem, claro, e não deixar que as contagiassem. De Veneza, nem preciso falar. A magnanimidade daquela ilustríssima república – na cara de uns poucos senhores de porra nenhuma que por um centavo se deixariam capar, literalmente – isentou as putas de qualquer agravo fiscal e criou um estatuto especial de proteção perante a lei; e isso apesar de elas serem muitas, muitíssimas, como convém a uma cidade daquele tamanho e fama, ao ponto que, se pagassem o imposto, em poucos anos Veneza acumularia um

³⁵⁷ Não há quatrocentas ordens maiores: Sanguino confunde ordens com sacramentos e exagera no número. Já as ordens menores (franciscanos) são mesmo quatro, ou seja: conventuais, observantes, reformados e capuchinhos.

³⁵⁸ Bairros de Nápoles frequentados por prostitutas. A *piazzetta* (“pracinha”, ~~ou~~ “praça francesa” ou “praça de perdição”) ~~e~~ ~~bem como~~ o Fundaco, ficavam perto do porto, enquanto o Borgo Santo Antonio ficava no lado oriental da cidade, antigamente conhecido como Borgo Incarnati (bairro dos encarnados), onde ocorriam crimes atrozes. O bairro em volta da igreja do Carmino é o Mercato, em cujas ruelas (a famosa Via Catalana, onde Bocaccio encena um de seus contos) a prostituição florescia desde o século XIII.

³⁵⁹ Em 1566 (e não 1569) o papa Pio V, após tentar em vão expulsar as cortesãs de Roma, idealizou o gueto, encontrando óbvia hostilidade na população do bairro que deveria hospedá-lo (Trastevere, entre Via Giulia e Via del Popolo). Entre prostitutas, parentes e secretários, tratava-se de deportar cerca de vinte mil pessoas; na conta foram incluídos os judeus. Por outro lado, o povo romano se manifestou contra a expulsão das meretrizes de Roma, justificando a sua necessidade para preservar a honra das demais mulheres.

³⁶⁰ Em quase todas as cidades italianas, as prostitutas tinham estatuto profissional e pagavam uma taxa municipal, por mês ou por semana; quem detinha a concessão da taxa assalariava policiais e juízes de um júri especial que julgaria suas controvérsias trabalhistas. A alusão ao escasso interesse do papa pelo imposto é irônica.

tesouro, maior que qualquer outro. Isso se o Senado se dobrasse a fazer em Veneza como em outras cidades, por dinheiro: mas se abstém de cobrá-las, já que está escrito que você pagará *in sudore vultui tui* e não *in sudore* boceta tua³⁶¹. Tanto são respeitadas lá as ditas putas que até uma ordem recente manda castigar severamente toda pessoa, nobre ou plebeia, de qualquer grau e condição, que ouse ofendê-las com injúrias e grosserias; pois isso não se faz com mulher nenhuma³⁶².

SANGUINO (*à parte*): Já viram um conversa-fiada desses? Resuma, resuma. Está debochando? Este coitado aguarda o resultado de sua conversa ou crônica que seja e eu ainda não entendi onde você quer parar. Vai fechando, te escuto só mais um minuto.

BONIFÁCIO: Ai, que aflição. O que tem a ver esse papo de Nápoles, Roma e Veneza? E daí?

SCARAMURÉ: E daí que estas cidades possuem o verdadeiro valor da nação, tal que a primeira de todas as demais virtudes é sempre bem menor do que essa.

BONIFÁCIO: Ai, ai, que dor de barriga, preciso ir ao banheiro.

SANGUINO: Aguenta, homem. Vamos ver a conclusão.

SCARAMURÉ: A conclusão, senhor capitão, é que nessas cidades, como deveria ser na Itália toda, as putas são consideradas bacanas e legais, já que têm seus estatutos, leis e impostos e são convidadas nas melhores festas³⁶³.

SANGUINO: E que festas!

³⁶¹ Deformação da profecia bíblica (*Genesis* 3, 19) *In sudore vultus tui vesceris*: “Com o suor de teu rosto comerás teu pão.” Nem sempre o senado de Veneza se absteve do imposto sobre a prostituição: mas a cobrava *una tantum*, para financiar obras extraordinárias, como erigir um palácio (por ex., o palácio Langarano a Santa Maria del Rosario) ou pagar um juríconsulto (por ex., Pietro de Angarano da Universidade de Pádua).

³⁶² A benevolência do senado veneziano também se explica pelo tamanho do negócio que o livre exercício de sua profissão movimentava na cidade. A iconografia da época, por exemplo, Ticiano, bem ilustra o luxo das joias e das roupas com que as cortesãs se enfeitavam para ricos senhores que viajavam a Veneza dispostos a gastar.

³⁶³ *Do it. Ed ancora privilegi* (e recebem muitos favores).

SCARAMURÉ: Vem por consequência que não se pode tolher o direito de um homem procurar os serviços de uma cortesã, nem muito menos condená-lo.

SANGUINO: Ah. Agora começo a entender.

BONIFÁCIO: Eu também. Nossa Senhora Aparecida³⁶⁴, estava demorando.

SCARAMURÉ: Tanto é, que a justiça se abstém de perseguir e prender os clientes das putas assim como das mulheres honradas, enquanto nossa civilização julga lamentável pegar os chifres que um homem de bem, de nível e da gema, guarda a sete chaves no coração e plantá-los em sua testa. Por mais notório que seja o fato e o ato, ninguém dá queixa, fora pessoas de baixíssimo nível que não se acanham em dar uma queixa dessas. Como os ofensos são honrados, a justiça os ofenderia procedendo contra o ofensor: pois jamais teria castigo, para quem plantou os chifres, capaz de compensar o vitupério proporcionado ao outro exposto à vergonha pública, aos olhos de todo mundo. Seria maior a injúria padecida por mão da justiça que aquela padecida por mão do réu. Pois mesmo quando notórios, os chifres ficam sempre mais solenes e gloriosos diante do júri. Qualquer pessoa sensata então compreende que a justiça dissimula o crime para evitar inconvenientes; por isso um corno manso, desde que se mantenha tal e não deixe a sua reputação ser afetada, **seja** por temor de ser descoberto ou **seja** porque pra ele tanto faz ser corno ou não – é tão pouca coisa! –, se abstém da vingança à qual seria forçado se a coisa viesse à tona. O costume italiano e de outros países bárbaros onde não se vendem chifres a varejo, manda encobrir, disfarçar e esquecer tais excessos. Por consequência, é até elogiável o uso de bordéis, pois através deles poupam-se os homens de bem dos terríveis incômodos que podem ocorrer-lhes.

SANGUINO: Acabou?

BONIFÁCIO: Ai de mim, que tortura... morro de sede.

³⁶⁴ **Do it.** *Nostra Donna di Loreto*. Em Nápoles, no bairro chamado de Borgo Loreto, entre o Carmine e a Marina, havia uma igreja dedicada à Virgem de Loreto, venerada no célebre santuário da localidade homônima para onde se acreditava que a casa de Maria tivesse sido milagrosamente transportada.

SCARAMURÉ: Vossa Senhoria: afirmo que os excessos do senhor Bonifácio foram decorrentes de mulheres, as quais, sejam honradas ou prostitutas, não devem ser motivo para que ele, um homem respeitável...

BONIFÁCIO: Pois é! Sou da nata de São Paulo!³⁶⁵

SCARAMURÉ:... seja vituperado. Pois daí, se ele for visto na cadeia, isso sim seria um descrédito muito mais grave [de que ser visto no bordel]. Acho que o senhor capitão, que é pessoa discreta, entende perfeitamente o caso.

SANGUINO: Ah, trata-se de mulheres então? Lamento muito ter que resolver um caso desse e peço licença a Deus e aos homens pois jamais tive intenção de desonrar qualquer ser vivo. Quero que você mesmo e o povo todo aqui reunido me sirva de testemunho de que, infelizmente, não posso fazer nada, porque a denúncia foi feita por um tal de senhor Gioan Bernardo, um pintor, o qual acusa o aqui presente Bonifácio de contrafação de pessoa com uma barba postiça e com esta capa que ainda veste. A barba está conosco; se quiser verificar como lhe cai bem, venha amanhã às nove na delegacia, quando procederemos com o exame das barbas e outros corpos do delito.

BONIFÁCIO: Ai, ai, pelo amor de Deus, que delito?

SANGUINO: Ora, o pintor também é homem respeitável e tem direito de dar queixa pelos excessos que este, disfarçado dele em espécie e vestimentas, possa ter maquinado ou cometido. Caso apareçam tais excessos no futuro, precisa precaver-se para que pague.

BONIFÁCIO: Pago! Não duvide!

SANGUINO: Senhor, não sou eu que duvido. Entenda bem, e cada um dos presentes também, que eu não o seguro aqui porque quero, mas porque estou trabalhando. O pintor está injuriado e amanhã de manhã vem prestar depoimento. Não só: a sua mulher também vem dar queixa amanhã. Me comprometi com os dois: vão reclamar demais.

³⁶⁵ San Paolo, em volta da igreja homônima, é um dos bairros mais antigos de Nápoles, permanecendo o nome até hoje na toponomástica oficial para delimitar uma parte do centro histórico.

SCARAMURÉ: A mulher dele não vai nada.

SANGUINO: Ao contrário, ela é que vai reclamar mesmo. Da honra, do marido e da vida. Enfim, não posso ajudar. Uma pena!

SCARAMURÉ: Capitão, seja clemente: você é um anjo.

BONIFÁCIO: Mais! Mais! Um apóstolo! Um santo!

SANGUINO: Vamos, vamos. Ei, você, Bigodão, **desce** o **magíster**, já passou da hora.

SCARAMURÉ: Momentinho, senhor capitão. Tenho uma novidade.

SANGUINO: Novidade? Que novidade?

SCARAMURÉ: Se o senhor me der mais um quarto de hora, eu me empenho a reconciliar ainda hoje o mestre Gioan Bernardo com o senhor Bonifácio aqui presente.

BONIFÁCIO: Ah, se Deus quiser! Que bom seria!

SANGUINO: Não brinque comigo. Não vai conseguir.

SCARAMURÉ: Vou sim. Sou muito amigo do **mestre**; quando ele souber o que **tem** em jogo, vai ser mole³⁶⁶. Agora mesmo, deve estar descansando; vou mandar levantar e correr aqui. Mas você, seu Bonifácio, deve ser humilde, pedir perdão e dar satisfação. De fato, ele foi ofendido.

BONIFÁCIO: Sim, sim, se me perdoar e não me expuser ao vexame dessa vez, serei seu escravo para sempre; seu também, meu capitão querido... uh, uh, uh... deixe eu beijar seus pés.

SANGUINO: Levante, que ainda não sou papa pra me beijar os pés!

³⁶⁶ **Do lat.** *et coetera* (e naturais consequências).

BONIFÁCIO: Suplico, Vossa Senhoria, só mais um quarto de hora! E você, mestre Scaramuré, peço de coração, tripas e alma, trate do meu caso o mais rápido possível e lhe serei grato em perpétuo.

SCARAMURÉ: Vou ver o que posso fazer. Espero trazê-lo sob algum pretexto; mas quando ele estiver aqui, mostre-se humilde e confie, pois, com uma boa palavra do senhor capitão, quisera ele ser tão gentil, e minha lábia, vamos fechar o negócio. E veja se acha um jeito de recompensar tanta generosidade.

SANGUINO: Nada de presentes pra mim, por favor. **Vê** se faz uma cortesia aos meus guardas, para manter-lhes a boca fechada. E veja bem que nada disso valerá, caso o senhor não peça perdão à sua mulher e não faça paz com ela assim como com o pintor. Caso os dois se deem por satisfeitos, vou arquivar o caso. Sua aflição me comove, coitado.

BONIFÁCIO: Senhor capitão, estou ao seu dispor, alma e corpo. Quanto aos guardas, aqui: minha bolsa, meus anéis, esta maldita capa; fiquem com tudo, que eu não quero mais.

SANGUINO: Você está fechando a conta sem o dono da venda. Já disse: de nada valerá se os dois não estiverem satisfeitos.

BONIFÁCIO: Espero que estejam, e muito. Scaramuré, vá buscá-los, suplico.

SCARAMURÉ: Fui. Preciso pensar numa boa desculpa para o pintor. Sua mulher não vai faltar com certeza, por causa da honra.

SANGUINO: Agora vá e não demore, se quiser me achar ainda.

SCARAMURÉ: Capitão, eles estão aqui atrás. Vou e volto.

SANGUINO: Faça que resolvam logo, pelo sim ou pelo não. Não me faça aguardar à toa, viu!

SCARAMURÉ: **Deixa** comigo. Com licença.

BONIFÁCIO: São Judas Tadeu³⁶⁷, me ajude!

SANGUINO: Você, um, dois! Pra dentro. Esperem lá atrás.

Cena 19

(*Gioan Bernardo, Ascânio*)

G. BERNARDO: Então, meu filho: as coisas são de tal forma ordenadas, que à natureza não falta o necessário nem abunda o supérfluo. Veja bem: as ostras não têm pés, e por quê? Porque não são necessários pés lá onde vivem, tendo água e calor do sol que penetra até o fundo do mar. E as toupeiras não enxergam, não é? Porque passam a vida toda no subsolo e não precisam senão da terra, que lá não falta. A quem não tem arte, a natureza não dá ferramenta³⁶⁸.

ASCÂNIO: Certamente. Me contaram que um simpático censor da obra de Júpiter, um tal de Momo³⁶⁹, um destes seres necessários que falam sem papas na língua para príncipes e juízes, primeiro, para que assumam seus erros a despeito da bajulação dos puxa-sacos; segundo, para que tomem vergonha de fazer certas coisas; terceiro, porque a virtude é magnificada pelo seu contrário e a boa intenção, contrariada, se confirma e se manifesta em ato³⁷⁰. Pois bem, este censor de Júpiter...

³⁶⁷ Em it. é invocado aqui São Leonardo.

³⁶⁸ Bruno afirma a íntima racionalidade dos processos naturais, aproximando-se da teoria evolucionista, com intuição moderníssima. De fato, foi o naturalismo renascentista que abriu caminho ao estudo científico dos fenômenos naturais.

³⁶⁹ Momo, personagem central no *Spaccio de la bestia triunfante*, era o deus do riso na mitologia grega, exercendo o poder da zombaria e da sátira. Ainda no *Spaccio*, Bruno julga conselheiros e bajuladores muito menos dignos do que sátiros e bufões, nas Cortes.

³⁷⁰ O conceito de contradição, embasado na *coincidentia oppositorum* de Nicoló Cusano, é central na filosofia de Bruno. Afirmar a necessidade de alguém capaz de falar livremente para os poderosos, de outra forma não fiscalizáveis em época de Estados absolutistas, postula a necessidade de controle sobre os máximos poderes, o que embasa as futuras sociedades democráticas.

G. BERNARDO: ...que nem é contado entre os primeiros e melhores deuses do céu; porque os que têm braços curtos; normalmente têm língua de palmo.

ASCÂNIO: Pois é. Naquele tempo, Momo, disputando com Mercúrio, intérprete e advogado dos celestes, lhe perguntou assim: “Ô Mercúrio, seu sofista, loroteiro e babão do Todo-~~p~~-Poderoso, considerando que convém marear a vela ora segurando, ora lançando, içando e esticando conforme os ventos e as correntezas, como é que este seu mastro não tem escota? Mais livremente falando: por que ~~que~~ é que a boceta, com todo respeito para com os ouvidos finos, não tem botões?” Ao que Mercúrio respondeu: “Porque o caralho, com licença, não tem unha para desabotoá-la.”

G. BERNARDO: Ah, ah, ah!!! E como comentaram as outras divindades?

ASCÂNIO: A casta Diana e a tímida Minerva viraram as costas a fim de sair; um dos presentes falou “vão pro bordel”; ele poderia ter dito “ao diabo”, mas este respeitável senhor ainda não existia. Mestre, pra confirmar o que você disse, porquanto alguém lá de cima **tenha mexido, esteja mexendo e mexerá** muitas questões, no passado, assim como no presente e no futuro, jamais se achará erro nas coisas ordenadas pela natureza, a não ser em aparência.

G. BERNARDO: Isso mesmo. Os erros, equívocos e confusões que ocorrem são frutos da sorte, esta traiçoeira que deu um bem ao seu patrão Malefácio³⁷¹ e quase o tirou de mim. A sorte prestigia quem não merece, dá bom campo a quem não semeia, boa grama a quem não planta, dinheiro a quem não sabe gastar, filhos a quem não pode sustentá-los, apetite a quem não tem o que comer e biscoitos a quem não tem dentes. Mas, enfim! Temos que aceitar, porque a sorte é cega e caminha no escuro, procurando alguém a quem entregar os bens que tem nas mãos. E como o mundo está cheio de insensatos e patifes, acaba entregando-os a eles. Sorte grande é quando toca **a** uma pessoa digna, que são poucas, maior quando toca aos mais dignos, que são menos ainda, e grandíssima

³⁷¹ **Gioan** Bernardo ironiza o nome de Bonifácio, agora que tantos problemas se juntaram em torno de suas atitudes.

quando toca **a** um dos que realmente merecem, que são pouquíssimos. Ela não tem culpa: culpado é quem a fez. Júpiter nega; seja ele ou não o criador, se a sorte não é culpada, não se acha quem o seja.

ASCÂNIO: De forma que não é justo nem útil culpar a sorte ou culpar alguém por algo que depende da sorte. Muitos casos provam que é necessário e não só conveniente ser sortudo, pois a virtude por si só, sem ato, não é mais do que vaidade³⁷². Ah, mas quem quiser que corra atrás! Os deuses mandam minha audácia afastar o azar e conquistar tudo o que desejo, como aconteceu com você. Acredito que méritos e graças devam ser compartilhados, para que um precise do outro e, por consequência, todos se amem. Quem merece, que não tenha mercê [sem lutar pelo bem que crê merecer]; já quem tem mercê não precisa merecer mais nada³⁷³.

G. BERNARDO: Garoto, você fala bem e tem inteligência bem acima da sua idade. É verdade o que diz; eu mesmo sou uma prova. O bem do qual gozei esta noite não me foi concedido por Deus nem pela natureza: ao contrário, foi-me negado pela sorte. Mas o juízo me mostrou a oportunidade, a audácia me fez agarrá-la pelos cabelos e a perseverança me fez retê-la. Em cada coisa é o mesmo [que no começo da vida]: se a cabeça consegue passar, o peito e o corpo também passam³⁷⁴. Tenho certeza **de** que não vai precisar de tramoia, discurso e argumento nenhum para marcar os próximos encontros entre nós dois: dona Querubina e eu.

ASCÂNIO: Pois é, uma vez foi suficiente para que ela aprendesse a sua linguagem e você a dela: olhos que enxergam, ouvidos que escutam, línguas que dizem e corações que entendem. Às vezes, o que é concebido num instante, perdura a vida toda. Dom Paulinho,

³⁷² A ideia do mérito alude ao conceito de discernimento (*discrezione*) como capacidade de articular fortuna e virtude, aproveitando as oportunidades, coisa que era debatida no âmbito da filosofia política da Renascença por autores como Guicciardini e Maquiavel.

³⁷³ O elemento irracional da sorte mobiliza a virtude, através da audácia e do espírito empreendedor, na luta pela posse do bem desejado. Mérito e graça/sorte se compensam, resolvendo a aparente contradição inicial.

³⁷⁴ Quer dizer que, assim como no parto, em qualquer processo da existência o início é mais difícil.

pároco da igreja de Santa Prima³⁷⁵, que fica num vilarejo perto de Nola, numa sexta-feira santa recebeu Sipion Savolino³⁷⁶ em confissão; e sem problema algum o absolveu de todos os seus pecados, mesmo sendo graves e numerosos, porque eram compadres. Foi uma vez por todas. Nos anos seguintes, Sipion, sem maiores cerimônias, dizia a dom Paulinho: “Padre, os pecados de hoje o senhor já conhece do ano passado”, e dom Paulinho replicava: “Filho, renovo por mais um ano a absolvição dos pecados. *Vade in pacio et non amplio peccare.*”³⁷⁷

G. BERNARDO: Ah, ah, ah! Eu ficaria falando disso por horas. Está vendo aquela porta?

ASCÂNIO: Sim, mestre.

G. BERNARDO: Ali atrás fica o quarto onde o prenderam. É melhor não abrir a porta até que Scaramuré acene que está tudo resolvido. A essas horas deve estar procurando por mim. Não demore, vá buscar a dona Querubina. Peça a ela pra vir logo.

ASCÂNIO: Já vou. Nos encontramos aqui?

G. BERNARDO. Claro, o mestre Scaramuré não deve demorar para estar aqui. Agora vai.

Cena 20

(*Gioan Bernardo, sozinho*)

³⁷⁵ Trata-se de uma igreja cujas ruínas ainda eram visíveis não faz muito tempo. Dom Paulinho poderia ser identificado como “presbiter dominus Paulino de Magaldis”, que teria sessenta anos em 1526 e seria, portanto, velhíssimo quando da confissão de Savolino.

³⁷⁶ Tio materno de Bruno, pai de uma Morgana que talvez seja a *mesma da Dedicatória*.

³⁷⁷ Ascânio deforma a fórmula evangélica (*Lucas* 7, 50 e *João* 8, 11): *Vade in pace et noli amplius peccare*: “Vá em paz e não peque mais.”

G. BERNARDO: Pois é. Em cima do túmulo de Jacopon Tonsillo, aquele filósofo enjoado amigo dele³⁷⁸ escreveu um epitáfio que dizia mais ou menos assim:

Quem falha no primeiro botão

Nem no meio nem no fim acerta a mão:

Assim, de manhã soube minha sorte

Eu, Jacopon, aqui deitado em morte.

Vejam o que aconteceu ao meu amigo Bonifácio: fechou o primeiro botão fora da casa quando se apaixonou por uma mulher como Vitória; o segundo, quando acreditou que as mandingas do mestre Scaramurê pudessem soltar Satanás das grades e levar um coração feminino lá onde ele bem queria; por último, achou que poderia dar conta de um desejo tão estranho à sua própria natureza. Aí ficou encadeando uma desgraça após a outra como filhos e netos e bisnetos. Agora é bom que ele pague a conta das ofensas³⁷⁹ que nós, pobres inocentes, suportamos; o que ele deve fazer pedindo mil desculpas e suplicando misericórdia.

Cena 21

(*G. Bernardo, Ascânio, Scaramurê, Querubina*)

G. BERNARDO: Como chegaram rápido!

ASCÂNIO: Deparei-me com eles que já estavam vindo.

SCARAMURÉ: Então, todos prontos? Vamos libertar aquela pobre alma do purgatório.

³⁷⁸ O filósofo enjoado é Giordano Bruno; o túmulo pode ter sido de um amigo nolano de Bruno, um amigo que levou uma vida turbulenta e morreu assassinado.

³⁷⁹ Do it. *appuntar la stringa et assestar la brachetta col gippone* (costurar as calças no casaco), vale dizer, compensar o mal feito e arrumar tudo.

QUERUBINA: Fosse por mim, ele bem que poderia ficar lá. E eu aqui, sem nunca mais precisar vê-lo.

ASCÂNIO: É só querer, que acontece.

SCARAMURÉ: Já estive lá em casa de madame Vitória, buscando por você, mas só Lúcia sabia onde encontrá-la.

G. BERNARDO: Não precisa de mais ninguém. Querubina, meu anjo, faça de conta que está vindo de casa, com Ascânio. Deixe antes a gente negociar com Sanguino e sua turma; podem esperar um pouco aqui, neste canto.

QUERUBINA: Perfeito. Vem comigo, Ascânio?

ASCÂNIO: Por aqui, minha senhora, sente-se. Podemos escutar e calcular a melhor deixa para entrar.

QUERUBINA: Ótimo.

Cena 22

(Scaramuré, Gioan Bernardo, Corcovizzo, Ascânio, Sanguino, Barra)

SCARAMURÉ: Pronto. Vou bater. Toc, toc, toc.

CORCOVIZZO: Quem é?

SCARAMURÉ: Somos nós. Avise ao capitão que já estou de volta.

CORCOVIZZO: Já vou, patrão.

SCARAMURÉ: Este me parece que é Corcovizzo. Aqui o chamam de Bigodão, ou Barrigão, uma coisa assim, e ao outro, Coppino. Ouvi um ou outro malandro chamá-lo assim, não lembro.

G. BERNARDO: Aposto que seu Bonifácio, com aquele pedante do Manfúrio, vão acertar os nomes direitinho. Estão todos barbudos?

SCARAMURÉ: Pois é, com todos esses disfarces até parece uma comédia de verdade. Ao pedante só falta a barba, seu Bonifácio já tem uma, só falta colar. Os dois se conhecem, mas não sabem que nós também estamos disfaçados.

ASCÂNIO (*para Querubina*): Dona Querubina, e se você aparecesse com o seu disfarce também?

SANGUINO: Estão aqui? Não vejo a mulher. Sem ela, já disse, nada feito.

SCARAMURÉ: Capitão, a senhora está a caminho. Deve chegar em um minuto.

SANGUINO: **Então tá.** Guardas, tragam o homem aqui pra baixo.

SCARAMURÉ (*para Gioan Bernardo*): Fique na sua por um tempo.

G. BERNARDO (*para Scaramuré*): Não, não, agora deixe comigo. O negócio é meu.

SANGUINO: O senhor é mestre Gioan Bernardo, não é? Seja bem-vindo.

G. BERNARDO: Vossa Senhoria, quando soube do mestre Scaramuré que o senhor mandou me chamar, pulei da cama e vim logo! Já descobriu alguma coisa? Aquele malfeitor...

SANGUINO: Ôpa! Eu não mandei chamar ninguém. O senhor... como chama, Scaramuré, foi ele aí que insistiu para que eu concedesse essa audiência antes de levar o indivíduo pra cadeia. Pronto, o malfeitor está aqui. E disse que você ficaria satisfeitíssimo, que ele teria novidades do caso do disfarce. Ele, eu não. Eu só fiz o favor de aguardar já que o mestre Scaramuré ali suplicou tanto e ainda por cima o criminoso chorava. Mas não mandei chamar ninguém.

BONIFÁCIO: Por piedade! Não se exalte.

G. BERNARDO: Mestre Scaramuré. O senhor não disse que o capitão precisava falar comigo com urgência? Fiquei até estressado, vim correndo! Isso é uma brincadeira? De que lado você está? Você me enganou. Bela amizade a sua. Arquetou uma maneira de favorecer este péssimo sujeito, com total prejuízo para mim. Senhor capitão, quero dar outra queixa. Este indivíduo abusou do meu nome e manipulou a minha vontade, tratando com Vossa Senhoria e me incomodando para que eu me despencasse até aqui sem proveito nenhum e com grande aborrecimento para todos.

BONIFÁCIO: Nossa Senhora, misericórdia: não briguem...

SANGUINO: Devagar. Calma aí. Ainda vamos ver se o ato é tão criminoso que não dá para ajeitar tudo direitinho. Já que chegou até aqui, não se deixe levar pela cólera.

G. BERNARDO: Não vou tolerar isso, jamais. Nem mesmo quando a justiça for feita isso aí vai ficar bem pra mim.

SCARAMURÉ: Amigo, mestre Gioan Bernardo, deixe explicar; fiz o que fiz no seu interesse também. Quanto ao prejuízo, somos todos testemunhas de que, de qualquer delito cometido pela sua pessoa esta noite, quem deve levar a culpa é Bonifácio. Mas acalme-se: creia que tudo não passou de leviandade, coisa de marido e mulher.

G. BERNARDO: Ele não quis se passar por mim para que pensassem que eu tinha desonrado a mulher dele? Então? Quis confundi-la, pôr nós dois em risco de vida. Não percebem que ele quis enganá-la e me fazer o pior mal possível?

BONIFÁCIO: Não, não, Deus não queira! Por que eu haveria de fazer isso com o senhor, mestrezinho meu? Tenha piedade, pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. (*Aos pés de Gioan Bernardo.*)

G. BERNARDO: Solte o meu pé.

BARRA (*à parte*): É assim mesmo que eles fazem: na hora da necessidade, é devoção pra todos os santos. Depois que o perigo passa, banana³⁸⁰.

SCARAMURÉ: Mas veja, a mulher dele vestia roupas de outra mulher, que o mestre por sinal frequenta muito, sem prejuízo algum da sua honra; ou não? Vamos, mestre Gioan Bernardo, seja compreensivo. Quanto a mim, exagerei um pouco, mas era a única forma de convencê-lo a levantar da cama. Abusei da paciência do senhor capitão, mas nem você nem ele devem ser meus inimigos, já que só fiz isso para ajudar um sem prejudicar o outro.

SANGUINO: Pois é. Ainda por cima a mulher dele estava disfarçada de outra; se for só isso e não aparecer mais nenhuma malandragem, não dá pra entender de que forma poderia prejudicar o pintor.

BONIFÁCIO: Mestre Gioan Bernardo, me sinto obrigado a fazer tudo que for de sua vontade e interesses, quaisquer que sejam, no futuro. Pegue esta pobre alma do velho Bonifácio e, se assim quiser, a vitupere! Minha honra está em suas mãos. Não nego nem jamais negarei que dependo da sua misericórdia. Me faça esta graça! Uh, uh, uh!

SANGUINO: Chegou a sua esposa.

Cena 23

(*Querubina, Sanguino, Scaramurè, Gioan Bernardo, Bonifácio, Barra, Corcovizzo, Ascânio, Marca*)

QUERUBINA: Eis você, seu nojentíssimo concubinário de sua própria mulher!

³⁸⁰ Do it. *farrà un casocavallo a tutti*. *Caciocavallo* é um queijo típico do sul da Itália, em forma de cantil, que fica pendurado a cavalo em um bastão, parecendo com o gesto da “banana”, que é antiguíssimo na Itália.

SANGUINO: Nunca ouvi essa. Será que os profissionais da consciência já analisaram um caso assim, de alguém que é adúltero por foder a sua legítima esposa?

SCARAMURÉ: Senhora, senhores, chega de briga. Vamos resolver isso logo, entre nós, já que o capitão Palma fez o favor de aguardar pra ter a presença de dona Querubina também. Veja que a vergonha do seu marido não pode beneficiar sua honra nem ser útil para você, mestre Gioan Bernardo.

BONIFÁCIO: Isso mesmo! Piedade, misericórdia, pena de mim, caridade, compaixão! Senhora minha mulher, mestre Gioan Bernardo, perdoem! Pequei, mas foi só uma vez!

BARRA (*à parte*): Que coisa louca o mundo, não é? Há quem peca sempre e nunca faz penitência; há quem paga depois de muitos erros e quem dança logo no primeiro; há quem nunca pecou e mesmo assim paga penitência; alguns sofrem sem ter pecado e outros sofrem pelos pecados alheios. Agora, este cara conseguiu pagar em todas as opções simultaneamente.

BONIFÁCIO: Suplico a graça. Perdoem, como o Cristo perdoou Madalena e o Bom Ladrão.

MARCA (*à parte*): De bom esse aqui não tem nada, só de ladrão. Se for esperto como aquele que roubou o Paraíso, deve conseguir a graça direto de Deus³⁸¹. Você rouba mesmo, rouba o que pertence à sua mulher e dá tudo pra outras: o leite, o licor, a substância, o bem-bom, o maná!

G. BERNARDO: E mais minha barba, minha capa, minha aparência e talvez sz minha honra!

BARRA: Tem mais a ver com a Madalena³⁸², então.

CORCOVIZZO: Isso mesmo. Olha que Madalena arrependida, só que de barba e com quatrocentos piolhos em cada bochecha. E com que óleo gorduroso vai alisando os pés

³⁸¹ Alude ao episódio evangélico (*Lucas* 23, 39-42) em que o bom ladrão pede perdão a Cristo na cruz e obtém a promessa de que naquele mesmo dia estaria com ele no Paraíso.

³⁸² Nos Evangelhos, o nome de Madalena é usado seja para a prostituta arrependida quanto para a mulher que lava os pés de Cristo com seus cabelos (*Lucas* 7, 37-39 e 50).

do outro! Só lhe falta a saia pra virar uma Madalena arrependida! Temos que perdoar sim, mas da mesma forma que os judeus perdoaram a Barrabás³⁸³.

SANGUINO: Que crueldade com o pobre coitado! É a maneira de consolar os aflitos? Silêncio. Não se metam. E vocês, resolvam isso logo.

SCARAMURÉ: Vamos, é hora de perdoar. Em nome de Deus ou do diabo, que perdoou a Barrabás e ao Bom Ladrão. A esse não? Vejam, está pedindo de joelhos.

SANGUINO: É verdade. Tem que ter perdão.

G. BERNARDO: Dona Querubina, o que tem a dizer?

QUERUBINA: Quanto a mim, o perdoo desta vez. Mas que fique de olho pro futuro, pois juro que se voltar a fazer besteira lhe farei pagar por tudo que fez e fará.

BONIFÁCIO: Oh, está certíssima, Querubina minha!

QUERUBINA: Sua... Tá bom! Mas você é de madame Vitória.

BONIFÁCIO: Juro que nunca mais vai me pegar no flagrante.

QUERUBINA: Aprendeu a disfarçar melhor, é?

G. BERNARDO: Pois é, isso mesmo.

BONIFÁCIO: Não, não! Juro que ~~eu~~ nunca mais vou enganá-la!

BARRA: Faz como as mulheres que, quando sentem as dores do parto, juram que vão trancar o portão para sempre: “Marido traidor, nunca mais vou fazer aquilo, se você enco~~n~~star em mim te capô, te mato, te esfolo.” Mas, logo que a criatura sai, já querem que aquela outra entre pra não dar vácuo. Esse aqui, parece que se arrependeu igual a uma fêmea que pariu.

³⁸³ Não por piedade, mas por conveniência. Os evangelhos narram que Pilatos, seguindo o costume de libertar um condenado à morte por ocasião da Páscoa, pediu ao povo que escolhesse quem ele deveria soltar, se Jesus ou Barrabás, um ladrão preso por assassinato. O povo pediu para perdoar +Barrabás (*Mateus* XXVII, 16-26).

SANGUINO: Que bela amostra de caridade diante de um em lágrimas e outro em cólera! Ficar falando besteira! Silêncio!

QUERUBINA: Eu já perdoei, pra sua sorte. Agora, pela minha honra, suplico, mestre Gioan Bernardo, que retire a queixa e faça com que o capitão o solte.

BONIFÁCIO: Sei como agradecê-la, esposa querida. Até hoje a amei por obrigação, faltando-lhe com o respeito. A partir de hoje a amarei com todas as obrigações e todo o respeito.

G. BERNARDO: Senhor Bonifácio, eu sou um homem de bem. Cristão católico apostólico. Me confesso e comungo nas principais festas do ano. Meu ofício é a pintura, isto é, doar aos olhos dos devotos as imagens de Nosso Senhor, da Nossa Senhora e de outros santos do Paraíso. Portanto, meu coração não suporta vê-lo em penitência e não perdoá-lo. Como é minha obrigação de devoto e bom cristão, eu o perdoo. Deus perdoa no céu e eu na terra. Somente peço, já que é meu direito não deixar ninguém estragar meu nome³⁸⁴, que você se comprometa a pagar toda e qualquer indenização caso tenha cometido outros delitos sob minhas feições. Isso você promete agora, diante do capitão, ministro da justiça, de mim, da sua mulher, do mestre Scaramurê e dos demais presentes.

SANGUINO: Jure!

BONIFÁCIO: Juro e rejuro, afirmo e firmo, prometo com as mãos em cruz que nenhum delito cometi que possa contrariar o mestre Gioan Bernardo, afora ter fingido ser ele para não ser reconhecido enquanto entrava e saía do quarto de madame Vitória; e nisso não há escândalo ou consequência alguma para o mestre Gioan Bernardo já que ele é dono do quarto que madame aluga.

³⁸⁴ Do *lat. macarrônico* *Honore meom nemini tabbo*, deformação do verso bíblico *Honorem meum nemini dabo* (*Provérbios* 5, 9): “A ninguém vou ceder minha honra.” Toda a cena da ambígua conciliação entre Querubina, Bonifácio e Gioan Bernardo, garantindo a futura relação entre os dois amantes com exclusão do *candelaio*, alude ao final de *A Mandrágora*, de Maquiavel.

SANGUINO: Se for só isso, não foi erro grave. Caso encerrado. Seu Bonifácio, levante e abrace o mestre Gioan Bernardo. Sejam melhores amigos no futuro: ajudem-se e visitem-se um ao outro.

G. BERNARDO: Assim será. Levante-se, amigo meu, aceite o meu abraço.

BONIFÁCIO: Mestre! Vou ser seu servo pro resto da vida.

BARRA: Sejam bons companheiros.

SANGUINO: Abrace a sua esposa também, pode beijar!

QUERUBINA: Deixe, não precisa de beijo. Estamos em paz.

~~MARCA~~: Pra casa, agora. Trate bem de sua mulher, seu Bonifácio. Caso ela não fique satisfeita com o tratamento, o mestre Gioan Bernardo, junto com ela, vai castigá-lo.

SANGUINO: Paz está feita. Vão com Deus. Podem passar por aqui, por favor. Ah, seu Bonifácio, não se esqueça da oferta que prometeu aos meus guardas, pelo incômodo que tiveram... Lembra?

BONIFÁCIO: Tá bom. Com a maior boa vontade.

SCARAMURÉ: Vamos! Que maravilha: voltou a paz nessa família, seu Bonifácio, dona Querubina, mestre Gioan Bernardo. Três em um!

BONIFÁCIO: Amém. Passem bem.

QUERUBINA: O senhor já vai embora, mestre Gioan Bernardo?

G. BERNARDO: Jamais, minha dona. A senhora na frente...

QUERUBINA: Ah, que bom que seja assim.

G. BERNARDO: Venha, é sua vez, madona.

QUERUBINA: Pois não, para servi-lo e obedecê-lo.

G. BERNARDO: Vamos comigo, seu Bonifácio. Cuidado pra não escorregar. Pode pegar na minha capa.

BONIFÁCIO: Deus me livre, mestre.

SANGUINO: Guardas, acompanhem os senhores. (*Para Ascânio.*) Garoto, você fica mais um pouco aqui. Vocês todos, adeus.

ASCÂNIO: Pronto, ao seu dispor.

CENA 24

(*Sanguino, Ascânio*)

SANGUINO: O que me diz do seu patrão Bonifácio?

ASCÂNIO: Pelo que eu sei, tudo de bom.

SANGUINO: Um homem de bem, sábio, esperto, respeitado e respeitável, não é?

ASCÂNIO: Como todos **que são feito ele.**

SANGUINO: Quem **te parece feito ele?**

ASCÂNIO: Os que **não o conhecem nem mais nem menos do que ele se conhece e os que valem nem mais nem menos do que ele.**

SANGUINO: Entre os loucos, onde é que ele despacha?

ASCÂNIO: Há diversas espécies de loucura. Dizem que há loucos apáticos, loucos tristes e loucos bons. O meu patrão tem das três loucuras: dormindo é apático, desperto é triste, morto é bom.

SANGUINO: Mas me diga, por que Dona Querubina casou com ele?

ASCÂNIO: Por isso! ~~É louco!~~

SANGUINO: Será que ela agiu em boa-fé?

ASCÂNIO: Agiu muito bem, em fé da cara barbuda daquela velha bruxa, a mãe Angela. Ela que aconselha e pastoreia as mulheres napolitanas à caça de marido³⁸⁵. Se precisar de água de São Pedro Apóstolo, sangue de São Sebastião, cinzas de Santo André, grãos miraculosos, sementes bentas, incenso mágico, medalhinhas, relíquias, pó de ossos de mártir³⁸⁶, a mãe Angela tem! Quem quiser comprar boa sorte, que vá ver a mãe Angela Spigna! Então lá foi dona Querubina e disse: “Minha mãe, querem que eu case com Bonifácio Truque³⁸⁷, que tem como me sustentar.” A velha disse: “Então, case.” Dona Querubina disse: “Mas é velho, eu não quero.” E a velha: “Então não case.” Querubina disse: “Meus pais querem.” E a velha: “Então, case!”; Querubina: “Mas eu não gosto dele.” E a velha: “Não case.” “Bem”, disse Querubina, “parece de bom berço”, e a velha replicou: “Case ~~com ele!~~” “Mas é avarento, eu não quero!”; “Ah, ~~então~~ não case ~~com ele.~~” “Mãe”, disse Querubina, “dizem que ele é pau pra toda obra.” E a velha mãe Angela: “Ahn, case logo.” Querubina disse: “Mas será que dá o cu?” E a velha: “Pois é, melhor não casar.” Enfim, Querubina disse: “Sabe o que é, todo mundo diz que ele é louco”, aí a mãe Angela gritou sete vezes, “Casa, casa, casa, casa, casa, casa e casa! Não ligue se ele é castiçal e dá três jantares com um feijão³⁸⁸. Que você não goste dele, pouco importa. O que importa é que ele seja louco, mas cuidado para que não seja um daqueles enjoados e amargos.”; “Não, com certeza não é”, refletiu Querubina. “Então”, concluiu mãe Angela, “case logo de uma vez.”³⁸⁹ E ela casou. Opa! Bem na hora, voltaram os colegas.

³⁸⁵ A crônica não dá notícias dessa Angela Spigna, que devia ser uma espécie de curandeira casamenteira, dada a práticas esotéricas e sustentada pela superstição das mulheres napolitanas e pela devoção ao culto dos santos. Há uma personagem parecida (Gemma) no *Ipocrito*, de Pietro Aretino (I, 7).

³⁸⁶ *Do it. Agnus dei* (objetos bentos, tais quais a imagem do carneiro, usados como amuletos), *granelli benedetti, acqua di san Pietro Martire, semenza di san Giovanni, manna di sant'Andrea, l'oglio del grasso dela midolla de la carne de l'ossa del corpo di san Piantorio* (“óleo da banha da medula dos ossos do corpo”).

³⁸⁷ Já chamado de *Luccus* (louco) por Manfúrio (II, 7), agora de *Trucco* com alusão ao ardid do disfarce.

³⁸⁸ É pederasta e avarento.

³⁸⁹ O colóquio com a mãe Angela tem fontes ilustres, tais como o diálogo entre Panurge e Pantagruel, em Rabelais.

Cena 25

(*Sanguino, Corcovizzo, Barra, Marca, Manfúrio, Ascânio*)

BARRA: Pronto! Despachamos um. Agora só falta o outro, aquele **dono magister**.

SANGUINO: Hi, esse caso é fácil. Culpado. Não está claro que estava mascarado? Não roubou a capa de Tiburolo? Não viram **ele** fugir da polícia? Então?

MARCA: Pois é. Mas ele reclama que é inocente.

SANGUINO: Por isso mesmo ele vai preso.

MANFÚRIO: Excelentíssimo, *verum est*. Mas, se formos para o calabouço, despencaremos no conceito de nossos escolásticos pupilos.

SANGUINO: O que que ele falou?

CORCOVIZZO: Sei lá. Deve ser alguma língua estrangeira³⁹⁰.

SANGUINO: Vou ser claro **e breve**. Veja, seu **magister**, o que prefere: ou o senhor vai pra cadeia hoje mesmo, ou paga a fiança aos colegas. Deve ter mais grana **aí** na sua bolsa, além do trocado que o ladrão pegou. Certo, professor?

MANFÚRIO: *Minime*. Juro que não tenho mais nada, me levaram tudo! **Ita, mehercle, per Iovem Altitonantem, vos sidera testor**³⁹¹.

SANGUINO: Veja bem, professor. Errou, tem que pagar. Quer ficar no xadrez? Não, né? Não tem grana? Que pena. Então, escolha: ou leva cinquenta chicotadas na bunda, ou então dez golpes de ferro na palma da mão³⁹². Não vai sair daqui sem fazer penitência.

³⁹⁰ **Do it.** *Non l'intenderebbe Sansone* (Não o entenderia Sansão). Na *Bíblia*, Sansão interpreta enigmas e línguas desconhecidas (*Juízes* 16, 12-18).

³⁹¹ **Lat.**: “Foi assim, por Hércules, por Júpiter tonitruante, as estrelas sejam testemunhas diante de vocês.”

MANFÚRIO: Hum. *Duobus propositis malis minus est tolerandum, sicut duobus propositis bonis melius est eligendum*, diz o príncipe dos Peripatéticos³⁹³.

ASCÂNIO: Professor, se não falar direito, essa gente vai desconfiar mais ainda.

BARRA: Como pode ser confiável um sujeito que faz de tudo para não ser entendido?

MANFÚRIO: *Nil mali vobis imprecor*. Longe de mim querer perjuriá-los.

SANGUINO: Jure o quanto quiser, de nossa parte não vai ter salvação.

CORCOVIZZO: Escolha logo o que prefere. Me dá uma vontade de amarrar e bater ~~a~~ à toa!

~~SANGUINO:~~ *Minus pudendum erit palma feriri, quam quod congerant in veteres flagella nates*³⁹⁴: ao menos não é coisa de criança.

SANGUINO: Como é que é?

MANFÚRIO: Prefiro a palmatória.

SANGUINO: Você (*para Corcovizzo*), segure e bata firme!

CORCOVIZZO: Pronto, já vai. Uma!

MANFÚRIO: Ai! Jesus Maria.

CORCOVIZZO: Abra essa mão. Duas.

MANFÚRIO: Ai, ai! Maria de Jesus!

CORCOVIZZO: Abra a mão, estou falando. Estique direito! Três.

MANFÚRIO: Ai! Ai! Paixão de Cristo, não suporto mais! Prefiro a cavalaria!

³⁹² A escolha é entre dois castigos normalmente infligidos pelos mestres aos estudantes: a cavalaria, já descrita na nota 6, e a palmatória. A cena do pedante submetido às chicotadas já comparece no Aretino e no *Pedante* do Belo; será imitada por Porta na *Fantesca* e por Molière em *O Doente Imaginário*.

³⁹³ Lat.: “Entre dois males, deve ser **elegido** o menor, entre dois bens, o melhor”, segundo Aristóteles (*Retórica* I, 6).

³⁹⁴ Lat.: “Ser batido nas palmas não é tão vergonhoso como ser chicoteado nas velhas ~~na~~degas.”

SANGUINO: Muito bem. Você (*para Barra*), segure-o pelas costas. Você (*para Marca*), pelos pés. Você (*para Corcovizzo*), baixe as calças. Eu mesmo aplico. E você, professor que sabe de tudo, conte, uma por uma, para eu ouvir direito, e veja de não errar porque aí a conta zera e começa tudo de novo. Ascânio, você é o juiz!

MARCA: Estamos prontos, capitão. Manda ver. Não machuque as calças porque elas não têm culpa.

SANGUINO: Por São Chicote!³⁹⁵ Conta!

MANFÚRIO: Uma! Ai, duas! Ai, três. Ai de mim, quatro! Ai, ai, ai, pelo amor de Deus, ai, sete!

SANGUINO: Depois de quatro era cinco, não sete. Recomeçemos.

MANFÚRIO: Ai de mim, socorro! *In rei veritate*³⁹⁶: eram sete, mesmo!

SANGUINO: Não sabe nem contar? Uma por uma! Vai, conta. Do zero!

MANFÚRIO: Uma, ai, ai. Duas, ai de mim; três, quatro, chega! Cinco, seis, chega! Chega! Recordei-me de mais umas moedas. Ali, na minha bolsa.

SANGUINO: Vai ter que recomeçar, você bagunçou a conta outra vez. Pulou muitas.

BARRA: Momento, capitão. Talvez prefira mudar de castigo e pagar a fiança...

SANGUINO: Como assim? Declarou não ter nada.

MANFÚRIO: Não, não! Ocorre-me que há mais quatro moedas.

SANGUINO: Ahn. Soltem, vamos ver essa bolsa.

BARRA: Cristo! Sete moedas!

³⁹⁵ Do it. *Santa Scopetella*, com alusão às formas de chicotear.

³⁹⁶ Lat.: “de verdade”.

SANGUINO: Muito bem. Mentiu de novo! Segurem. Mais setenta chicotadas por reincidência! É vício mesmo. Conte!

MANFÚRIO: Misericórdia! Levem o dinheiro, a bolsa, aqui meus óculos, minha capa, meu sapato! *Dimittam vobis!*³⁹⁷

SANGUINO: Guardas, aceitem a compensação. Dê aqui a capa. A justiça vai devolver ao legítimo proprietário. Vamos embora. Boa noite pra você, Ascânio.

ASCÂNIO: Tudo de bom pro senhor, capitão. Foi uma boa lição; não é, professor?

Cena 26

(*Manfúrio, Ascânio*)

MANFÚRIO: Quando terminará isso tudo?³⁹⁸

ASCÂNIO: Oi, professor. Mestre Manfúrio!

MANFÚRIO: Quem é? Quem ainda me reconhece neste estado? Quem me chama pelo nome?

ASCÂNIO: Não importa. Abra os olhos. Veja onde está.

MANFÚRIO: *Quo melius videam*, para enxergar algo, corroborar a intuição e confirmar a potência visória, de modo que o raio emitido pela pupila com impulso eficaz na linha reta até o objeto visível penetre com sua imagem na faculdade interior *idest*, com palavras ordinárias, na fantasia: preciso dos meus óculos, pronto, bem em cima do nariz. (*com os óculos*) Oh! Quem são essas pessoas assentadas em semi-círculo?

ASCÂNIO: Não parece um teatro?

³⁹⁷ Lat.: “Vou dar tudo!”

³⁹⁸ Do lat. *Ecquis erit modus?*

MANFÚRIO: Ah, sim. É mesmo³⁹⁹.

ASCÂNIO: Percebe? O senhor está em cena!

MANFÚRIO: Quem? *Ego? Omne procul dubio*⁴⁰⁰.

ASCÂNIO: [~~O senhor é personagem de uma comédia~~] O que gostaria que acontecesse agora?

MANFÚRIO: Que terminasse! *Neque enim et ego risu ilia tendo*⁴⁰¹.

ASCÂNIO: Ótimo, então cabe-lhe pedir os aplausos.

MANFÚRIO:

Quam male possum plaudere,

Tentatus patientia,

Nam plausus per me factus est

Iam dudum miserabilis,

Et natibus et manibus

*Et aureorum sonitu. Amen*⁴⁰².

ASCÂNIO: Peça as palmas. Acho melhor o senhor fazer isso logo, no melhor estilo de professor e homem letrado que é, antes que entre gente em cena de novo e aí, pior para você.

MANFÚRIO: Vou tentar. *Hilari efficiam attimo, forma quae sequitur*⁴⁰³. Feito um marinheiro quando finalmente aporta, ainda que no navio de mastro quebrado, velas

³⁹⁹ Do lat. *Ita, sane*.

⁴⁰⁰ Lat.: “Pois é, sem dúvida.”

⁴⁰¹ Lat.: “Não quero mais oferecer a bunda às gargalhadas.” Brincadeira sobre um verso de Virgílio (*Georg.* III, 506-507).

⁴⁰² Lat.: “Mal posso aplaudir / com a paciência esgotada / bater palmas para mim é razão pra chorar / pois tenho as mãos e as nádegas esfoladas / e o dinheiro foi embora. Amém.”

⁴⁰³ Lat.: “Farei isso com entusiasmo, com as seguintes palavras.”

rasgadas, sem escotas e sem leme, salvo da tempestade, no fim da viagem aplaude feliz, conforme canta Virgílio: *Votaque servati solvent in littore nautae / Glauco, et Panopeae, et Inoo Melicertae*⁴⁰⁴; assim *ego, Manfurius*, professor emérito e não imerecido de letras clássicas e, se quiserem, teólogo, filósofo, filólogo e sociólogo⁴⁰⁵, aportando ao fim desta calamidade e dos meus aflitivos revééses, após pagar votos e oferendas⁴⁰⁶, felizmente *plaudo. Proinde digo vobis*⁴⁰⁷, prestigiada plateia cujos olhos e bocas *in me video esse coniectos*⁴⁰⁸, como eu não podendo juntar as palmas, nem abrir a minha bolsa, aplaudirei com todo coração, por estar no fim dessa minha cômica tragédia, assim e por conseguinte, vocês, senhores e senhoras que da minha desgraça tiraram tanta alegria, gozando de melhor sorte que a minha⁴⁰⁹, *valete et plaudite* com máxima generosidade.

Fim

⁴⁰⁴ Lat.: “Os marinheiros, trazidos em salvo até a areia, oferecerão primícias a Glauco, Panopea e Melicerta, filho de Ino” (*Georg.* I, 436-437).

⁴⁰⁵ Do lat.: *Ego Mamphurius, graecarum, latinarum vulgariūque literarum, non inquam regius, nec gregius, sed egregius, — quod est per aethimologiam e grege assumptus, — professor; nec non philosophiae, medicinae, et iuris utriusque, et theologiae doctor; si voluissem* (Eu, Manfúrio, professor não digo régio, nem do rebanho, mas digo egrégio – que pela etimologia é seletto da grei – de letras gregas, latinas e modernas; como também doutor em filosofia, medicina, leis e teologia se eu quiser).

⁴⁰⁶ Do lat. *post hac vota soluturus* (quase no ponto de cumprir os votos).

⁴⁰⁷ Lat.: “Por isso vos digo.”

⁴⁰⁸ Do lat. *quorum omnium ora, atque oculos...* (cujos olhos e faces agora vejo todos concentrados nos meus).

⁴⁰⁹ Do lat. *meliori hactenus acti fortuna.*